REVISTA DA SEMANA

N. 5 Brasil

NESTE NÚMERO:

GRANDEZA E MI

NO IV CENTEN

JOSÉ LINS

E A RÚS

DO BRASIL"

GRÁTIS

EM CADA 10 LIVROS, VOCÊ GANHA 1 GRÁTIS!

191. A CURA DA IMPOTÊNCIA SEXUAL — Livro escrito por autoridade no assunto. Cr$ 20.

61. ELETRICIDADE DO AUTOMÓVEL — A parte elétrica num carro é das mais importantes e a causa de inúmeros enguiços. Cr$ 15.
137. HABILIDADES E PROEZAS DA JUVENTUDE — Tôda a espécie de acrobacias, ginásticas, maneiras de laçar, diversões, ventriloquismo. Jiu-jitsu, conhecimentos úteis. Cr$ 15.
138. ENGUIÇOS DO AUTOMÓVEL, explicados de maneira fácil e com ilustrações. Como consertar. Cr$ 15.
169. ANEDOTAS ESCOLHIDAS do repertório brasileiro e internacional. Cr$ 15.

170. APRENDA A DANÇAR sem mestre. Método fácil que permite até ao mais errado aprender com relativa rapidez os passos iniciais da dança. Muito ilustrado, método moderno com os esquemas dos pés sôbre o assoalho. Cr$ 15.

184. A. Poe — O DUPLO ASSASSINATO DA RUA MORGUE — A mais interessante obra policial publicada até hoje. Cr$ 10.
185. CONTOS DO VIGÁRIO, PULO DOS NOVE, Etc. — Aprenda a conhecer os "golpes" da malandragem, e como se defender dêles. Cr$ 15.
186. VOCÊ SABE CONVERSAR? Meios fáceis de melhorar o "bate-papo" — Quem quer ser relacionado precisa melhorar. Cr$ 15.
187. GUIA DE MASSAGENS — Especialmente aplicada aos esportes. O livro tem tôda a teoria de massagem ilustrada. Cr$ 15.

ROMANCES APAIXONANTES

240. B. Guimarães — A ESCRAVA ISAURA
248. Feuillet — ROMANCE DE UM MOÇO POBRE. Cada um Cr$ 10.

1001 INFORMAÇÕES ÚTEIS

Obra em 2 volumes completíssimos, contém conhecimentos sôbre promissórias, vendas, aval, contratos, cheques, dinheiro, hipotecas — enfim tudo que pode interessar a você.
1.º vol. N. 192 Cr$ 15.
2.º vol. N. 247 Cr$ 15.

199. HOMEOPATIA PARA TODOS — Livro completo que traz as indicações dos remédios, para cada doença. Cr$ 15.
219. 500 TESTES DE PORTUGUÊS. Passados em concursos oficiais e com suas soluções. Cr$ 15.
220. LIVRO DE BOLSO PARA ENFERMEIROS — Detalhadamente as técnicas de curativos mais comuns em tôdas as emergências. Cr$ 15.

ROMANCES DO RIO ANTIGO
De J. M. Macedo
Deliciosos Romances Cariocas

227. A MORENINHA
228. O MOÇO LOIRO
274. A NAMORADEIRA
243. AMORES DE UM MÉDICO
273. UMA PAIXÃO ROMÂNTICA
Cada um apenas Cr$ 10.

230. COMO SE FIZERAM AS GRANDES FORTUNAS — A história dos Rockefeller, Rothschild, Morgan, Nobel, Ford, Disraeli, Carnegie, Krupp, Kaiser e Matarazzo. Cr$ 15.
233. FOTOGRAFIA PARA PRINCIPIANTES Cr$ 15.
234. MANUAL DO FOTÓGRAFO AMADOR Cr$ 15.

236. MÉTODO DE CORTE E COSTURA SEM MESTRE — Útil, ilustrado, prático, cheio de moldes, figuras e sugestões. Cr$ 15.

242. DICIONARIO DE SINÔNIMOS — Muito autorizado, grande número de verbetes. Cr$ 15.
253. AS LEIS TRABALHISTAS SIMPLIFICADAS — Agora você pode conhecer os seus direitos, pois êste livro é escrito em linguagem muito fácil. Cr$ 15.
258. RACHA-COCOS ou QUEBRA-CABEÇAS PARA SABIDOS — Magnífica seleção de charadas e passatempos que não são sopa. Cr$ 10.
260. GUIA DO CRACK — Técnicas e táticas para melhorar o seu jôgo de futebol. Cr$ 15.
263. MANUAL DO ESCOTEIRO — Tudo que o escoteiro precisa, regras, jogos, conselhos, etc. Cr$ 15.

272. GUIA PRATICO PARA CRIAR O BEBÊ Desde os preparativos para receber o bebê, a sua alimentação, amamentação, doenças, remédios, e tudo o mais necessário até aos 6 anos. Cr$ 15.

3. FELICIDADE SEXUAL NO CASAMENTO — Crenças e Superstições. Técnicas, Manual Amoroso. Posições Modernas. Travesti. Sadismo e Mazoquismo. Fetichismo. Exibicionismo, Fellatio. Pederastia. Cr$ 15.
4. COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS — Desviados Sexuais. Modos de Expressão Sexual. Por que há homossexuais? Necrofilia. Travesti. Nudismo e Sexo. Pervertidos. Cr$ 15.
5. GUIA ÍNTIMO DA SEXUALIDADE — Um manual prático sôbre a intimidade e a técnica do ato sexual. Cr$ 15.
6. VIGOR SEXUAL — Como adquirir. Como aumentar e como conservar a virilidade. Cr$ 20.
7. DICIONARIO MODERNO DE SEXO E AMOR — Todos os assuntos analisados e explicados. Cr$ 15.

87. MÉTODOS PARA LIMITAR OS FILHOS — Científicos, Práticos, Eficientes, Modernos. Cr$ 20.

ROMANCES DE EMILE ZOLA

As melhores obras do mestre do realismo francês; sexo, crime, paixões, amores sublimes.
180. NANA — 215. A BÊSTA HUMANA — 269. TERESA RAQUIN — 65. O BANHO — 208. A TABERNA — 261. GERMINAL.
Belas capas, formato uniforme. Cada volume apenas Cr$ 10.

174. MANUAL DA VIDA SEXUAL — Os órgãos sexuais. Os hormônios. O defloramento. O ato sexual. O homem impotente. A mulher fria. Posições. E tudo mais da vida sexual. Cr$ 20.
190. REGRAS OFICIAIS DE FUTEBOL — Livro muito completo e atualizado. Cr$ 15.

ROMANCES FAMOSOS — Livros que além de prenderem a atenção precisam ser lidos por qualquer pessoa que tenha pretensão de ser culta.

270. Balzac — A MULHER DE 30 ANOS
245. Dostoiewski — O JOGADOR
207. Dostoiewski — CRIME E CASTIGO
179. Sienkiewichz — QUO VADIS
181. O. Wilde - O RETRATO DE DORIAN GRAY.
195. Flaubert — MADAME BOVARY
229. Dumas — A DAMA DAS CAMÉLIAS
210. V. Hugo — O HOMEM QUE RI
216. Gauthier — MADEMOISELLE DE MAUPIN.
266. Bronte — MORRO DOS VENTOS UIVANTES.
250. Prevost — MANON LESCAUT
254. S. Pierre — PAULO E VIRGÍNIA
255. C. Bronte — JANE EYRE
265. Austen — ORGULHO E PRECONCEITO
275. Merimé — AMORES DE CARMEM
289. Warin — ROMEU E JULIETA
293. Lamartine — GRAZIELA
285. Spielhagen — A VIÚVA ALEGRE
Cada um Cr$ 10.

164. TESTES DE MASCULINIDADE E FEMINILIDADE — Existem em tôdas as pessoas caracteres sexuais do homem e da mulher. Tudo é uma questão de porporção. O que você é: Mais homem ou mais mulher Cr$ 15.
172. TEORIA E PRATICA DO EXISTENCIALISMO — Você sabe o que é existencialismo? Cr$ 15.
182. REGRAS PARA VENCER NA VIDA — Interesantíssimo e útil. Livro de sucesso absoluto. Você pode ser um vencedor. Cr$ 15.

206. AS AMANTES DO IMPERADOR — A vida íntima e os romances e as mulheres de D. Pedro I. Cr$ 10.
GRANDES CORTESAS — As mais famosas libertinas da História. Frinéia, Messalina, Teodora, Lucrécia Bórgia, Pompadour, Du Barry e Lola Montes. Um grande escritor, De Kock nos conta as intimidades de seus casos de amor.
1.º vol. N. 178 - Cr$ 15. — 1.º vol. N. 217 - Cr$ 15.

209. É FÁCIL GANHAR DINHEIRO — Princípios, conselhos, fórmulas para aumentar a renda. Cr$ 15.

211. REGRAS E COMENTARIOS DE BASQUETEBOL — Útil, completo, ilustrado, autorizado. Cr$ 15.
212. LEVANTAMENTO DE PÊSO — Princípios, regras e conselhos. Cr$ 15.
213. O CASAMENTO E SUAS FORMALIDADES, legais, sociais e religiosas. Manual completo. Cr$ 15.

ROMANCES DE AVENTURAS

223. A. Dumas — O CONDE DE MONTE CRISTO Cr$ 10.
232. Escrich — HISTÓRIA DE UM BEIJO Cr$ 10.
249. Ohnet — O GRANDE IDUSTRIAL Cr$ 10.
251. Dumas — A MAO DO FINADO Cr$ 10.
252. Stevenson — A ILHA DO TESOURO Cr$ 10.

145. VENÇA A TIMIDEZ SEXUAL — O Mêdo é o principal espantalho da satisfação sexual. Aprenda a dominar o mêdo do sexo. Cr$ 20.
94. A SANTA CRUZ DE CARAVACA — Tesouro de Orações de grande virtude e eficiência, para curar as doenças, contendo também grande número de práticas, feitiços e encantamentos. Cr$ 15.

147. MÉTODOS PARA HIPNOTIZAR Cr$ 15.

A MELHOR COLEÇAO DE LIVROS COM MODELOS DE CARTAS
20. SUGESTÕES PARA CARTAS DE AMOR Cr$ 15.
21. MANUAL DE CORRESPONDÊNCIA AMOROSA Cr$ 15.
162. FORMULARIO DE CORRESPONDÊNCIA SOCIAL Cr$ 15.
163. MODELOS DE CARTAS SENTIMENTAIS Cr$ 15.
143. MODELOS DE CARTAS COMERCIAIS Cr$ 15.
237. GUIA DE REDAÇÃO OFICIAL Cr$ 15.
90. MODELOS DE CARTAS PARA TODOS OS FINS — 1.º volume Cr$ 15.
257. MODELOS DE CARTAS PARA TODOS OS FINS — 2.º volume. Cr$ 15.
Êstes dois últimos são acompanhados de uma série de conselhos úteis para tôdas as modalidades de correspondência.

22. QUEBRA-CABEÇAS, MAGICAS E PASSATEMPOS — Os princípios mais fáceis, os truques realizados sem aparelhos, é ótimo para se iniciar. Cr$ 15.
27. FALA E ESCRÊVE CORRETAMENTE A TUA LÍNGUA — O manual mais prático, que ensina com grande facilidade os princípios essenciais para bem escrever o português. Cr$ 15.

JOSÉ DE ALENCAR — A MAIS BELA COLEÇÃO DO GRANDE ROMANCISTA A PREÇOS ACESSÍVEIS

CADA UM APENAS CR$ 10.

300. O GUARANI — 222. IRACEMA — 256. O TRONCO DO IPÊ — 224. UBIRAJARA — 225. DIVA — 226. A VIUVINHA — 239. LUCÍOLA — 241. SENHORA — 238. A PATA DA GAZELA.

Todos em formato igual. Bela coleção, lindas capas.

36. MANUAL DO MOTORISTA — Todo ilustrado, útil e prático. Princípios gerais, Mecânica, Tráfego. Cr$ 15.
66. PROBLEMAS SEXUAIS DOS SOLTEIROS — Desde a adolescência até à maturidade. Relações sexuais entre pessoas não casadas. Cr$ 15.
67. ESTIMULANTES SEXUAIS — Proibidos e Permitidos — O que há de verdadeiro ou falso. Cr$ 15.

68. O LIVRO DAS MAGICAS — Livro muito ilustrado, ensina com facilidade os truques desta arte. Cr$ 10.
69. TIRA-DÚVIDAS DE PORTUGUÊS — Em forma de dicionário, as principais e mais comuns dúvidas de português. Cr$ 15.

RECEITAS GOSTOSÍSSIMAS PRATOS DELICIOSOS

86. A COZINHA NORTISTA Cr$ 10.
79. A COZINHA FRANCESA Cr$ 10.
83. A COZINHA ITALIANA Cr$ 10.
85. A ARTE DE FAZER DOCES Cr$ 15.
221. PRATOS ECONÔMICOS E SAROSOS Cr$ 10.

64. GRAFOLOGIA PRATICA — Aprenda a conhecer o caráter das pessoas, pela letra e maneira de escrever. Cr$ 15.
78. TESTES DE INTELIGÊNCIA — Útil e agradável, testes usados em concursos, boa distração. Cr$ 10.
89. VOCABULÁRIO ORTOGRAFICO DE BOLSO — Feito por processo fotográfico do Vocabulário da Academia — Assim não tem erros de impressão. Cr$ 40.

91. ESTUDOS SÔBRE O AMOR Cr$ 15.
92. A CONQUISTA AMOROSA PELA APLICAÇÃO DA PSICOLOGIA SEXUAL — Ensina ao homem e à mulher os segredos da atração sexual Cr$ 15.
93. A ARTE E A TÉCNICA DO BEIJO Cr$ 15.

95. ANORMALIDADES SEXUAIS Cr$ 20.
125. PRÁTICAS SEXUAIS NO MATRIMÔNIO — O que é permitido, o que é proibido. Técnica de posições e relações sexuais. Cr$ 20.
126. PSICOSSEXUALIDADE — A influência do pensamento, do mêdo e de outros fatores sôbre o sexo Cr$ 20.
127. HABITOS SEXUAIS DO HOMEM — O Inquérito Kinsey sôbre o sexo faz revelações sensacionais sôbre comportamento sexual do homem Cr$ 20.

122. DISCURSOS PARA TÔDAS AS OCASIÕES — Grande variedade; apropriados para as mais diversas eventualidades, desde Batizados até Enterros, Celebrações, Festas, etc. Cr$ 15.
128. BIOGRAFIAS DE GRANDES ESCRITORES — Vidas romanceadas dos escritores célebres. Cr$ 15.
146. RADIO PARA PRINCIPIANTES — Ilustrado e fácil de entender. Cr$ 15.

ACEITAMOS AGENTES PARTICULARES NO INTERIOR.

VENDAS:
RIO:
AV. RIO BRANCO, 25 e RUA DO OUVIDOR, 150
SÃO PAULO:
RUA CONS. CRISPINIANO, 403
BELO HORIZONTE:
RUA DA BAHIA, 884
E em tôdas as "Lojas Brasileiras De Preços Limitados"
INTERIOR:
PEÇA PELO **REEMBÔLSO POSTAL.**
ENVIANDO SEU PEDIDO, PELO TALÃO AO LADO, PARA O RIO

SENSUALIDADE em 4 volumes. Nesta série magnífica estão reunidas as mais belas páginas que descrevem o ato amoroso mais íntimo, com verdadeira arte. Autores de renome inatacável. Cada volume Cr$ 20
1.º vol. N. 131 — 2.º vol. N. 132 — 3.º vol. N. 133 — 4.º vol. 134.

124. O QUE TODO HOMEM DEVE SAB[ER] PARA CONQUISTAR AS MULHERES — Técn[icas] de aproximação, conversa, namôro, evolução, [até] à conquista final. Cr$
136. O QUE TÔDA MULHER DEVE SAB[ER] PARA CONQUISTAR OS HOMENS Cr$

AS MELHORES POESIAS BRASILEIRAS

46. Castro Alves - ESPUMAS FLUTUANTES
121. Castro Alves - OS ESCRAVOS
142. Castro Alves - A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO
60. Castro Alves - HINOS DO EQUADOR
175. Casimiro de Abreu - AS PRIMAVERAS
176. C. de Abreu - CANÇÕES DO EXÍLIO
84. Poesias de GONÇALVES DIAS
Cr$ 10 cada u[m]

148. OS ENCANTOS DA MULHER NUA — P[oe]sias escolhidas que descrevem a beleza e os [se]gredos da mulher despida. Cr$
171. APRENDA A FAZER VERSOS Cr$
53. DICIONARIO DE RIMAS Cr$
129. JIU-JITSU SEM MESTRE — Livro m[uito] ilustrado, com todos os golpes e contra-gol[pes]. Cr$

141. APRENDA A DIRIGIR SOZINHO — Li[]vro muito prático, cheio de figuras nas qua[is] você pode começar a aprender como se di[]rige um carro. Cr
188. GUIA DO MECANICO DE AUTOMÓVE[IS] Livro essencial a todos os possuidores de u[m] carro e indispensável aos profissionais. Cr$

135. NATAÇAO SEM MESTRE — Com fig[uras] e esquemas de saltos e estilos de natação. E[spe]cialmente o "crawl" Cr
139. ELIMINE SEU COMPLEXO DE INFE[RIO]RIDADE — E livre-se de amolações. Venç[a na] vida. Cr
140. A CARNE — Júlio Ribeiro — Um clás[si]co da Literatura Brasileira. Cenas de real[is]mo impressionante. Recorde de vendas. Cr$

149. REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL — U[m li]vro de boas maneiras e de comportament[o na] sociedade. Tudo que é necessário. Cr
153. FORMULAS PARA GANHAR DINHEI[RO] Grande quantidade de Fórmulas e receitas [sim]ples que permitem com facilidade a qua[lquer] um a obtenção de lucros fáceis. Cr
156. ASSIM SE EMAGRECE COMENDO — [Prin]cípios gerais para quem quer emagrecer. [Recei]tas saborosas. C

COCKTAIL DE PALAVRAS CRUZADAS Magnífica coleção, por cruzadistas de re[no]me. Belos desenhos. Problemas selecionad[os]
COCKTAIL 1.º - N. 157 — 2.º - N. 279
3.º - N. 288 — 4.º - N. 100
Cada volume Cr$ 10,00. Todos os m[eses] novos volumes nas Bancas de Jornais

158. APRENDA A FAZER MAGICAS — [] ilustrado, ensino prático. C
159. APRENDA A VIVER — Tenha uma [nova] visão do mundo. Um novo roteiro para sua [vida]. A vida tem seus encantos, basta descobri[-los e] vivê-los. C
160. ENFERMIDADES SEXUAIS — Apren[da a] evitá-las e a curá-las. C

APRENDA LÍNGUAS SEM PROFESSOR [EM] POUCOS DIAS, COM PRONÚNCIA F[IGU]RADA. LIVROS PRATICOS:
32. YES SIR - INGLÊS SEM MESTRE Cr
24. ITALIANO SEM MESTRE Cr
25. FRANCÊS SEM MESTRE Cr
30. ALEMAO SEM MESTRE Cr
31. ESPANHOL EM QUADRINHOS Cr

EDITÔRA GERTUM CARNEIRO
Avenida Rio Branco, 25 — Dep. 1·B . Rio J[aneiro]
Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL, [os livros] cujos números indico abaixo:

BASTA INDICAR O NÚMERO

NÃO MANDE DINHEIRO, OU SELOS, NADA AD[IANTADO]
Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00, há acrescimo d[e]
(Não temos catálogos)

NOME
RUA
LOCALIDADE
ESTADO

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 5 ★ 30-1-1954

SUMÁRIO

Como não se escolhe um candidato à Presidência da República ... 8/11
Lins do Rêgo ... 12/14
Uma seita mergulha no mar ... 15/18
Acho horroroso ser homem ... 20/21
Ainda se escondem dos homens os mistérios do oceano ... 30/31
30 mil empregados e nenhum trator ... 36/37
O festeiro do IV Centenário ... 40/42
Le Corbusier descobre o Novo Mundo do espaço ... 43/47
Depois de ser campeão do campeonato carioca ... 52/53
Não tenho mêdo do 13 ... 56/57
Jangada ... 3
Por êsse mundo de Deus ... 4/6
O Brasil fora da barra ... 7
O nascimento de Augusto ... 19
Semana Literária ... 24/25
De um diário inútil ... 26/27
E o verão chegou ... 28/29
Nove pequenas para um rapaz ... 32/33
Week-end na cozinha ... 34/35
Conversa de mulher ... 38
Último flash ... 58

CAPA: Morena
(Foto F. Aszmann)

● Redator-Chefe: **Joel Silveira**
● Assistente: **Hélio Abreu**
● Paginação: **Victor Tapajós**
● Desenhos: **Alberto Lima**
● Publicidade: **J. M. Costa Júnior**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da **CIA. EDITÔRA AMERICANA.**

● Diretor: **Gratuliano Brito**
● Assistente: **Renato de Alencar**

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: Mª Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 250,00
Seis meses ...	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 280,00
Seis meses ...	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...	Cr$ 400,00
Seis meses ...	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 76 páginas.

Jangada

JOEL SILVEIRA

(Ilustração de MARIA TEREZA)

SAÍMOS manhã cedo para o mar alto, João da Carminha como mestre, Chico Pelado como proeiro, João e Manuel Benedito no rebique e no bico de proa. A janga «Guapevo» se foi arrastando mole pelas ondas mansas do princípio do mar, a praia ficando atrás, e de repente encontramos mar grosso defronte ao farol. Então as ondas começaram a rebentar. Chico Pelado mudou as bolinas, João da Carminha soltou a vela. Veio o vento e estufou o pano: o nome «Guapevo» engordou com o vento, e agora os cinco paus parecem haver endoidecido: furam tôdas as ondas, lutam corpo a corpo com o oceano bravo, cortam o vento. Seguro-me, o coração aos pulos, num dos cabos que descem do mastro e ponho-me a seguir à risca os conselhos de Pelado:

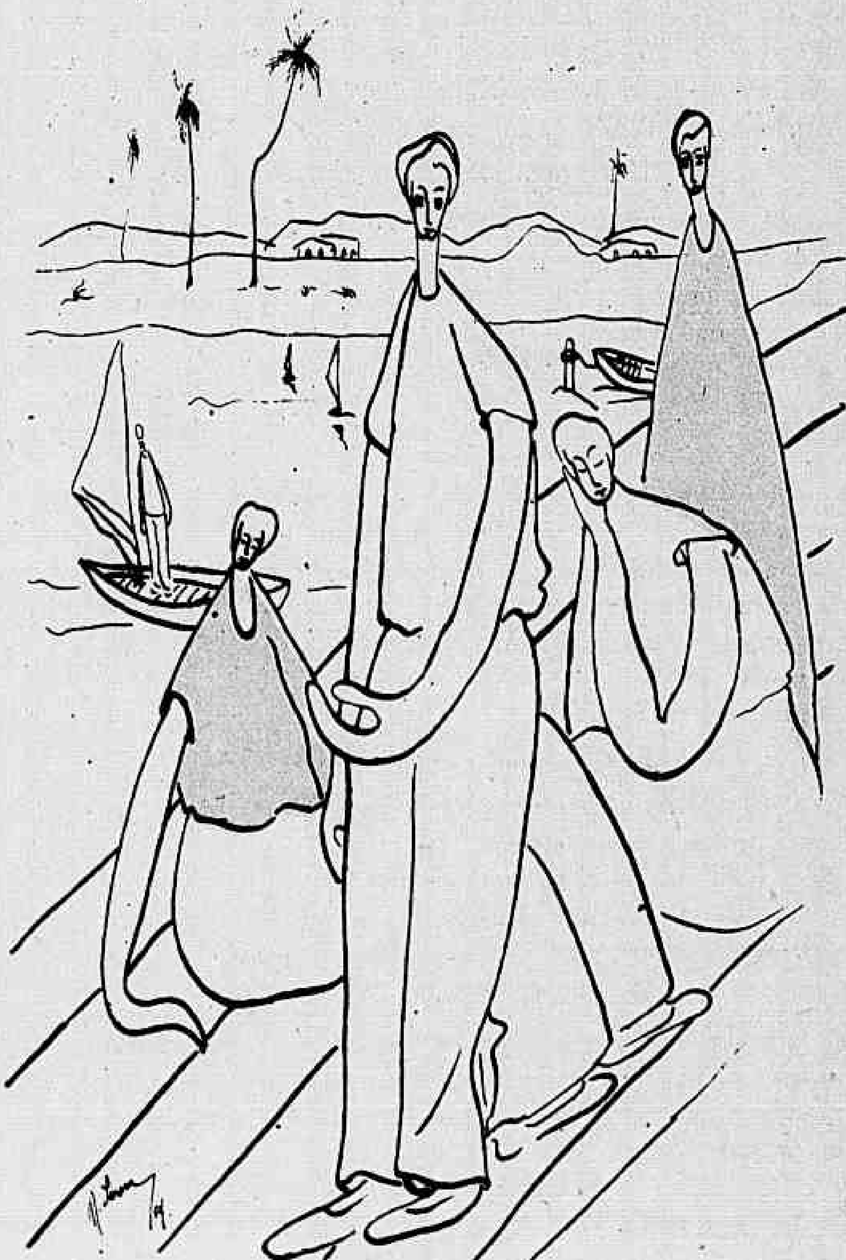
— Fôrça à direita! Incline o corpo, senão o senhor se molha. Grude os pés!

Meia hora depois, as mãos já me ardem, pobres mãos urbanas de homem do asfalto. Mostro-as a Manuel Benedito, que abraça o leme. Em resposta êle me estira as suas — duas mãos grossas, os calos em relêvo, levantados como duas berrugas, os dedos acabando nas unhas rachadas.

— Pegue aqui para o senhor ver.

Eram como duas pedras, e êle me conta, num sorriso, que quando nasceu tinha as mãos como as minhas. «Todo mundo quando nasce traz as mesmas mãos». Foi a corda que cimentou as dêles, conta. Explica também que há muitos calos outros espalhados pelo seu corpo, como remendos de ferro. Abre a camisa impermeabilizada pelo suco do caju, aponta uma protuberância enorme e dura sôbre o peito direito: há já quinze anos que o seu peito queimado aguenta a dureza do cabo do remo enterrado na areia. «A gente vai pro mar com o corpo que é nosso. Mas o mar dá à gente outro corpo. Um corpo duro, chapeado de pedaços de carne morta e dura como pedra».

O mar forte sacode agora todo o madeirame da jangada: gemem a tranca, o mastro, a barrica, o cozinhador e a peito. Faço milagres de equilíbrio, invejo os meus quatro companheiros que se sustentam sôbre a imbiúba como se estivessem presos a um pedestal. As horas rolam com o vento e as ondas; e quando o limpo sol de setembro chega ao meio do céu, os irmãos Benedito começam a pescaria — sacodem os anzóis longe e ficam à espera.





Por êsse Mundo de Deus

ARTHUR MASON, com seus 23 janeiros, é um dos mais ... desportistas de seu país, os Estados Unidos. É hábil em ... luta de qualquer tipo, nada como um pato, mergulha ... tubarão, dirige automóvel, faz equitação, joga ... três torneios de dança com invencíveis competidores ... ahaira de jogos e exibições é a lourinha Vera Day, que ... ao seu lado em «Pit on a Fiddle». No seu próximo ... matográfico («Dangerous Return»), interpreta um ...

IRIS WHITE, lourissima de East Molesey, Surrey, onde ... em dia, mês e ano, que ela não divulgou, preparou-se ... para festejar o seu «Christmas», verdadeiro «show», com ... lhanças a rabos de peru de fim de ano. Iris, que é uma ... mais jovens componentes do Windmill Theater Chorus, que ... não dança se entrega à natação, no que é também ...

INSTANTÂNEOS

TÉCNICOS PARA A RÚSSIA

Treze especialistas alemães, que trabalharam durante 1953 nas estações experimentais soviéticas da Alemanha Oriental, assinaram contrato para continuarem suas experiências na U.R.S.S., com aviões modernos. 4.000 rublos por mês.

HAMBURGO X CHILE

Os comerciantes de Hamburgo protestaram contra as companhias de navegação chilenas, alegando que as mercadorias alemãs levam em média de 100 dias para chegar ao Chile. Êsses comerciantes lembraram que Cristóvão Colombo não levou mais do que 70 dias para descobrir a América.

FOGO NA JACA

Em Texthill, Canadá, em um jardim da infância, os bombeiros fizeram uma preleção para a garotada sôbre a eficiência de um novo extintor de incêndio. Sorrateiramente, Bill Hansen, de seis anos, querendo ver para crer, botou fogo na escola. O ceticismo do menino tinha tôda razão: não há mais jardim da infância em Texthill.

«BE-BOP» NA CASA BRANCA?

O Presidente Eisenhower ordenou que se dançasse novamente nas recepções da Casa Branca, tradição que foi interrompida no govêrno de Franklin Roosevelt, por causa de sua paralisia. Resta saber se o «be-bop» substituirá a valsa de antigamente.

TELEFONE PARA DOENTES

Em uma clínica particular de Cambridge começou a ser usado um telefone especial que permite ao paciente falar ao médico ou à enfermeira sem o menor esfôrço.

MULHER DÁ AZAR

Os operários não permitiram que Marilyn Monroe inaugurasse novos poços de petróleo descobertos em Hollywood, nos terrenos da 20th Century Fox: as mulheres dão azar aos que trabalham com o petróleo.

UM «GENTLEMAN» POBRE

Jean-Louis Barrault contou a um jornalista francês a seguinte história:

— Eu estava em um restaurante caro com Madeleine Renaud quando vi entrar um pobre vendedor de lápis, que ofereceu em vão sua mercadoria a todos os presentes. Na saída, o infeliz percebe uma pequena caixa com essa inscrição: «Para a orquestra». Sem notar que o reparávamos, êle jogou um lápis dentro da caixa e foi-se embora.

PEQUENO EQUÍVOCO

O cineasta Yves Ciampi contou:

— Estávamos filmando. Em cena, um jovem estreante representava ao lado de Gina Lollobrigida.

— Vamos! gritou-lhe o assistente, a mão no peito.

E logo depois, furioso:

— No seu próprio peito, imbecil!

ESTATÍSTICA

Uma revista francesa informa que os hotéis de luxo da França recebem sobretudo americanos do sul e do centro e espanhóis ricos. Os britânicos freqüentam sobretudo os estabelecimentos médios.

GENTE DA ÍNDIA

A sociedade nacional de geografia inglêsa revela que os 350 milhões de habitantes da Índia falam 179 línguas diferentes e 544 dialetos. Desde há algum tempo, 44% da população usa o hindustani, a língua oficial. A Constituição, entretanto, reconhece a existência oficial de 13 outras línguas, só uma delas falada por 21 milhões. Ainda que a Índia tenha sido possessão inglêsa durante 150 anos, apenas 300.000 indus falam e escrevem o inglês.



PATINO PERDEU PARA O AMOR

O FAMOSO "REI DO ESTANHO" BOTOU UM BATALHÃO DE DETECTIVES NA CAÇA À SUA FILHA, MAS NÃO CONSEGUIU EVITAR QUE ELA SE CASASSE COM O BEM-AMADO ESCOLHIDO.



MARIA ISABEL PATINO, filha do «Rei do Estanho», da Bolívia, segundo os desejos de seus pais, só deveria casar-se com um príncipe europeu; mas a jovem se apaixonou por Mr. James Michael Goldsmith, que não é príncipe real, mas é milionário... Não obtendo o consentimento de seus pais, Maria Isabel fugiu com o «príncipe encantado» e com êle se amarrou legalmente em Kelso, na Escócia. Ela está com 18 primaveras e êle com vinte. Um romance bilíngue...



NA FOTO EMBAIXO — Antes de amarrar-se ao seu bem-amado Mr. Goldsmith, Maria Patino apelou para os pais, rogando que consentissem no casamento, que já estava na casa do «sem jeito». O casal Patino voou até Kelso, onde a mamãe Patino conversou com a filha rebelde. Nem dona Patino, nem seu espôso assistiram ao ato civil. Mas não puseram mais obstáculos. E aqui está o casal deixando o «Edinburgh's George Hotel», onde passaram a primeira noite de sua lua-de-mel.

GINGER ROGERS e seu marido, Jacques Berard, chegaram a Inglaterra, onde, pela primeira vez, vão filmar juntos, como os principais intérpretes de «Twist of Faith», uma superprodução britânica. (Foto Agip)



TÔDAS QUEREM PORFIRIO



Evidentemente, Porfirio Rubirosa não quer outra vida. Adora as mulheres e quer ser adorado por elas. Tem sido, últimamente, manchete quase diária das colunas sociais e mundanas do noticiário internacional. Ex-diplomata da República Dominicana, tem dado, não com muita diplomacia, assunto para as agências telegráficas. Primeiro foi o seu caso com a jovem Doris Duke, que largou ràpidamente para casar-se com Barbara Hutton. Não sem cortar caminho pela sinuosa Zsa Zsa Garbor, que afirma estar tudo terminado entre ela e Porfirio. Seu objetivo, no momento, é casar-se com Barbara Hutton, «Até que outra mulher nos separe»...

A REVISTA INGLÊSA "PICTURE POST" LEMBRA EM 8 FLAGRANTES O QUE FOI A PAZ DO MUNDO DESDE O FIM DA 2.a GRANDE GUERRA, HÁ 8 ANOS



ZONA DO CANAL



MALAIA



CORÉIA



KENYA



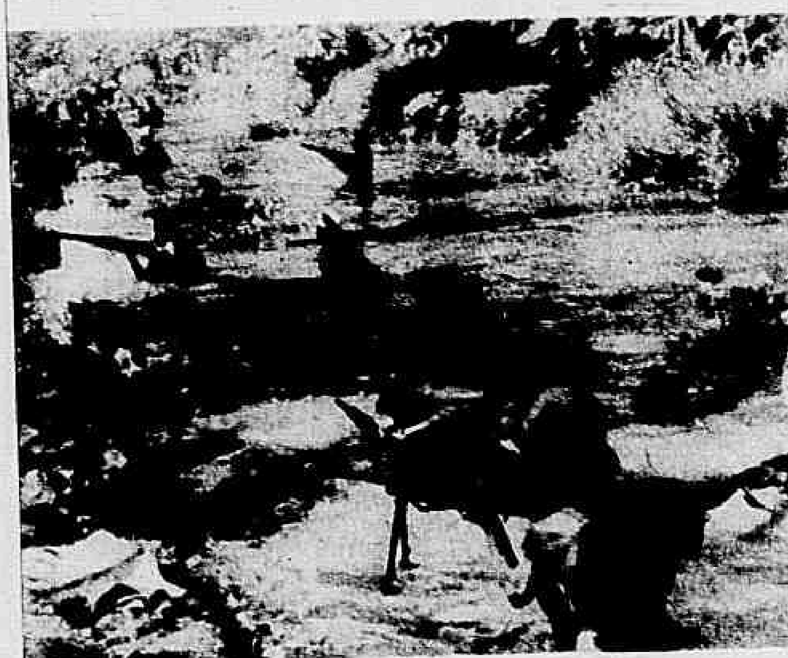
PALESTINA



TRIESTE



BERLIM



INDOCHINA

SANTOS DUMONT É FRANCÊS

A revista «Noir et Blanc» endossa em uma reportage[m] a reivindicação americana do primeiro vôo mais pesado que teria sido efetuado pelos irmãos Wright em 190[3] no Estado de Ohio. Depois disso, a revista france[sa] puxa brasa para a sua sardinha: diz que o govêrn[o] americano chegou a desencorajar brutalmente os inves[ti]tores e que a França, então, entrou gloriosamente n[o] páreo.

Vá lá, vá lá . . . Mas o repórter H. L. não fica apena[s] no discutido problema histórico da procedência d[os] irmãos Wright. Quer roubar-nos também a nacional[i]dade de Santos-Dumont. Para êle, textualmente, [o] Santos Dumont nosso é o maior aeroporto do Brasi[l], o Santos Dumont pioneiro da aviação é francês (ê[le] mesmo se considerava parisiense»).

Stendhal detestava Paris e a França; os frances[es], entretanto, não o consideram um grande escrit[or] italiano.

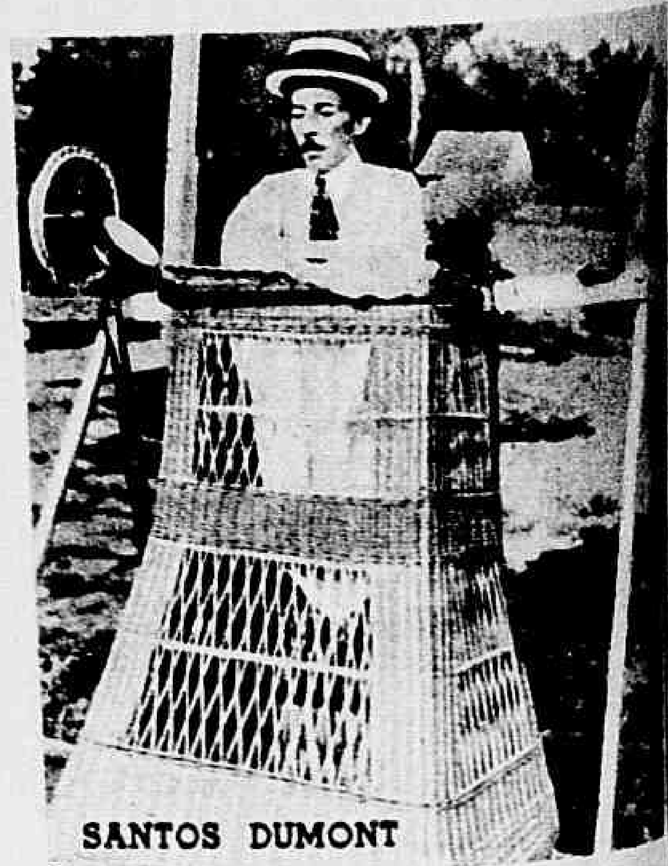
A RENEGADA

Juliette Greco não mudou apenas de nariz, trocou também de filosofia, se é que se pode chamar de filosofia a moda do cabelo grande e mal lavado, uma voz rouca de caveira constipada e noites passadas em vinho branco. A metamorfose, como os leitores de boa memória podem lembrar-se, teve a sua primeira fase aqui no Rio, quando o fotógrafo Jean Manzon, antes de tudo, fotografou-a em uma banheira. Dessa mesma época são outras fotos de Greco, pilotando um «Cadillac», envôlta nos linhos dos hotéis mais luxuosos, etc.





A musa do existencialismo passou para a grãfinagem de corpo e de espírito. Agora tem uma casa, um marido, um jardim... Espera um bebê... Usa vestidos caríssimos, perfumes... E declarou a um jornalista que renega todo o seu passado, a que ela chamou de «demasiado livre e sem freios».



SANTOS DUMONT

O BRASIL FORA DA BARRA

Une fabrique unique au monde



No «Pour Tous», um jornal de Lausanne (Suíça), encontramos uma reportagem que se refere a um emigrante de origem austríaca, radicado no Rio Grande do Sul (Brésil du Sud) e que possui hoje uma rêde de usinas, fábricas, cidades obreiras e órgãos de distribuição e venda. Acrescenta, após esta enumeração, que o dito austríaco de origem, com isto, não fêz nada de original. Mas reconhece em A. Renner um verdadeiro precursor, por ter reunido sob seu contrôle todos os elementos da fibra têxtil.

O industrial, que agora é cidadão brasileiro, seleciona as sementes de linho, reparte-as entre os cultivadores, que recebem também tôdas as instruções técnicas necessárias, e depois recolhe o produto. Também há uma apreciação sôbre o aspeto sociológico da emprêsa, mostrando na fotografia ao lado, duas trabalhadoras em uniforme esportivo.



Encontramos no «Le Journal d'Egypte», do Cairo, uma nota detalhada sôbre a II Bienal de S. Paulo. O jornalista escreve com uma grande simpatia pelo Brasil, mostrando respeito pelo nosso nível de cultura artística e se rejubilando pela participação dos artistas egípcios. Publica ainda uma pequena lista dos expositores, a saber: Ragheb Ayad, Hammouda, Zeinab Abdel Hamid, El Gazzar, Hamed Abdallah, Tahia Halin, Kamel Youssef, etc.

Chamam atenção para o fato de não terem sido enviados trabalhos de escultura, o que lamentam, mas observam que o transporte seria bastante difícil, causando, provàvelmente, prejuizos.



NA ITÁLIA, «IL MESSAGERO»

noticia longamente o andamento do trabalho dos artistas italianos para a Catedral de S. Paulo, dizendo: «Podemos constatar com viva satisfação o fervor com que os artistas e artesãos trabalham os mármores de várias tipos e côres e forjam, com inteligente tratamento, com habilidade e apaixonado empenho, a obra arquitetônica e ornamental, destinada a decorar a nova Basílica». Mais adiante: «Agora que o imponente trabalho está quase terminado, o representante da «Legião de S. Paulo Pró-Catedral», dr. Régis Campos, natural do Pará e assistente do Museu do Vaticano, convida o povo romano a visitar a mostra da obra.»

Até hoje Charles Trenet fala no Brasil. Encontramos, no «Le Provençal», um jornal de Marselha, uma explicação do artista a respeito de que motivos o levaram a não querer cantar em Pôrto Alegre: «Eu estava morrendo e o «speaker» prejudicava todos meus efeitos». Logo depois declara que vai pedir uma indenização de 80.000 «cruzeras» — porque foi retirado do palco, pela polícia, «sem a menor delicadeza». O seu desentendimento com o empresário teve origem quando muito atacado de dores no dorso e ciática, não se sentia capaz de reproduzir os amorosos, em suas canções.

Por fim, declara que voltará para Paris, onde sabe que é amado.

EM 1950 TODOS PERDERAM

DOZE HOMENS FRACASSARAM NA BATALHA DA SUCESSÃO:

NEREU RAMOS
BIAS FORTES
MANGABEIRA
CANROBERT
ADEMAR
ISRAEL PINHEIRO
OVÍDIO DE ABREU
CARLOS LUZ
AFÔNSO PENA JÚNIOR
MILTON CAMPOS
ADROALDO COSTA
VALTER JOBIM

COMO NÃO SE ESCOLHE UM CANDIDATO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

NA ÚLTIMA SUCESSÃO PRESIDENCIAL, DE QUINZE CANDIDATOS ASPIRANTES APENAS TRÊS CHEGARAM A SE CANDIDATAR AO CATETE, NAUFRAGANDO PARTIDOS, GOVERNADORES E FÔRÇAS ARMADAS

Reportagem de **CARLOS CASTELLO BRANCO**

O Presidente da República, o PSD, os governadores de S. Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco, nenhuma dessas grandes fôrças conseguiu fazer em 1950 seu candidato à sucessão presidencial, embora tôdas elas tenham tentado influir decisivamente nas negociações. Antes de escolhidos os três candidatos que disputaram o pleito, fra cassaram várias fórmulas e esquemas e candidatura naturais ou de arranjo.

Agora, quando o tema é novamente sucessão, va le a pena relembrar a história dos grandes fraca sos de 1950, alguns certamente lamentáveis, outro

NEM SEMPRE DA CONVERSA NASCE A LUZ



No auge da especulação em tôrno dos «gasparinos», o general Góis, o senador Bernardes Filho e o então ministro Adroaldo Mesquita conversavam muito, na sede do PSD. Mas o palavreado foi vão.

OS CINCC ESQUEMAS DERROTADOS EM 1950

- Fórmula Jobim (candidato único)
- Fórmula interpartidária
- Fórmula dos candidatos naturais
- Fórmula mineira
- Candidatura militar

AS FÔRÇAS POLITICAS QUE FALHARAM

- Catete
- Grandes partidos
- Grandes Estados
- Governadores
- Fôrças armadas

desvanecedo
conseguiram
se apegaram
o Catete e
lôgro foi to
armadas, d
tubro. A li

Comecem
tos que nã
Nereu, Ca
nheiro, Ov
Júnior, Mil
bim... E o
interpartidá
fórmula mi

O prime
ao Rio Gr
nador, o i
uma tarde
vés do qu
partidos d
riam com
façanha se

As resis
do acôrdo
PSD pró
nham dúvi
e o apoio
didato. De
Rio Granc
sob aprec

Se foi é
ção iria
adiante, C
não era ê

O gove
interpartid
de partid
creta ilusã
partidos,
política. N
bôca de D
sou pela
beira, du
sôbre a s
o Presider

De qua
ram, Man
Rio cand
disse ainc

— Até
Mas a
general D
convicção
perava pa
disputas.

A prim
nhuma pa
se deu p
disposto

desvanecedores. No final das contas, ainda os que conseguiram fazer candidatos como a UDN, e os que se apegaram a um candidato de última hora, como o Catete e o PSD, foram todos derrotados. O malôgro foi total, do govêrno, dos partidos, das fôrças armadas, do regime que nasceu com o 29 de outubro. A lição terá aproveitado a alguém?

Comecemos por enfileirar os nomes dos candidatos que não lograram ser candidatos: Mangabeira, Nereu, Canrobert, Ademar, Bias Fortes, Israel Pinheiro, Ovídio de Abreu, Carlos Luz, Afonso Pena Júnior, Milton Campos, Adroaldo Costa, Valter Jobim... E os esquemas: o esquema Jobim, o esquema interpartidário, a fórmula dos candidatos naturais, a fórmula mineira, a candidatura militar.

O PRIMEIRO FRACASSO

O primeiro fracasso na sucessão de 1950 coube ao Rio Grande do Sul e foi colhido por seu governador, o imponente Valter Jobim, que desembarcou uma tarde no Rio precedido de um esquema através do qual se chegaria ao candidato único. Os partidos do acôrdo (PSD-UDN-PR) se harmonizariam com Getúlio e Ademar e o herói de semelhante façanha seria naturalmente o beneficiário dela.

As resistências vieram naturalmente dos partidos do acôrdo (apesar das inclinações de grande ala do PSD pró entendimento com Getúlio) que, não tinham dúvida de que, com a aquiescência do Catete e o apoio maciço dos Estados, elegeriam o seu candidato. Debaixo de fogo cerrado, o governador do Rio Grande não soube resistir, evacuando o terreno sob apreciável suspeita de ter caído no ridículo.

A PRIMEIRA DECEPÇÃO

Se foi êsse o primeiro fracasso, a primeira decepção iria tê-la, palpável, invencível, alguns meses adiante, Otávio Mangabeira, quando verificou que não era êle o candidato de Dutra.

O governador da Bahia, que promovera o acôrdo interpartidário, que se elegeu sob uma coligação de partidos que soube preservar, alimentava a secreta ilusão de que o general indicaria seu nome aos partidos, coroando assim uma obra de pacificação política. Mais de uma vez, esperou êle ouvir isso da bôca de Dutra. Uma delas, quando o Presidente passou pela Bahia a caminho de Paulo Afonso. Mangabeira, durante hora e meia, conversou com Dutra sôbre a sucessão. Suas idéias gerais coincidiram, mas o Presidente não se abriu.

De qualquer forma, quando as coisas amadureceram, Mangabeira tomou o avião e desembarcou no Rio candidato. Ao diretor dos «Diários Associados» disse ainda no aeroporto:

— Até as pedras clamam pela minha candidatura! Mas a verdade é que, se as pedras clamavam, o general Dutra não. Mangabeira, entretanto, tinha a convicção de que o chefe do govêrno apenas o esperava para dar a palavra de ordem e pôr têrmo às disputas.

A primeira visita ao Catete foi decepcionante. Nenhuma palavra sôbre sucessão. Mas o governador não se deu por vencido: um dia amanheceu no Palácio disposto a interpelar o Presidente.



NEREU RAMOS: Era o candidato pessedista com mais probabilidades, mas o general Dutra sabotou inexplicàvelmente a sua candidatura.

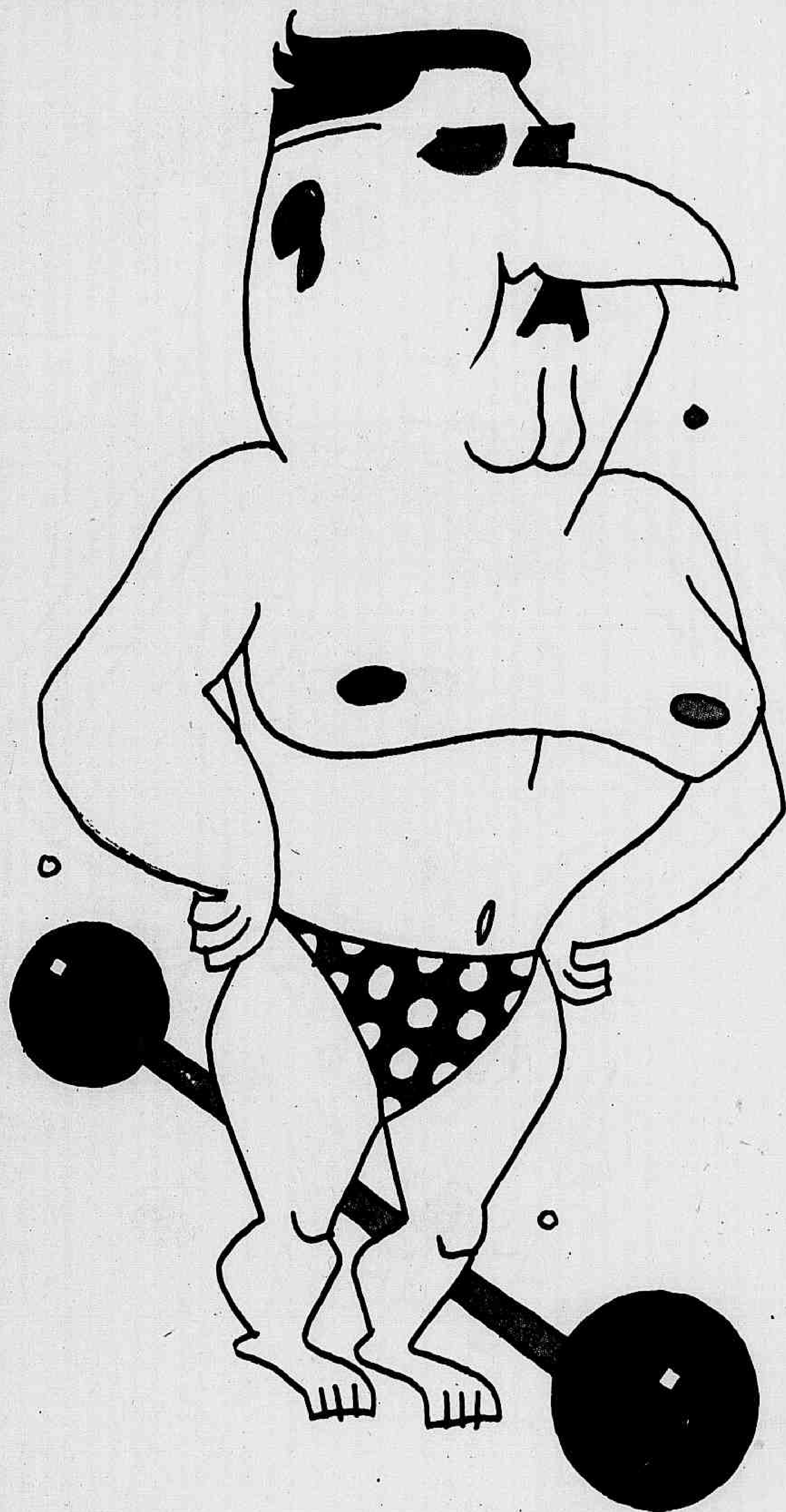
Quando voltou ao hotel, a ilusão estava desfeita. «Meu candidato — disse, recorrendo ao lugar comum das ameaças udenistas — é o Brigadeiro».

OS CANDIDATOS NATURAIS

Durante vários meses reuniram-se diàriamente, alguns dias duas ou três vêzes por dia, os presidentes do PSD, da UDN e do PR oficialmente incumbidos pelos partidos de encontrar um candidato comum, que seria posteriormente levado à consideração do PTB. Essas conversações não podiam chegar a qualquer têrmo: Nereu, Kelly e Bernardes, os três grandes, tinham posições definidas e divergentes. Cada um tinha atrás de si um «candidato natural».

Acontece que, para complicar a situação, o candidato natural do PSD era torpedeado pela secção mineira, a mais forte do partido, que se dizia inspirada pelo Catete para fazer o candidato mineiro. (Lembro-me de um dia em que Valadares me revelou: «Dutra quer um candidato mineiro. Êle me chamou e disse: una Minas, que vamos fazer o candidato pessedista mineiro»).

O PSD, cujas inclinações eram visìvelmente pela candidatura Nereu Ramos, presidente do partido, que punha acima de tudo os interêsses partidários, ficou engasgado com a fórmula de Minas. Como todos os esquemas, êsse tinha um nome por de traz: a fórmula mineira chamava-se Bias Fortes.



ADEMAR DE BARROS: Contava com o apoio de Getúlio, mas Getúlio lhe tomou a vez.

OS GASPARINOS

Encaminhada a fórmula mineira aos três grandes, a UDN deferiu a solução à sua secção de Minas.

A candidatura Bias Fortes ia ser trabalhada num terreno difícil: o terreno das conversas sibilinas, dos vetos implícitos, dos jogos sutis, de todo êsse emaranhado rico de verve, de ironia e de maus juízos que é a política mineira.

Em primeiro lugar, entendia-se geralmente que o candidato natural de Minas não podia ser outra pessoa senão o governador Milton Campos, cujas virtudes pessoais e cuja posição eminente o colocavam como expressão normal e nacional da vida pública do Estado. Queria-se um candidato mineiro? Por que não Milton Campos? Valadares não podia dar a razão nua e crua: o governador não era um pessedista mineiro.

Em segundo lugar, o coordenador Valadares parecia opor-se secretamente àquele que era tido como o homem de Dutra, fazendo um jôgo que muitas vêzes terá dado a impressão de que mais uma vez o coordenador ficou com a môsca azul. Acontece que por uma contingência natural da coordenação, teve êle que levar o nome de Bias Fortes numa lista na qual foram incluídos Israel Pinheiro, Ovídio de Abreu e Carlos Luz.

Como eram quatro os nomes e uma só a candidatura não custou que os quatro mineiros ficassem conhecidos como os «gasparinos», expressão de sentido duplo que tanto aludia aos gasparinos ou frações de bilhete da loteria como à origem palaciana da fórmula: o presidente chamava-se também Gaspar. Eurico Gaspar Dutra.

CRISTIANO ENTRA E SAI

Acontece que os quatro gasparinos entraram de rijo na competição, mobilizando as influências possíveis em seu favor. A UDN mineira, forçada a uma decisão, levou a votos a lista, surgindo como resultado a aprovação de um quinto nome, sugerido em conversa telefônica: Cristiano Machado.

Valadares reagiu, desautorizou a inclusão de Cristiano, que êle próprio autorizara na conversa com Milton Campos, e recusou o apoio da UDN ao nome do companheiro que vinha de dissidência recente.

MILTON E AFONSO PENA JÚNIOR

Criada a psicose do candidato mineiro, tentou-se salvar a fórmula de qualquer jeito. O chanceler Raul Fernandes disse um dia a Dutra que resolveria o problema em 24 horas se a isso o autorizasse. Era muito fácil achar o candidato mineiro: estava à vista de todos, na consciência de todos. Seu nome: Milton Campos.

Os pessedistas por um momento pareceram inclinados a apoiar o governador, embora sob uma condição: que lhes dessem o Palácio da Liberdade. A UDN mineira recusou a barganha.

Houve afinal em Belo Horizonte uma reunião decisiva: Valadares convocou os chefes para encontrar o candidato. A reunião foi em Palácio. Discutiu-se durante quatro ou cinco horas. Mas tudo em vão.

Para lavar a testada perante o eleitorado mineiro, ao mesmo tempo que dava ao país um indício do conteúdo moral da sua resistência à fórmula pessedista mineira, Milton Campos sugeriu, num manifesto, na qualidade de governador de Minas, a candidatura de um grande mineiro: Afonso Pena Júnior.

Durante quinze dias, o velho humanista foi procurado pelos políticos e submeteu-se à aflição de ver suas palavras traduzidas no cassange dos repórteres. Entretanto, não era o candidato mineiro o que queria Valadares. Era o pessedista mineiro. Eram os gasparinos.

GETÚLIO PROCURADO COMO ÁRBITRO

A corrida ia recomeçar. Fracassada a união de Minas, a batalha voltou a se concentrar dentro do PSD, onde Nereu Ramos ganhava substância a cada



CRISTIANO MACHADO: Teve muito menos votos do que se esperava.

passo de Valadares. Sabia-se que grande parte da UDN — Soares Filho, Gabriel Passos, etc. — aceitaria a candidatura do presidente pessedista, muito embora Prado Kelly desse a impressão de que jogava em carta marcada: a candidatura do Brigadeiro, lançada pelo «Correio da Manhã» e um movimento de estudantes, ia-se concretizando.

O PSD inclinou-se a pedir ao principal adversário do govêrno, ou seja, a Getúlio Vargas, que arbitrasse sua contenda. Junto ao antigo Ditador, trabalhava-se em faver de Nereu, um homem que jamais renegara sua amizade pessoal com Getúlio e que se expusera comparecendo às missas queremistas. Valadares, entretanto, homem de Dutra, recorreu a intermediários. Salgado Filho, conciliador, trabalhava por uma chapa de entendimento PSD-PTB. Houve um dia em que se anunciou o apoio de Getúlio à chapa Ovídio de Abreu-Salgado Filho. Na verdade, porém, Getúlio manifestava a seus íntimos o maior desprêzo pelos nomes dos gasparinos. Sua indefinição, prolongando-se, levou os pessedistas e Ademar, aspirante a candidato mas prêso ao govêrno de S. Paulo por um êrro político: a eleição de Noveli Júnior para a vice-governança. Valadares teve encontro com Ademar, Bias idem, Ovídio, idem. Um encontro entre o governador de São Paulo e o presidente do PSD chegou a ser marcado mas não se realizou: havia falta de confiança e a convicção de Nereu de que, com a maioria do PSD a seu favor, não haveria porque Dutra opor-se à sua candidatura.

Nas marchas e contra-marchas o panorama se esclarecia: o PSD teria candidato, a UDN teria candidato, os populistas teriam candidato. O PSD confiava no govêrno. A UDN confiava em que, Getúlio candidato, as fôrças que haviam dado em 45 a vitória a Dutra se dividiriam, ascendendo afinal o Brigadeiro. Mas Getúlio também confiava em que a divisão dos partidos de centro lhe deixava o campo aberto para sua nova aventura, amparada no govêrno de São Paulo. Ademar, de mãos atadas, não teria outro caminho.

Agentes getulistas (Beijo Vargas tornou-se íntimo de alguns udenistas) estimulavam a candidatura de Eduardo Gomes, enquanto se alimentava as esperanças dos candidatos pessedistas.

CANROBERT

Uma última tentativa de salvar o acôrdo interpartidário foi feita pelo coronel Juraci Magalhães, que coordenou com certo êxito no seu partido a candidatura do ministro da Guerra. O general Canrobert, simbolizando as fôrças de 29 de outubro, imporia nas urnas a vitória do golpe. Mas o PSD não se mostrou sensível à articulação e Canrobert teve que silenciar o POT, estranho agrupamento político surgido para insinuar sua candidatura.

O FRACASSO DE NEREU

Nereu Ramos foi o candidato de mais fôlego nas prévias em 1950. Resistiu até quase o último dia a um torpedeamento cerrado, dentro do govêrno e do partido a que pertencia. Houve um momento em que, se levado a votos no diretório nacional do PSD, seu nome seria vitorioso. Se vencesse a batalha do PSD, a UDN poderia ainda marchar com êle.

No fim, os pessedistas gaúchos ficaram como árbitros. Mandaram do sul um delegado com direito a votos e quatro dirigentes estaduais para não deixar o homem fraquejar, pois não haviam os gaúchos vencido suas contradições internas até a hora «h».

Valadares, para forçar uma definição, lançou de surprêsa um candidato do Rio Grande: Adroaldo Costa, que, pelo sim pelo não, havia sido demitido do Ministério da Justiça no têrmo da desincompatibilização. Os chefes do PSD gaúcho, entretanto, não morriam de amôres pelo companheiro e, inspirados por Agamenon Magalhães, tentaram levar Benedito à parede, levantando o nome do pessedista mineiro vetado pouco antes por êle: Cristiano Machado.

Entre Cristiano e Nereu, Benedito e Dutra não vacilaram: ficaram com Cristiano. (Valadares combatera-o sob o pretexto de que o Presidente não queria candidato militar, aludindo assim às ligações de Cristiano com alguns generais). Nesse dia, Nereu já não tinha certeza de certos votos. Entretanto, tudo dependeria do jôgo. O jôgo lhe foi contrário.

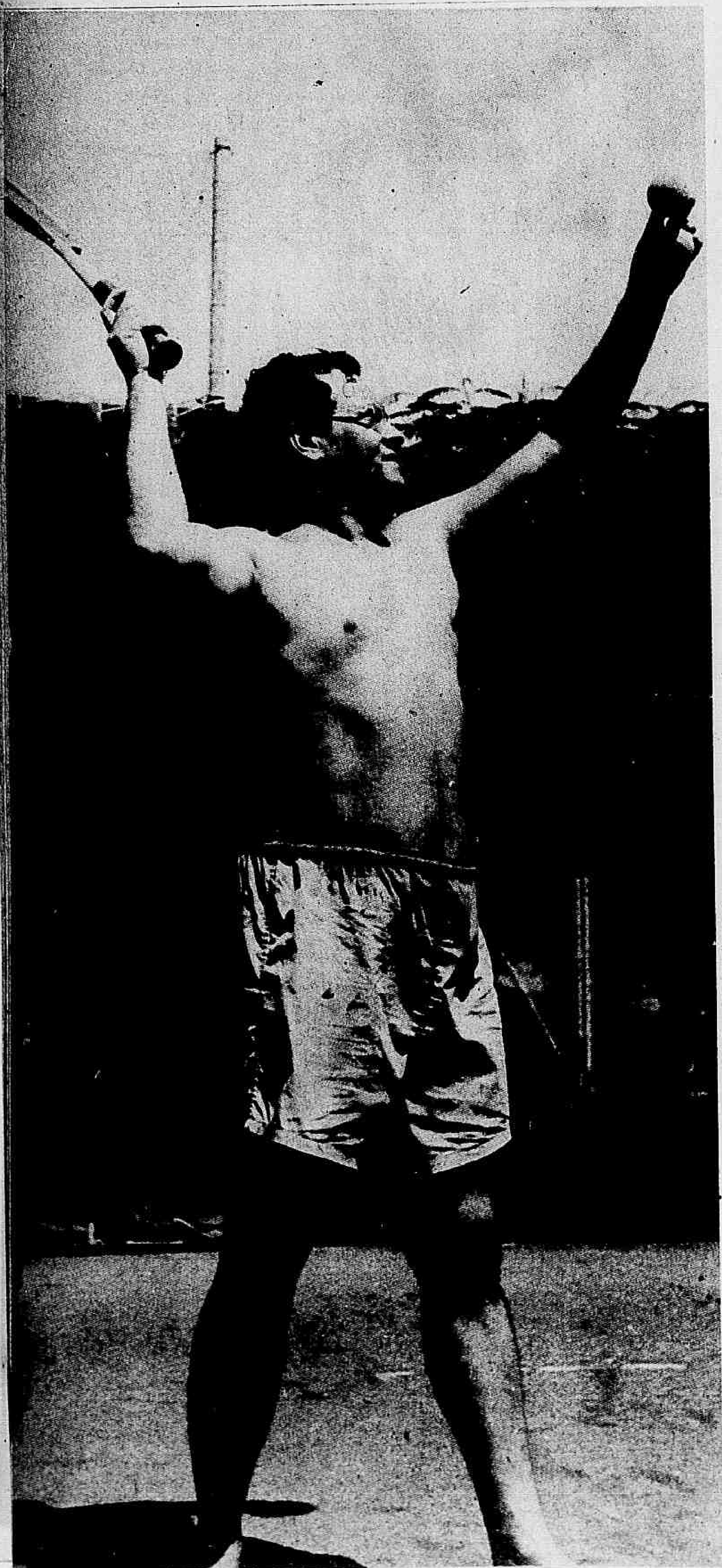




CARLOS LUZ: Competente e diplomata, impôs-se como o mais credenciado dos «candidatos-mineiros». Mas foi também levado pela voragem.

JOSÉ LINS DO RÊGO: O NORDESTE É DO BR

Aos cinqüenta anos, José Lins descobriu a prática do esporte. «Pratico o tênis — diz — para vencer as banhas».



Os comunistas querem impor à literatura a linha Casta Suzana ★ As origens de cangaceiros ★ Antônio Silvino e o trucidamento da irmã de Cícero Dias ★ Só um povo como o nordestino poderá dar um cangaceiro como Lampião e um santo como padre Cícero ★ Velhos corruptos querem estragar a nossa mocidade ★ O Brasil é doido, ninguém tenha dúvida ★ O bolchevismo é o prussianismo na Rússia ★ As ordens bolchevista e capitalista são irmãs gêmeas.

Reportagem de MEDEIROS LIMA
Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA

HÁ vinte anos, José Lins do Rêgo publicava o seu primeiro romance: **Menino** [de] **Engenho.** No decurso dêstes vinte anos construiu sua obra literária, uma d[as] mais fecundas da história da ficção brasileira. Agora, aos cinqüenta e dois an[os] lança CANGACEIROS, seu décimo primeiro romance.

Eis um fato auspicioso para a crítica e a história literária, à qual o escritor se incorporou. Mas o fato literário repõe em evidência o homem, o autor, o narrad[or] de histórias, o criador de personagens, o ficcionista enfim.

José Lins do Rêgo nasceu em 1901 entre canaviais, nas terras gordas da várz[ea] paraibana, onde se levantava de fogo aceso, no município de Pilar, o engen[ho] Corredor. Ali transcorreu sua infância. E a paisagem rural do Nordeste impregno[u-]se de tal maneira em sua memória que dela jamais conseguirá se apartar. Tô[da] sua obra, por isto mesmo, é um longo e permanente esfôrço no sentido da recon[s]trução de um estilo de vida: a civilização criada à sombra dos engenhos [do] Nordeste brasileiro. **Cangaceiros**, seu romance de agora, vem completar o qua[dro] dessa civilização decadente, dá-nos sua outra face: a das injustiças e dos crim[es] gerados à margem das lutas dos senhores de terra. Mas a José Lins, como escrit[or,] não interessa o aspecto social ou sociológico do problema. O cangaço é fonte [de] inspiração, reminiscência de infância, matéria-prima para romance e, não raro, poes[ia.] Referindo-se a êle mesmo costuma dizer que é um homem da terra. Mas a te[rra] para êle é simplesmente o Nordeste dos mandacarus, das sêcas, dos santos, [...] místicos e dos bandidos; o Nordeste melado da várzea paraibana, do litoral [de] Pernambuco, patriarcal e acolhedor.

A LINGUAGEM E A CRITICA

No Rio ou em Paris, o nordestino está sempre dentro dêste escritor de aparên[cia] largada e ao mesmo tempo tão carregado de tristezas. O homem José Lins é [um] sentimental, um tímido, a dar a impressão de «bom-vivant». Mas de público é otimista, amante de boas piadas, apreciador da boa mesa, alegre e folgaz[ão.] Estima, como poucos, a sua própria obra, dentro da qual se encontra e mui[tas] vêzes se confunde com algumas de suas personagens. Quando provocado fala [de] seus romances com a mesma facilidade com que expõe suas teorias sôbre literat[ura] ou sôbre o destino do mundo moderno. Invariàvelmente utiliza-se da mes[ma] linguagem: a que está em seus romances e em suas crônicas sôbre «foot-ba[ll».]

José Lins mora em uma casa escondida numa das ruas do Jardim Botânico. [...] em seu escritório, onde livros se misturam com retratos de velhos amigos, qua[dros] e «souvenirs» de viagens, escreveu grande parte de sua obra. Os livros na est[ante] denunciam suas leituras, as mais variadas, mas sôbre as quais jamais se de[...]

É uma das naturezas mais pitorescas e estranhas a dêste escritor que se confu[nde] com o homem do povo ou com um simples e próspero negociante. Quando o vi[...] recentemente seu último romance CANCACEIROS acabava de ser publicado. D[êsse] encontro nasceu esta entrevista, síntese de uma noite de conversa ao lado [de] amigos comuns.

José Lins dá muita importância ao que se diz a respeito de sua obra. Ma[s a] crítica que os intelectuais comunistas lhe fizeram parece não o haver irrit[ado.] Refere-se ao incidente com bom humor:

— Com relação à crítica feita à linguagem dos **Cangaceiros**, poderia repeti[r o] que, em editorial, o **«1º de Janeiro»**, do Pôrto, disse a propósito dos meus diálog[os,] ou melhor, dos diálogos de meus personagens: «Os homens dêste romance [às] vêzes falam como rifles e furam como os punhais. Mas só por êste modo poder[iam] êles se exprimir». Alguns homens do Partido Comunista se rebelam contr[a a] linguagem furiosa de meus cangaceiros e se revoltam contra os palavrões como

TE É A RÚSSIA
O BRASIL



Quando José Lins quis visitar recentemente os Estados Unidos o cônsul da embaixada americana negou-lhe o visto em seu passaporte. Motivo: o escritor brasileiro assinara em 1936 um manifesto em favor do povo espanhol, o que o tornou suspeito de comunista junto ao Departamento de Estado. Mas quando, finalmente, por interferência das autoridades brasileiras, o cônsul americano decidiu-se a visar o passaporte de José Lins, êste, depois de preencher várias formalidades, declarou ao funcionário da embaixada americana: «Os senhores são muito importantes, mas eu também sou. Agora não desejo mais visitar o seu país».

…s palavrões não fôssem expressões de vida. Êles …uerem para conversas de homens rudes um tom macio …e bate-bôca de porta de farmácia. Eu chamaria a …sta nova linha, que alguns comunistas querem adotar …omo condição literária, de linha Casta-Suzana.

ORIGEM DE CANGACEIROS

A origem de CANGACEIROS encontra-se, como a da …aior parte de seus romances, em reminiscências de …nfância. «Em todo o Nordeste — dizia-me — existe …sses germes que fecundam a imaginação e que são …erdadeiras fontes de inspiração do poeta e do escritor. …O cangaço sempre exerceu sôbre os nordestinos verda…deiro fascínio. Os contos populares dos poetas de …eira alimentaram as nossas fontes. As nossas nas…centes vêm, por conseguinte, destas cabeceiras».

A tradição oral e escrita dos contos populares tem …na obra de José Lins importância igual à de suas recordações de infância. Ambas se confundem e o conduzem às mesmas raízes: o mundo trágico e pito…resco do Nordeste brasileiro.

— O menino nordestino de minha época — lembra José Lins — dormia sonhando com as peripécias, os tiroteios dos bandidos soltos de canga e corda. Um dos nossos jogos de criança era brincar de Antônio Silvino, de espingarda de pau e punhal de tábua. Com isto armávamos as nossas brigas simuladas que às vêzes se convertiam em lutas verdadeiras. O cancioneiro popular, por outro lado, nos falava quase sempre das histórias de condes que matavam as mulheres, de Barba-Azuis. Em tôdas estas histórias misturava-se o sangue e o amor. Assim não seria estranho que, depois de contar as histórias dos engenhos, voltasse-me para as histórias dos cangaceiros.

A MENINA TRUCIDADA

José Lins estima explicar as origens de sua novelística. É um tema que o seduz e ao mesmo tempo o preocupa, pois acredita que se cometem demasiadas injustiças a respeito. Não o preciso provocar para que através de suas palavras se revele o homem cheio de paixões, o escritor seduzido e marcado pela terra que o viu nascer. Insistindo nas origens de CANGACEIROS volta-se, mais uma vez, como lhe é tão comum, para a evocação de episódios e reminiscências da infância:

— Lembro-me bem do episódio do cêrco do engenho Jundiá, onde uma filha de senhor de engenho, menina ainda, tia de Cícero Dias, foi morta por Antônio Silvino. A história dessa menina trucidada pelos cangaceiros correu o Nordeste nos contos dos trovadores. Assim não seria estranho que o cangaceirismo estivesse ao lado da vida patriarcal dos engenhos, bem ligado à minha vida de menino.

REVALORIZAÇAO DO CANGAÇO

José Lins do Rêgo tem sôbre o cangaço um conceito que o revaloriza. Não vê no fenômeno um problema de desajustamento social nem a resultante das injustiças de uma sociedade baseada no domínio de senhores de terra que têm no emprêgo da fôrça a sua própria lei. Para êle o cangaceirismo prova muito mais a favor do que contra a nossa formação. Sua tese a respeito a define nos seguintes têrmos:

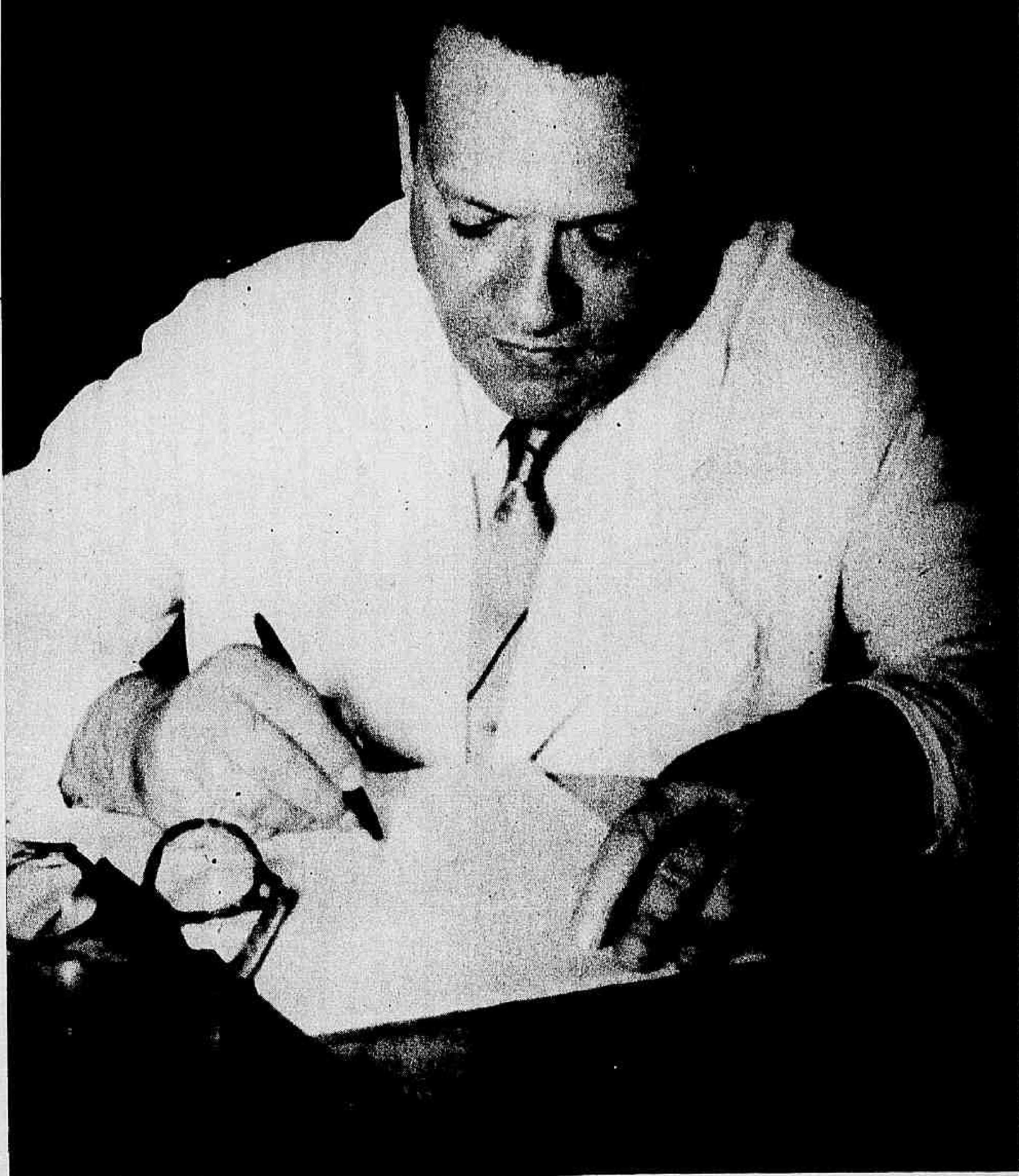
— Só um povo com energias tremendas como o nordestino poderá dar um cangaceiro como Lampião ou um santo como Padre Cícero. As raças mediocres não têm fôrça para tanto. Nada mais parecido com a Rússia na mistura de sentimentos místicos e de violência do que o nordestino. O Nordeste é a Rússia do Brasil, o mais é água flor de laranja: muito progresso, muito automóvel, muita televisão mas pouco espírito criador. A Rússia que há de vencer o bolchevismo alemão será a Rússia dos monges e dos bandidos do Cáucaso. Quem venceu Napoleão foi esta Rússia de loucos, sem técnica militar, sem gênio guerreiro, mas com os instintos iluminados. Assim é o Nordeste. Nem pensem que o cangaceirismo e o misticismo nordestino estejam mortos. Podem ter mudado de roupa e batina, mas forjam o povo mais original da América. A Espanha também quando quis criar um símbolo e imortalizar um herói fêz de um cangaceiro, o Campeador. O Cid não passa de um cangaceiro medieval. No dia em que desaparecer do nordestino o espírito de cangaceiro êle terá se transformado no homem comum, de pacatez suíça.

O PAIS DO FUTURO

Há em José Lins do Rêgo uma tendência marcada para o otimismo, o que é nêle uma maneira de vencer suas próprias tristezas e desencantos. O seu otimismo revela-se por uma maneira desabusada de encarar os problemas, por certa irreverência diante de determinados conceitos e definições sôbre os problemas do homem ou sôbre as preocupações dos sociólogos e dos políticos em face dos temas do mundo moderno. Assim, quando lhe falo sôbre certo temor de uma crise brasileira, responde-me, pendendo a cabeça para um lado, gesto que lhe é comum:

— Não há nada disto. Do choque de cultura que os processos de transporte abreviaram e provocaram com mais ímpeto teria que explodir êstes surtos de crise que em outros tempos seriam espaçadas. De 1914 até os dias de hoje, o mundo, pela máquina, pela técnica, viveu mais guerras que num milênio. Ora, é evidente que teríamos nós, que fazemos parte desta imensa Arca de Noé, que sentir os riscos da tormenta. A crise que existe entre nós é a cirse provocada pelo conflito do espírito Prometeico, que é o espírito da ordem, da disciplina e da organização, contra o espírito Dionisíaco, criador por excelência. O brasileiro de hoje é um sujeito que imagina o Brasil como se fôsse êste nosso país um pedaço de céu velho ameaçado de ruir. Qual nada! O Brasil é ainda uma das coisas mais novas do mundo. A Europa, sim. Ela é que chegou aos seus últimos arrancos e vai repetindo suas guerras de Cem Anos com a mesma voracidade. O Brasil ainda é uma coisa nova, embora existam velhos a querer estragar a nossa mocidade.

... de ... escritor e jornalista, eis José Lins em plena atividade na redação de «O Globo». «Não passo de uma fôlha na ordem capitalista e na ordem bolchevista seria apenas mais um pescoço para a corda».



São velhos corruptos, que trazem da Europa os vícios de uma masturbação de impotentes. Não creio em crise no Brasil porque o café não produzirá mais ouro e em Minas não haja mais minério. O povo é jovem apesar das maleitas e dos esquitozomoses. Velha é a Europa, que pretende fazer a exploração sistemática do caos. Enquanto existir o nordestino, que aguenta três anos de sêca e renasce como um pé de mato só com uma chuvarada, enquanto existir um gaúcho sôlto nos pampas, um mineiro desconfiado e um paulista que transforma suas geadas em recursos para novas culturas, em campos para novas lavouras, existirá na certa êste país do futuro da imagem de Stefan Zweig. O país é doido, ninguém tenha dúvida. Mas sem loucura não se faz nada no mundo que perdure e que se eternize. As religiões são obras de loucos e muito se tem falado na loucura da Cruz, a maior de tôdas. No dia em que o Brasil estiver manso como um cordeiro se poderá dizer que isto é um Luxemburgo com muito aço e pouca natureza humana.

SOCIEDADE DE MESTIÇOS

No decorrer da nossa conversa, José Lins está constantemente voltando ao tema de sua confiança no Brasil, ao qual empresta muitas vêzes um caráter quase romântico. Aliás êste homem de fala rústica, de expressões tantas vêzes de sabor rebelesiano é, no fundo, quando se despoja de sua tristeza, um temperamento lírico, a querer transformar as asperezas da vida em cantos de esperança e de fé.

— Êste nosso país — diz José Lins — vem criando uma sociedade que não podemos avaliar sua significação: uma sociedade de mestiços, que os mestres em missegenação consideram um milagre da espécie humana. Os americanos do Norte têm sua civilização de maior riqueza, com todo seu aço, todo seu petróleo e máquinas. Mas quando o americano acorda de noite, acredito que não acorde tranqüilo porque os milhões de negros que se propagam transformam seus sonhos de Babitt em advertências sinistras contra o futuro. Podemos dormir pobres e acordar pobres mas não temos nunca que pegar um negro para linchar.

COMUNISMO, BOLCHEVISMO E CAPITALISMO

Politicamente, José Lins é o que se poderia chamar de um livre-atirador. Jamais foi homem de partido. Estêve na direita assim como namorou durante algum tempo a esquerda. Mas a esquerda só o interessava na medida em que representava para êle um movimento e um esfôrço no sentido de manter e preservar aquelas liberdades que lhe parecem essenciais à livre crítica. Não se pode enquadrá-lo em nenhuma corrente política, mas pode-se considerá-lo como um adversário dos regimes de fôrça. E isto é que define sua posição em face do choque atual de idéias, do que se convencionou chamar de luta entre o Ocidente e o Orien... Em presença desta luta, José Lins não vê uma ameaça comunista, mas um per... que considera maior: o da dominação do espansionismo soviético. Para êle... comunismo não é o bolchevismo.

— São coisas opostas. Nenhum cristão — acentua — poderá se opor ao co... nismo porque as fontes cristãs provêm dêste estado de elevação do espírito... homem. Agora, o bolchevismo, não. O bolchevismo é o prussianismo na Rús... é Catarina II, transformando aquêle lastro fabuloso numa argamassa de ord... totalitária. Sou contra êste bolchevismo como sou contra o fascismo, contra t... cezarismo, contra todos os crimes contra o homem.

Poderão dizer que o comunismo deu à Rússia o seu potencial de indústria, ... a propaganda transforma numa vitória estrondosa contra o medievalismo do te... dos Czares. Mas, pergunto, êste progresso mecânico da Rússia será maior qu... progresso do capitalismo? Bolchevismo e capitalismo se abraçam na construção... mesmo monstro devorador de todos nós, que é a construção brutal da ord... mecânica. A ordem capitalista e a ordem bolchevista são irmãs gême...

VIVER SEM ÓDIOS

Ao mesmo tempo que José Lins do Rêgo reconhece todos êsses fatos, declara... um homem impotente para aconselhar ou convocar alguém a tomar posição. É ... a luta não o seduz. Diante da luta seu comportamento é de um contempla... de um homem, que «deseja apenas viver».

— Quero viver sem ódios, exclama.

Referindo-se ao choque entre capitalismo e comunismo diz com certa melanc...

— Tenho certeza de que na ordem capitalista não passo de um fôlha sêca... ordem bolchevista seria apenas mais um pescoço para a corda. No entanto... aspiro uma coisa, repetindo um velho provérbio luso: boa romaria faz que... sua casa fica em paz.



Durante uma recepção, José Lins entre o seu editor José Olympio e escritor Otávio Tarquínio de Souza, o deputado Daniel de Carvalho e o jornalista João Condé.

Êles a... mos and... do, de ... dades b... da estra... povo já... blias», ... espécie ... gadores ... rar disc... crença ... tros não... das «Te... me da ... do inteir...

JEOVÁ ANUNCIA: "VAI HAVER UM CATACLISMA!"



UMA SEITA MERGULHA NO MAR

HA 74 ANOS OPERANDO NO MUNDO INTEIRO, AS "TESTEMUNHAS DE JEOVÁ" ATINGEM O NÚMERO DE 519.000 ★ O BATISMO NA PRAIA DO LEME, SOB AS VISTAS DE CENTENAS DE ESPECTADORES ★ OS SOLDADOS DA FÉ CONTINUAM QUERENDO SALVAR A HUMANIDADE.

Reportagem de WILSON MACHADO

Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

Êles anunciam um cataclismo para os próximos anos. E por isso êles andam aí pelo mundo, de esquina em esquina, pregando as verdades bíblicas e advertindo sôbre os perigos da estrada por onde caminha a humanidade. O povo já os apelidou simplesmente de os «bíblias», mas todos instintivamente sentem uma espécie de respeito por aquêles grupos de pregadores que o carioca já se habituou a deparar discursando nas ruas da cidade. A descrença de uns tantos ou a impassividade de outros não esmorece a decisão e a combatividade das «Testemunhas de Jeová». Pois êste é o nome da organização, hoje ramificada pelo mundo inteiro.

Em princípios da quinzena passada, o carioca teve oportunidade de assistir um impressionante espetáculo da atividade das «testemunhas». O espetáculo teve lugar na praia do Lême, em Copacabana, domingo pela manhã, num momento em que mais intenso era a acorrência de banhistas na areia ensolarada.

500 MERGULHOS NA ÁGUA SALGADA

Milhares de banhistas esqueceram o banho por alguns momentos para assistir a cerimônia do batismo. Quinhentos adultos, homens e mulheres de várias idades iam-se tornar «portadores da verdade de Deus», passando também a fazer parte do exército de «testemunhas de jeová».

Um grupo de homens pertencentes a seita, espadaúdos, vestindo calções encarregaram-se de praticar o batismo. São chamados ministros Maduros e sua fôrça (muscular) foi exibida na praia aos olhos de todos. Erguem os batisandos no ar e os mergulham nas águas. Moços, velhos e velhinhos submergiram por segundos nas águas salgadas de Copacabana. Garôtas de «biquini» e «tarzans» de praia assistiram com ares um tanto espantados todo aquêle demorado ritual da multidão recebendo o batismo. Muita gente entendia vagamente a finalidade daquela movimentada cerimônia, que por



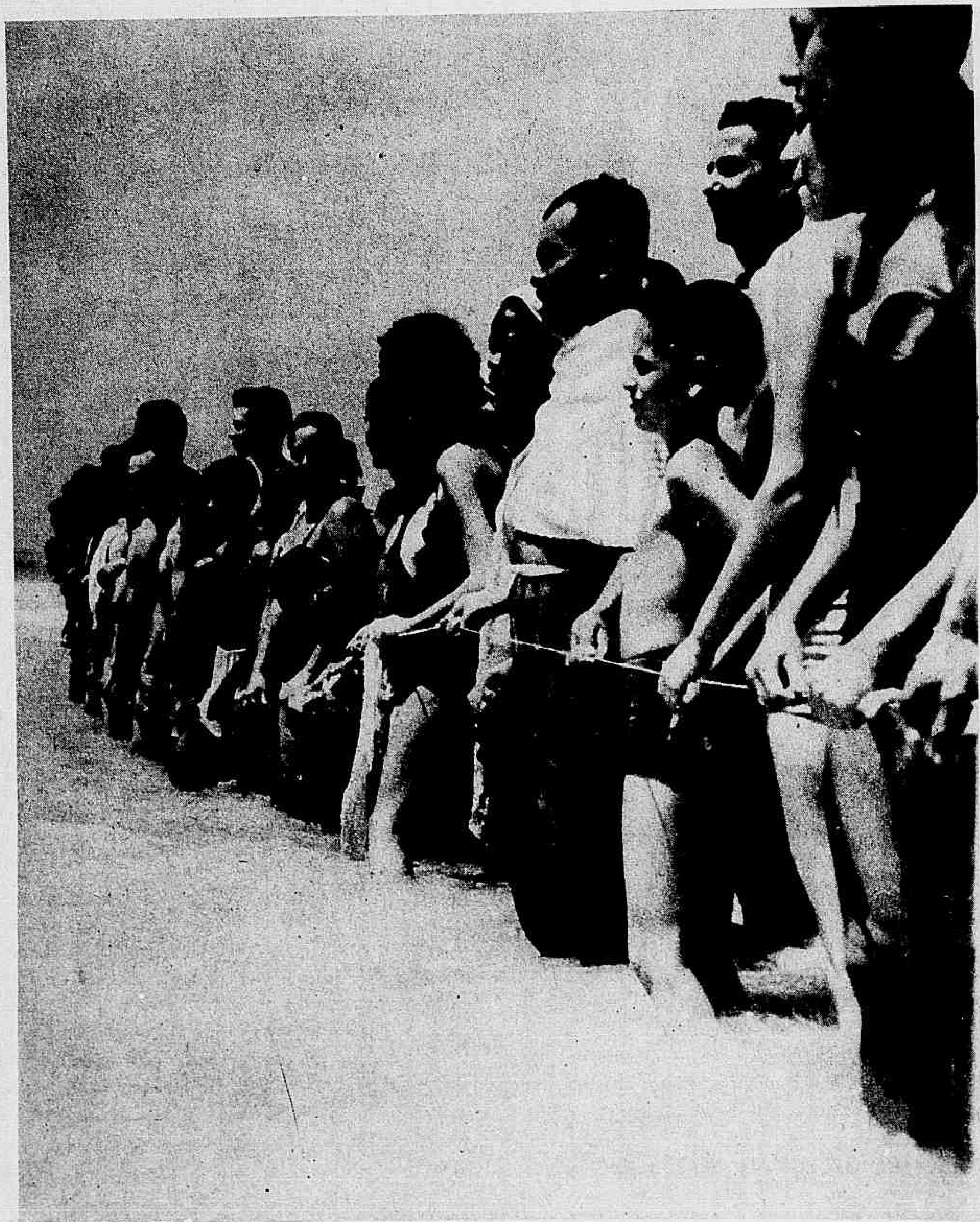
ROUPA COLADA ao corpo, escorrendo água, elas retornaram ofegantes da imersão batismal. Novos «soldados da fé».



A CADA mergulho nasce uma nova «testemunha». Assim vai engrossando o exército dos seguidores do Deus Jeová.



DE BRAÇOS abertos ela diz: «Já não temo Armagedon, a guerra de Deus que varrerá maldade do universo...»



OS BANHISTAS esqueceram o banho para apreciar a estranha cerimônia na praia. Quinhentos mergulhos na água.

algumas horas tomou conta da praia de Co cabana. Quando uma banhista curiosa apro mou-se de certo cavalheiro perguntando-lhe que era aquilo tudo, êle deu uma série de plicações e informou que ali estavam algum centenas de almas preparando-se para enfr tar um mundo novo que viria após o «trem do Armagedon». A jovem não entendeu a tranha palavra...

O «ARMAGEDON» VEM AÍ

O batismo em Copacabana é um dos ta que as «Testemunhas de Jeová» vem realiz do pelo mundo a fora. Segundo a explica que nos deu um dos seus elementos a ceri nia não se verifica apenas no mar. Pode ser qualquer recanto, as margens de um rio, a b de um riacho ou ao redor de uma mansa la

Com êsse batismo, novos adeptos, conven temente preparados, vêm cerrar fileiras n organização que prega a renovação comp dos valores morais e humanos do mundo. se trata de um credo religioso, dizem êles. A nas estão estritamente ligados à Bíblia e seus sessenta e seis livros, divulgados por parte através de grupos de pregadores. E as profecias bíblicas êles destacam um cap do Apocalipse, referente ao chamado A gedon. Armagedon, explicam êles ao re ter, é o nome dado «a última guerra de D contra a iniqüidade», que ocorrerá breveme Afirmam terem previsto as guerras de 1879 de 1914, e que a guerra de Deus, a vir próx mente, talvez ainda nesta geração, varre terra, dando lugar então ao novo mundo paz. Em suas assembléias avisam que o magedon será a coisa pior que atingirá a e não meramente um simples conflito po entre nações.

Tais são as alarmantes previsões propal pelas destemerosas testemunhas de Jeová quatro cantos do mundo.

AMPARADA



AMPARADA por dois ministro de Jeová a preta prepara-se para enfrentar as águas revôltas de Copacabana. Serão poucos segundos de mergulho e então ela se tornará uma nova «testemunha» para propagar os ideais da seita.

519.000 PROPAGADORES

Êste é o número atual de «testemunhas de Jeová» operando no mundo inteiro desde a sua organização no ano de 1879, e contando hoje, sòmente no Brasil, com alguns milhares de adeptos. Tratam-se de 519.000 «soldados da fé», tão decididos em sua missão quanto mais o sejam os mais fanáticos.

A título de esclarecimento aqui vão alguns capítulos da crença dos seguidores de Jeová: A alma não é imortal, tôda a alma que pecar, morrerá. O inferno, segundo a bíblia, não é um lugar de tormento eterno, mas sim a própria sepultura. Cristo foi entronizado no céu em 1914, segundo Mateus, capítulo 24. Jesus despojará todos os governos da terra contrários a Deus e formará um govêrno celestial. O batismo não deve ser dado a crianças, mas sim adultos convenientemente preparados para recebê-lo.

Eis aí alguns dos princípios da vida dos adeptos de Jeová. E para acompanhá-los, quinhentas novas testemunhas nasceram das águas espumadas de Copacabana, num dêstes últimos domingos.



ELAS JÁ SE encontram preparadas para o batismo: saias erguidas audaciosamente e sapatos na mão. Depois o mergulho...



APRONTAM-SE as duas meninas para receber as graças divinas. Às mãos tapando o nariz resolutas (não muito).

19

O NASCIMENTO DE AUGUSTO

SÉRVULO DE MELLO

Notei de repente que a volta dêsse corpo sofrido as coisas se tornaram nítidas e lúcidas. Enorme corredores marmorizados se estendiam sob os meus pés e pelas brancas paredes se projetava a minha sombra aflita. Súbito, voltei ao quarto e a revi pálida, quase em desmaio, com uma espécie de «pince-nez» de arame sôbre o seu nariz afilado; e distingui um brilho de batalha nos seus olhos azuis. De batalha no mar. A essa idéia, associou-se a do torpedo, que se via de pé, junto ao leito, alimentando-a de oxigênio. Segurei as suas pequenas mãos e as notei enrijecidas, apertando-me estranhamente. E o corpo se contorcia, os ombros de cântaro para o norte e os pés de pombos para o sul. Apenas um murmúrio manso, um gemido controlado vindo das profundezas do ser brotava dos seus lábios como «pizzicato» de violoncelo. Veio o doutor dentro do seu alvo avental, debaixo da sua tôca. Assestou sôbre o ventre uma espécie de trompa, auscultou, examinou, tomou notas e ordenou que a levassem, sem me notar, sem me sentir, sem me atribuir qualquer importância. Desatei em perguntas tempestuosas, formulei hipóteses, tornei-me impertinentíssimo e êle apenas me respondeu: «tudo bem». Vi-a sair escoltada por uma enfermeira de rosto liso e gestos seguros, estirada sôbre a mesa esmaltada que rodava como um carro fantasma pelos compridos corredores marmorizados. O meu coração gritou-me que ela ia para a morte e ergui-me impulsivo para evitar, mas u'a mão amiga pousou sôbre o meu ombro e me deteve. O carro sumiu dentro de uma sala, cujo clarão parecia de um «flash».

Nunca os instantes se arrastaram tão lentos. O fluir do tempo na minha memória se assemelhava a uma grossa corrente de ferro, com pesadas esferas de espaço em espaço, assinalando os minutos, como se fôsse um monstruoso rosário que um pausado gigante desfiasse entre os dedos. Passei os olhos pelos jornais, vi fantásticos mosaicos nas composições tipográficas, menos palavras e, de repente, todos os objetos que me cercavam perderam também o nome, transformando-se em coisas simplesmente, composições abstratas de aço, vidro, madeira e alumínio.

Joguei pela janela a ponta do meu último cigarro. Ouvi apitos, buzinas, ruídos, vozes de veículos, homens e animais que escorriam de cambulhada no lodoso rio das ruas. Voltei os olhos aos corredores e surpreendi-me com as «schwesters» e enfermeiras, transitando, leves e ágeis, como se estivessem em preparo para um «ballet». Sempre me irritaram os afinamentos de orquestras e arranjos preliminares dos espetáculos, mas não tanto quanto naquela hora. Ouvi tinirem os instrumentos cirúrgicos, as seringas, senti vapores de água fervendo e vi desfilarem flocos de algodão, meio às vozes de enfermeiras e anestesistas. Novamente fiz perguntas, ansiosas, pueris, ridículas. A resposta vinha invariável: «tudo bem». Um bom velho deu-me mais cigarros. Já havia absorvido uns dois dêsses brancos cilindros e prosseguia cremando-os, aspirando-os e espelindo fumaça como se a minha transformação em chaminé pudesse acelerar a máquina do tempo.

«Vão começar agora», disse-me, ternamente, a minha sogra. Fixei o espírito no meu meridiano, pensei nos meridianos opostos, nas cidades, nos portos e nos caminhos do mundo. Olhei a noite que subia, procurei distração nas estrêlas e não as havia. Desabava, ao contrário, sôbre a cidade, um copioso pranto celeste. Senti, o coração bater como um tambor soturno e me entreguei à mais absoluta humildade, esquecendo rancores, fobias, ressentimentos, antipatias. Esqueci glórias e ambições, paixões e prazeres, conseguindo a mais absoluta concentração no corredor e no clarão que vinha da sala e projetava na parede um grande retângulo luminoso.

A corrente do tempo parecia se arrastar mais lenta ainda e as cordas dos meus nervos, distendidas em alta tensão, pareciam também ígneas, quando o bom velho veio do clarão, com a sua barba, os seus olhos claros e o seu bom sorriso dizendo as palavras mais puras e impressionantes que até hoje ouvi: «E' um menino, pesa três e setessentas e já deu o primeiro berro». Nesse prodigioso momento, as comportas interiores se romperam e me vi diante de Deus, em lágrimas, manifestando-lhe o meu puro agradecimento. Sucedeu o alvorôço, quando a vi de regresso na mesa de roda, que me parecia agora um carro de flores celebrando as alegrias da primavera. Depois, contemplei o estúpido aquela nossa redução anatômica e sorri como um idiota, com o simples e profundo milagre da vida. Tinha nascido Augusto. Comecei a mancar, não sei porque e passei o resto da noite com o dedo grande do meu pé direito distendido, outro mistério.



SAGRAMOR

O mundo não vale o seu lar

PIN

1 —
R. —
contingê
2 —
mundo?
R. —
da revist
nio tem
homem s
gurou.
3 —
R. —
anos. Se
4 —
prefere?
R. —
que real
leza e a
num pres
5 —
R. —
não me
conta.
6 —
R. —
7 —
de ser?
R. —
mundo.
8 —
R. —
minina. A
9 —
ter?
R. —
cero voc
preserva.
sível; só
10 —



SIM
b
palest
marido
(Copa
por s
ampar
roupa

"ACHO HORROROSO SER HOMEM"

Sagramor de Scuvero: vereadora, radialista, com escritório de Serviço Social, é sobretudo uma boa dona-de-casa ★ Trabalha bastante, ama o marido, viajou muito ★ Mas o seu verdadeiro mundo são as crianças.

Texto de LUIZ SODRÉ

Fotos de ALBERTO FERREIRA

1 — O mundo não vale o seu lar?

R. — Não, não vale. Em nenhuma situação ou contingência mesmo.

2 — Seu marido é o sujeito mais fabuloso do mundo?

R. — Indiscutìvelmente. Se v. me der 10 páginas da revista explico e provo por quê. Além de ser gênio tem ótimas qualidades de paz. Aquelas que o homem sem camisa da histórinha da felicidade inaugurou.

3 — Tem filhos?

R. — Uma filha. Chama-se Ana Maria e tem 12 anos. Se outros vierem serão benvindos.

4 — De tôdas as funções que v. exerce qual prefere?

R. — A de cozinheira, na minha casa. Nela sinto que realizo e, o mais importante, sinto alegria, beleza e arte num rosbife rosado, num patê macio ou num presunto feito em casa.

5 — Por quê?

R. — Porque das minhas atividades é a única que não me obriga a um patrão. Trabalho por minha conta.

6 — V. sonha?

R. — E como! E' o meu mal e a minha mágua.

7 — Se v. não fôsse a Sagramor quem gostaria de ser?

R. — João Alberto. E' o maior premiado do mundo.

8 — E não se importaria com a mudança do sexo?

R. — Eu queria ser João Alberto em edição feminina. Acho horroroso ser homem.

9 — Qual o pior defeito que uma pessoa pode ter?

R. — Burrice. Se é ladrão você vigia, se é insincero você procura averiguar, se é doente você se preserva. Mas contra a burrice não há defesa possível; só carrinho.

10 — Qual o sentimento humano mais nobre?

R. — O perdão: o mais nobre e o mais repousante. A resignação é mais importante, no entanto é mais cômoda. Ajuda.

11 — V. tem mêdo de rato?

R. — Tenho. E horror aos sapos. Mas mêdo mesmo eu tenho de cobra. Até nos retratos.

12 — Se os habitantes de Marte invadissem a Terra, qual seria a sua primeira reação?

R. — Desmaiaria. E quando acordasse estaria morta. Mas se fôsse empregada do Edmar Machado dominaria tudo isso e faria uma reportagem.

13 — V. acha que a Justiça é cega?

R. — Não. Acho que ela vê até demais, às vêzes. No Brasil a Justiça tem «vista limpa».

14 — E' a favor da saia curta?

R. — Sou. Desperdício de pano neste clima?

15 — Tôda mulher deve casar?

R. — E' claro que deve. Mas é negócio de dois. O importante é que cada mulher, solteira ou casada, lavadeira ou Presidente da República, tenha sempre um tanque, um fogão, um teto, um chão. E se não pode ter um filho — crianças são filhos, mulheres são mães — há sempre uma criança órfã chorando a espera do carinho de uma maternidade frustrada. Fora disso será uma mutilada. Passarinho sem asa, moringa sem água, garrafa sem vinho.

16 — E o homem?

R. — Bem, agora o assunto é sério. Homem sem casamento não come, não mora, não se veste. E, coitado, entra para aquêle clube meio chato do Vicente de Carvalho... porque está sempre apenas onde a pomos e nunca a pomos onde nós estamos. Felicidade em homem solteiro é crediário: um pouco por vez. Nunca o todo.

17 — E' a favor do divórcio?

R. — Não. Eu tenho uma filha e vejo que diante dela meu marido é meu parente mais próximo. Para crianças pai e mãe são um todo. E não duas criaturas com problemas sentimentais e sexuais. Ninguém tem direito de trazer uma criança ao mundo para roubá-la depois no que de mais precioso: um pai ou u'a mãe.

18 — E O Brasil, dá-se um jeito nêle?

R. — O Getúlio já deu tantos que não me admira nada quando já, já, êle der mais um.

19 — Como?

R. — Como, não sei. Mas todos os «jeitos» de Getúlio sempre foram ótimos. E você se lembra daquela história de uma Constituição não sei de quem com parágrafo único sôbre a obrigação de ter vergonha?

20 — Qual o perfume que v. usa?

R. — Quando meu marido me dá — «Ma Griffe». Quando eu compro, colônia «Cinelândia».

21 — Cite duas pessoas completamente felizes.

R. — Minha cachorrinha Xanty e o vereador Alvimar Gomes Leal.

22 — Que é essencial no amor?

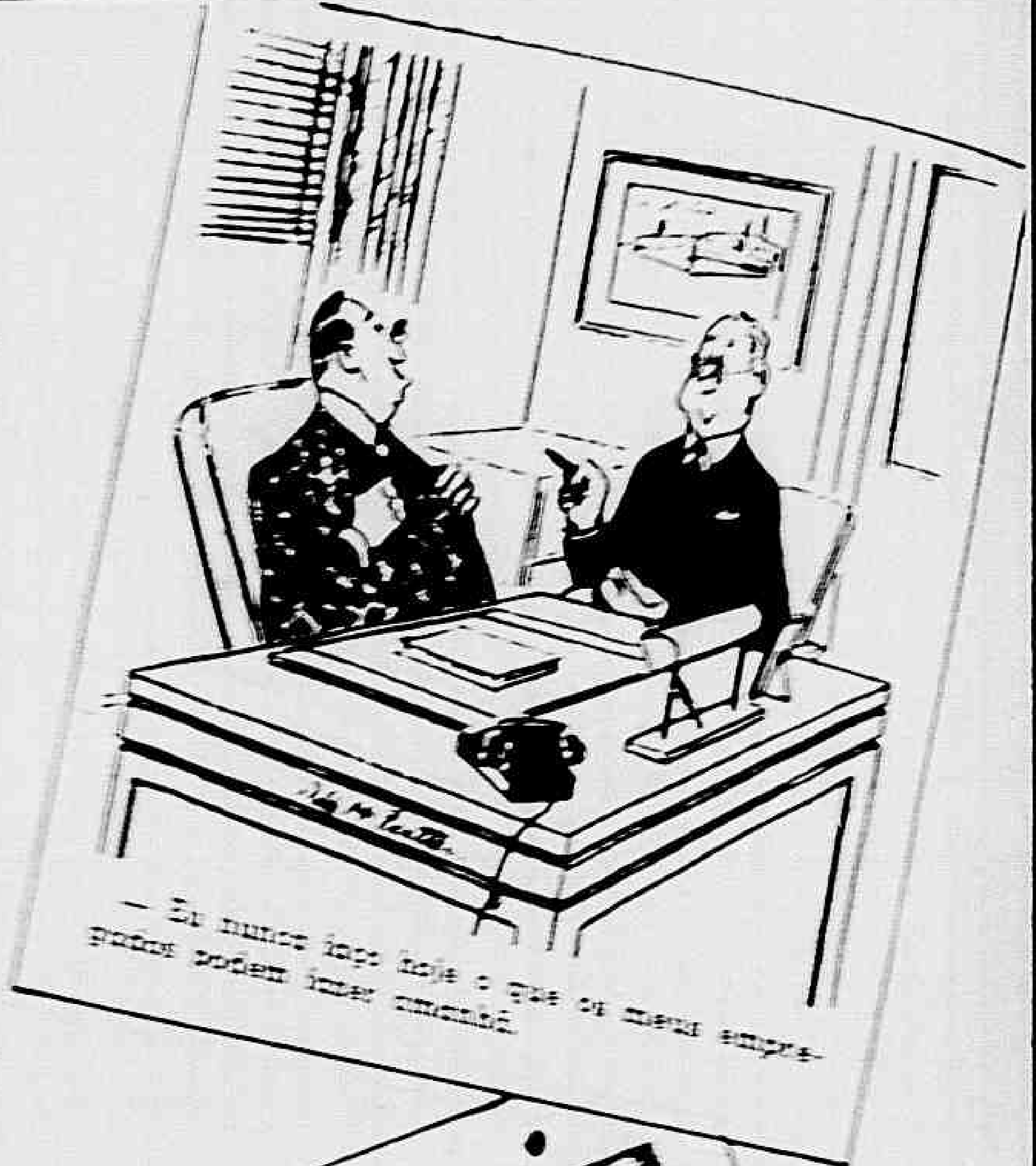
R. — Misturar um pouco de céu com um pouco de terra.



SIMPÁTICA, inteligente, Sagramor pode ficar horas seguidas batendo papo sôbre os mais variados assuntos: no fim da palestra, a gente acaba ganhando uma amiga e um amigo (seu marido, Miguel Gustavo). Figura moderna, vai a praia todos os dias (Copacabana), mora em Laranjeiras, faz feira ela própria uma vez por semana, dispensa cozinheira. Gosta de Sílvio Caldas, adora amparar crianças pobres, vinho francês, histórias do Ferdinando, roupa fácil de vestir, sambas do Antônio Maria, Araci de Almeida. Não gosta de falar no telefone, perder praia por causa de trabalho, carne ruim, audiência oficial, limpar o chão, varrer a casa. Nasceu em S. Paulo (capital) e se considera a paulista mais paulista que existe. Afirma mesmo que «S. Paulo é um país muito amigo do Brasil». Acha que a vida devia ter féria, pretende viver 160 anos, não sofre o mal do «agente de seguros». Adora ser entrevistada por repórteres inteligentes. Eis a razão dessa entrevista:



— O senhor não tem telefone? Ah! então me desculpe...



— Eu nunca faço hoje o que os meus empregados podem fazer amanhã.



— Agora que o seu filho se casou eu posso [illegible] no seu nascimento...



— Se você não tomar providência, eles vão acabar quebrando um vidro da janela.



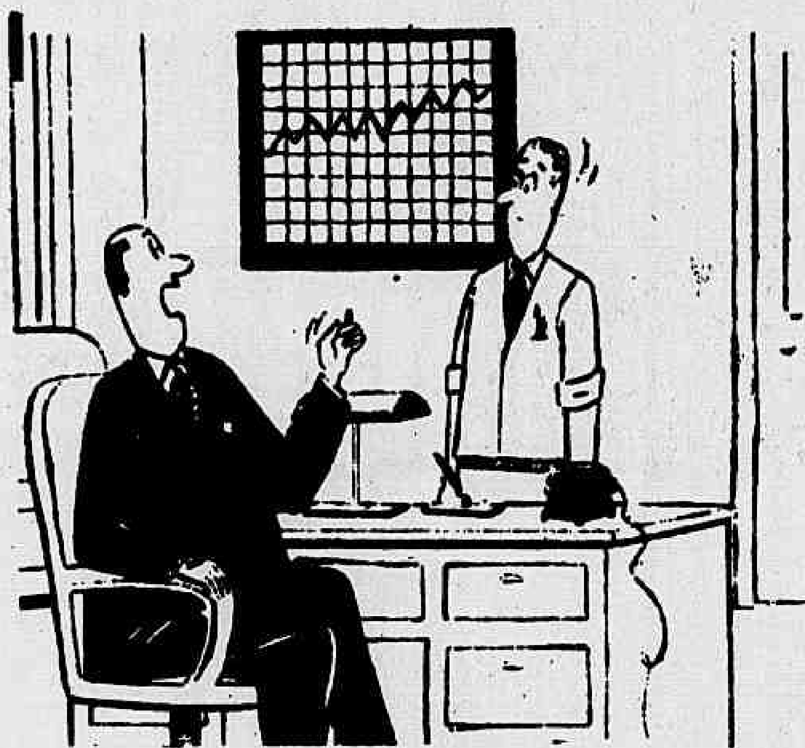
— Quando você [illegible] o seu [illegible]



— Mas, senhorita Westmore, quanto prazer em encontrá-la!



— Muito bem. A senhora é muito simpática, mas é preciso mostrar as pernas.

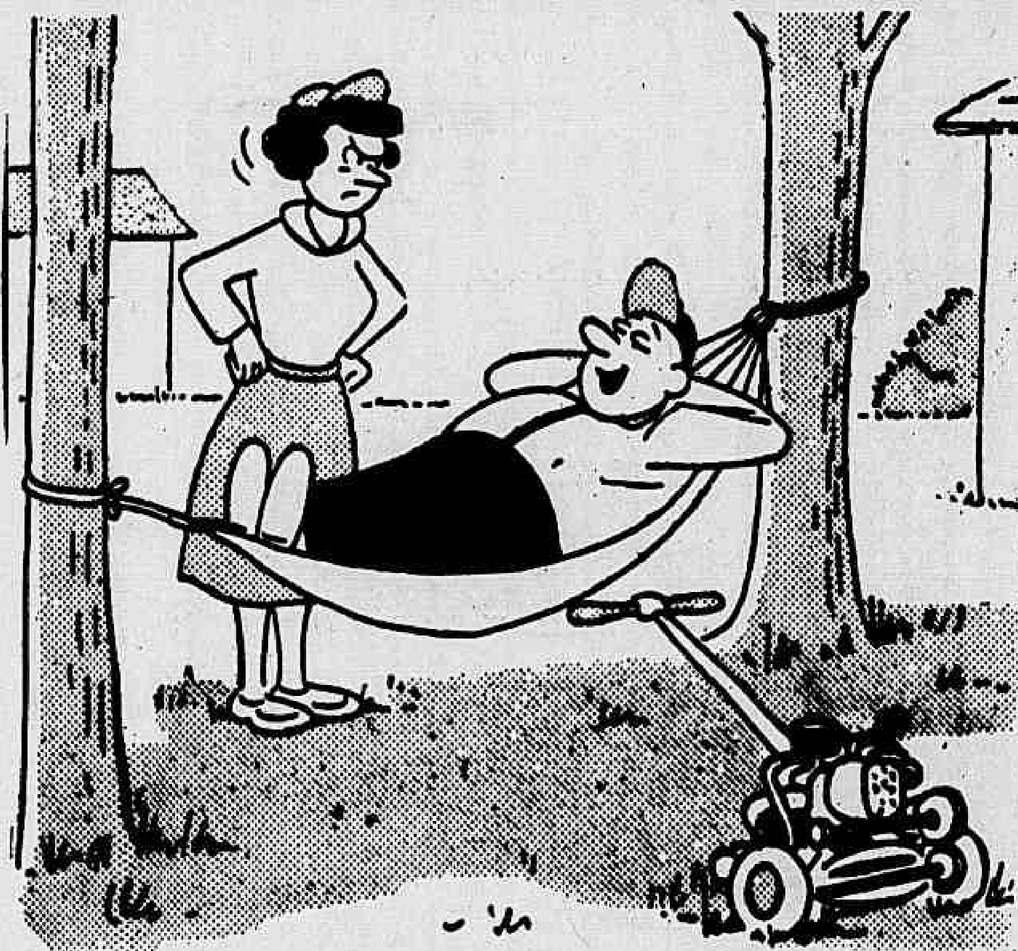


— E' evidente que o senhor não poderá casar-se com o ordenado que lhe dou. O senhor me agradecerá depois...



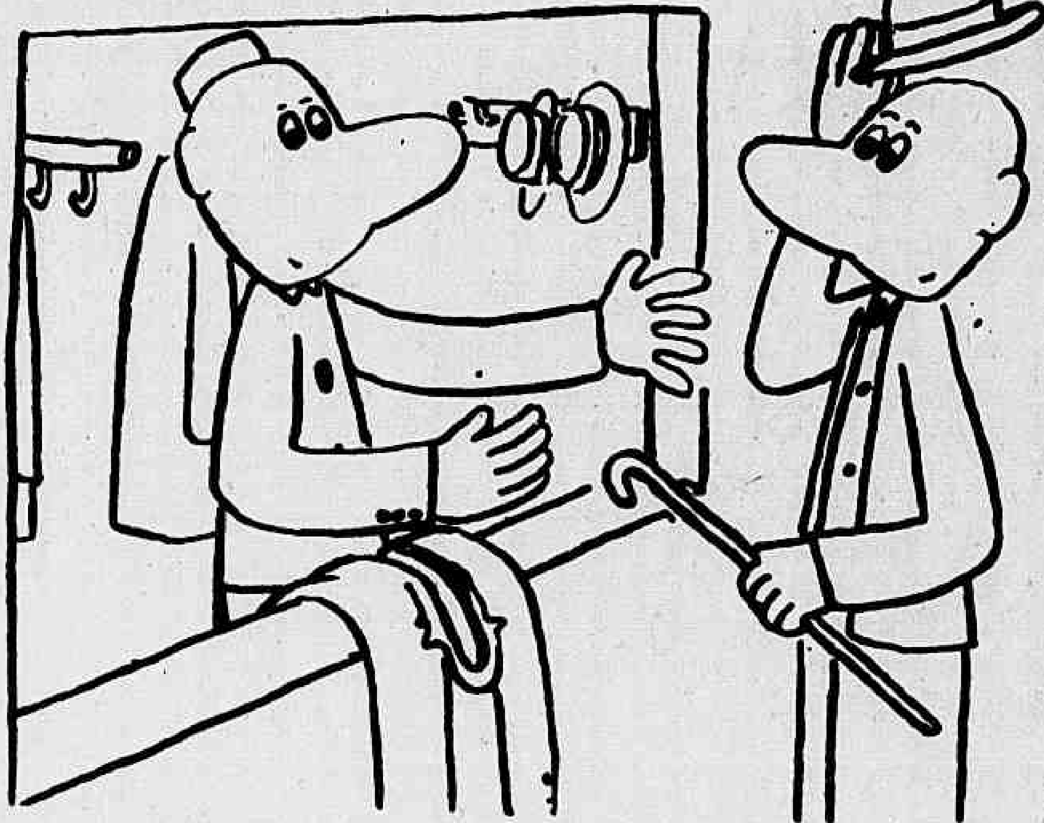
— O guarda quer nos acompanhar. Diz êle que não vai com a cara do diretor...





— Falta de gasolina...

GUARDA ROUPA



E a seguinte lhe disse:
— «E todo mundo tirará o chapéu diante do senhor...»

Semana LITERÁRIA

UM POEMA POR SEMANA

CONSTRUÇÃO

Suspendo a ponte do olhar
com dois andaimes de vento,
e nela meu pensamento
planta passos de vagar.

Ouço o horizonte gritar
inconsistentes promessas:
felicidade são peças
dum longo jôgo de armar

— esta é branca, esta é vermelha.
Com um tijolo e uma telha
ergo o presepe dum lar;

trompa de luz amarela
chama de cada janela,
mas não entro. Fico no ar.

GEIR CAMPOS

"LA PETITE HUTTE" NO BRASIL

EM 1949, Tônia Carrero obteve o prêmio de revelação teatral do ano. Depois disto, fêz um pequeno estágio no palco do Teatro de Cultura Artística, em São Paulo, para logo assinar o contrato com a Vera-Cruz e ocupar-se exclusivamente com cinema. No entanto, nunca se absteve de dizer que prefere o teatro ao cinema. Sendo, a atriz, de temperamento comunicativo, agrada-lhe o contacto direto com o público. E agora, que parece que as coisas não vão muito bem na «Vera-Cruz», volta Tônia Carrero ao palco. Exibe-se desta vez, ao lado de Paulo Autran, seu antigo galã e Maurício Barroso, sob a direção de Adolfo Celi, numa peça de Roussin: «La Petite Hute», no Teatro Brasileiro de Comédia.

Já houve quem dissesse que o aproveitamento de Tônia no palco tem o objetivo de melhorar a situação financeira da Companhia, que tem ali sua melhor fonte de renda. Assim, uma grande atração seria providencial, no momento.



ROUPA DE DOMINGO



SUPLEMENTOS & SUPLEMENTOS

AS CALÇAS E O TEÓLOGO

«Comentando a passagem do Deuteronômio, onde está escrito que a mulher não deve usar roupas de homem, nem o homem roupas de mulher, Santo Tomás explica que o aparelho exterior deve estar de acôrdo com a condição da pessoa, e que por conseguinte, é intrinsecamente má a troca de indumentária. Mas acrescenta, com sua habitual simplicidade, que o travestimento tem desculpas em situações extraordinárias, como por exemplo no caso de necessidade de disfarce para fugir dos inimigos».

Gustavo Corção, sup. do «D. de N.»

DEDICAÇÃO A VAPOR

«Um poeta, Sirius Dalian, dedica a meio mundo, a vivos e mortos, o seu primeiro caderno de poesia — «Caminhos de Poesia». Dedicatória em versos que eu aqui reproduzi em condição de prosa: «Aos mortos que deixaram raizes atravessando a vida; aos vivos que engrandeceram minha sensibilidade; aos que pisaram os caminhos do mundo; aos que regressaram da sombra para as manhãs de sol; aos que têm algo a realizar e enfrentam a luta com dignidade; aos que sabem o que querem e se responsabilizam diante da própria consciência; aos que souberam renunciar e olharam comovidos para a frente; aos que morreram sem glória; aos que procuram um bem perdido; aos que morreram sem glória; aos que procuram um bem perdido; aos mistérios que nos treinam o espírito para as grandes jornadas; aos que abrem caminhos para o futuro; às crianças torturadas».

Valdemar Cavalcânti, sup. do «O Jornal»

MULHER MAIS QUE O BISPO

«Também sòzinho o professor Benedito Oliveira não seria pedreiro para alicerce tão sólido. Ajudou-o sua mulher d. Judith Rocha, talvez mais conhecida que o próprio bispo por todos os sergipanos».

Breno Accioly, sup. do «D.C.»

AQUI ONDE, AQUI QUANDO

«Citá-lo não poderei, destacar-lhe um trecho não saberei, apontar a perfeita beleza com o dedo mínimo não conseguirei, aqui onde, aqui quando o som repercute em elos e a luz caminha, ecoante. Não se corta o perfume dos vitrais, não se fita só uma estrêla na Via Láctea, Bach não se interrompe».

Atílio Milano, sup. do «O Jornal»

CURUMIM CAIPIRA NO RIO

«Interpelado pela tia se não gostava de morar num arranha-céu, respondeu que talvez gostasse se pudesse morar «por fora». E' dado a essas frases lacônicas e meio herméticas».

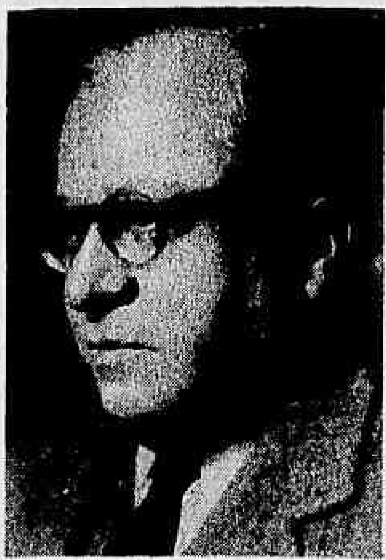
★

«Outra decepção teve ao lhe mostrarem Papai Noel de carne e osso, na loja. Segundo uns, teve mêdo do velho. Êle nega, veementemente, o mêdo. Confessa o desgrado:

— Gosto de Papai Noel é em figura de livro. Assim, com aquela roupa e aquela barba, a gente está vendo logo que é fingido...»

Rachel de Queiroz, sup. do «D. de N.»

CINEAC LITERÁRIO



GILBERTO AMADO

O escritor italiano Giovanni Papini, completamente cego, católico e direitista, acaba de publicar o seu sexagésimo livro, «O Diabo». Nesse estudo, destinado a uma grande repercussão literária e teológica, o velho e intratável Papini defende a tese de que o demônio, ao fim dos tempos, será perdoado pela misericórdia divina, desaparecendo o inferno e a condenação eterna. Completamente afastada da ortodoxia católica, essa idéia poderá trazer para o autor do «Homem Acabado» sérios aborrecimentos, inclusive a excomunhão.

★

O grande poeta inglês Dylan Thomas, recentemente falecido, falando certa vez para uma enorme assembléia de estudantes universitários americanos, assim iniciou sua conferência: «Em primeiro lugar, sou natural do país de Gales; em segundo lugar, sou bêbado convicto; em terceiro lugar, amo o gênero humano, principalmente as mulheres».

★

O dramaturgo Nelson Rodrigues, após fazer caloroso elogio do mau gôsto, em artigo de jornal, considerando-o como elemento essencial de qualquer obra de arte, termina com as seguintes palavras: «A presença de fezes na obra de arte representa uma desagradável, mas soberana exigência vital. Seria ingenuidade, ou cretinice imaginar uma obra de arte com uma perpétua, uma insolúvel prisão de ventre».

★

Notícia o «Diário Carioca»: «Tiago de Melo levou a José Olympio os originais da «A lenda da rosa», poema de dois mil versos que, perdido num táxi, foi recomposto pelo poeta. O editor leu-o e considerou urgente a sua publicação, mandando-o para São Paulo para impressão imediata. Dentro de poucos dias, teremos assim o terceiro livro de Tiago de Melo. Tem o poeta, aliás, mais dois livros prontos: um de histórias para crianças e outro de crônicas sôbre a Amazônia.

★

Gilberto Freyre, mestre de Apipucos, segundo a pitoresca designação de seus amigos e admiradores, acaba de publicar pela Livraria José Olympio mais dois alentados tomos de sociologia e literatura: «Aventura e Rotina» e «Um brasileiro em terras portuguêsas». Carlos Castelo Branco, noticiando o acontecimento, afirma que os volumes são ilustrados com fotografias do Mestre, em Portugal e colônias.

★

Será lançado pelo Ministério de Educação e Cultura, em data próxima, um ensaio do sr. Hélio Viana sôbre Capistrano de Abreu, cuja figura tem cada vez mais interessado nossos biógrafos e ensaístas.

★

Guilhermino César, mineiro incorporado às paisagens sulinas, tem pronto há muito tempo um novo romance, «A Chave do Abismo». Ao que parece, decidiu-se finalmente o autor de «Sul» a publicá-la, havendo grande interêsse em tôrno dêsse lançamento.

★

José Sérvulo de Melo, jornalista e escritor, publicará pelos «Cadernos Cultura» um ensaio sôbre a vida e a obra de Franz Kafka. O original tem mais de cem páginas dactilografadas, espaço dois.

★

Realizou o «Diário» de Belo Horizonte um inquérito entre os intelectuais mineiros, sôbre os acontecimentos literários mais importantes de 1953. Eis o resultado: a publicação de «Memórias do Cárcere», o aparecimento do «Romanceiro da Inconfidência» e a morte do poeta Jorge de Lima.

★

Serão lançadas em breve, em edição popular, as obras completas do poeta João Cabral de Melo Neto, excluindo-se o seu poema «O Rio», cujo aparecimento ficará a cargo da Comissão do IV Centenário de S. Paulo.

ESPELHO DE ESCRITORES



PAULO MENDES CAMPOS — Nasceu em Belo Horizonte, num domingo de carnaval, a 28 de fevereiro de 1922 e, por isto mesmo, se considera ativo participante da Semana de Arte Moderna. É filho de Mário Mendes Campos (médico e poeta desertor, segundo Manuel Bandeira) e de d. Maria José Lima Campos. Neto do padre Antônio de Souza Lima Motinha, que abraçou a carreira sacerdotal depois de viúvo, orgulha-se muito dêsse avô-padre: mesmo depois de ordenado, e de cabeça branca, jamais levou desafôro para casa, sendo autor de uma teoria para desinteligências de rua (ganha a briga aquêle cujo sangue esquenta primeiro). Estudou primeiras letras no Grupo Escolar Barão do Rio Branco (onde cantou com raro entusiasmo cívico o **João Pessoa, João Pessoa, o teu vulto varonil**) e só escapou de uma expulsão dessa escola pública em virtude de ser parceiro de molecagens do sobrinho da diretora. Aos onze anos, fugiu de casa, com mochila, revólver furtado ao pai, mantimentos comprados no armazém Batista Júnior (do qual era gerente o romancista Osvaldo Alves), e demandou terras goianas, com a finalidade de civilizar os índios. Acompanhavam-no na aventura Georges Donnard (hoje odontólogo) e Aristeu (hoje na Casa de Correção), e os três fujões, após 48 horas de ausência, voltaram ao lar paterno, rendidos pelos conselhos de um velho lenheiro (seu Cardoso), na casa de quem haviam passado a primeira noite de libertos. Fêz curso de ginásio em três etapas: Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte, interno no Colégio Dom Bosco, de Cachoeiro do Campo (aí recebeu bilhete azul, na terceira série) e no Colégio de Santo Antônio, São João del Rey, dirigido por padres franciscanos, dos quais se tornou amigo. Em compensação, tem horror à pedagogia salesiana, e a ela deve, entre outras coisas, a perda de sua fé católica. Bacharelou-se, finalmente, pelo Colégio de Santo Antônio, em 1938, e no baile de formatura, sem sabê-lo, dançou com o objeto de uma devastadora paixão platônica do adolescente Otto Lara Resende, que todo se roeu de ciúme e despeito. Por insinuação da família mineira, procurou honradamente tornar-se doutor: fêz o complementar de odontologia, cursou até o terceiro ano de veterinária, e tentou a aventura jurídica, também até a terceira série (já no Rio, depois de transferido, foi reprovado com muito bom senso pelo professor Castro Rebelo, abandonando então qualquer veleidade forense). Além disso, em 1940, após uma prova de suficiência física e intelectual, ingressou na Escola Preparatória de Cadetes, de Pôrto Alegre, com o objetivo de tornar-se aviador (até hoje se considera um ás frustrado). Fugiu dessa escola por uma corda, em noite tempestuosa, a fim de encontrar-se com Esmeralda, sua namorada de olhos côr do nome, e pela proeza pagou dez dias de cadeia. Um dia, quando solitário, fuzil embalado, guardava o entroncamento de uma estrada «inimiga», descobriu de repente o seu coração paisano e, pedindo imediato desligamento da caserna, voltou às montanhas de Minas. Rodeado dos livros paternos, desde muito cedo inquietou-se com o problema literário. Aos doze anos de idade, sem nada conhecer do movimento modernista, a não ser a transcrição de uns poucos versos de Mário de Andrade numa antologia ginasiana, escreveu um largo poema de versos libérrimos a Belo Horizonte, no qual fazia críticas irônicas à inépcia do govêrno mineiro (Benedito Valadares) e à inércia dos senhores deputados estaduais de 1934. Recentemente, releu o poema (passado a limpo em caderno escolar, dêsses de quinhentos réis, pela letra caligráfica de Décio Mossoró) e o considera a sua melhor obra poética. Começou a colaborar na imprensa mineira aos dezenove anos, ajudado, como tôdas as últimas gerações mineiras, por João Etienne Filho, de «O Diário». Escrevia nessa época artigos de crítica e ensaios sôbre problemas literários e humanos, e até hoje se julga um espírito crítico em busca de uma nova ordenação ética do mundo. Dirigiu por alguns meses o suplemento literário da «Fôlha de Minas», onde ganhou seu primeiro dinheiro com a máquina de escrever. No vórtice de uma linda paixão adolescente, deixou-se vir até o Rio de Janeiro, onde pretendia passar uma semana. Acabou adiando sucessivamente a volta e aqui reside, há mais de nove anos, sem esperanças próximas de retôrno. Pertence desde a adolescência a um dos chamados «grupos mineiros» (Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Hélio Pelegrino), e a êle mantém uma indeclinável solidariedade, por isso mesmo feita de turras e desencontros cotidianos, que vão desde a discussão das causas primeiras, passando pelo triste capítulo da política nacional, até aos simples (e complexíssimo) problema de comprar uma gravata. No Rio de Janeiro, dedica-se há muito tempo ao trabalho jornalístico, tendo sido redator de «O Jornal», do «Correio da Manhã» («Você é minha fraqueza» — dizia-lhe o velho Costa Rêgo, diante de seus surtos periódicos de preguiça), secretário de uma revista da Câmara de Comércio Chileno-Brasileira. Atualmente, mantém seção diária no «Diário Carioca» e escreve para «Manchete», «Sombra» e «Revista da Semana». Publicou um volume de poesia, de grande importância, «A Palavra Escrita», e organizou para os **Cadernos Cultura** uma excelente antologia, «Forma e Expressão do Sonêto». Prepara no momento, em colaboração com Manuel Bandeira, uma «História da Literatura Brasileira» e uma antologia de poesia, «Vinte Poetas Modernos do Brasil». Escreve também um longo poema auto-biográfico, no qual aproveitará, em forma poética, muitos dos dados aqui transcritos. Estêve na Europa por seis meses, em 1949, e de lá voltou mais brasileiro do que nunca. Quanto ao mais: na literatura brasileira distingue Machado de Assis, incomparável, e Mário de Andrade, a nossa inteligência mais completa. No que se refere à poesia, reserva sua opinião para uma obra que ainda não escreveu. Cinco livros que mais o impressionaram, no período de sua formação literária: «Hamlet», «Os Moedeiros Falsos», os ensaios de Valéry, as poesias de Carlos Drummond de Andrade e de Manuel Bandeira. Coisas de que mais gosta: tomar banho de mar, bater papo, beber bom uísque. Coisas que o desgostam: a safadeza, em tôdas as suas múltiplas reverberações; os barulhos, em geral; as lotações, em particular. Acha que a mais difícil das tarefas humanas consiste em amar um chofer de táxi do Rio como a si mesmo. A qualidade que mais preza no homem: a capacidade de descobrir o outro homem. Considera que o mundo, tal como está organizado, é uma porcaria, e crê que só existe um caminho decente: modificá-lo para melhor, com jeito ou aos pescoções. Casou-se com moça inglêsa, tem dois filhos, e espera morrer aos 83 anos, idade em que faleceu seu avô.

H. P.

ILUSTRAÇÃO DE DAREL

DE UM DIÁRIO INÚTIL

O homem dormiu, no fundo de um automóvel, parado na estrada de São Paulo. Acorda e olha seu rosto no espelho do pára-brisa. Está mais feio do que já era. Em compensação, o dia está lindo e o vento cheira a eucalipto.

A viagem continua e êsse pêso cristão da véspera de Natal lhe dói na vida. As coisas tôdas que vão acontecer já estão mais ou menos previstas. Não haverá nenhuma alegria especial, nem tampouco, com a ajuda de Deus, deverá acontecer alguma coisa de chorar.

● quarto de hotel foi feito para que os homens de alguma sensibilidade pudessem ter uma prova, sem odores, do isolamento dos presos e dos pestilentos. É uma solidão que se quebrará quando se quiser, pelo telefone e pelas campainhas de chamar. Essas coisas serão usadas, se o hóspede precisar pedir: café, cigarros e socorro. Mas, êle não pedirá nada, nem chamará ninguém, porque precisa entregar-se a uma série de úteis apreensões: o coração, se continuar assim, vai parar, de estalo, um dia dêsses; o fígado talvez caminhe para a consistência do paté-de-frois-gras (nacional); os rins e a vida, enfim, estão ameaçados. De repente, a alma se acovarda e, como numa resposta de reza, vai dizendo, à medida que os remorsos pousam em sua testa: «mea culpa, mea maxima culpa». Ninguém o chamou para o perigo. Ninguém o ajudou a errar. Tudo foi êle que fêz, sòzinho.

● O que quer dizer tantas flores, no Largo do Arouchа? Êle e a cantora são velhos amigos. Andam pela rua de mãos dadas, falando de casos fúteis e calando coisas sérias. Se resolvessem dizer tudo, acabariam sentados num banco da praça, aos prantos, dando um péssimo exemplo às crianças, que cantavam cenas de roda, com sotaque italiano e inocência internacional. Vamos comprar flores, então. Dez dúzias de cravos vermelhos. Outras dez de cravos brancos. E essas rosas? Mais dez dúzias. Um pergunta se o outro está exagerando e ambos saem abraçados àqueles duziarais de flores molhadas, ensopando a roupa da festa, rindo, certos de que flor, quanto mais, melhor!

● De novo, na rua, entregue à indiferença das pessoas da avenida Ipiranga, o homem caminha sòzinho. Não há um táxi para se tomar e é justo que cada chofer tenha seu motivo para ficar em casa, ao menos hoje. As árvores da Praça da República, talvez cansadas de seus passarinhos, cansadas — também é possível — dessa monotonia que é ser sempre árvore, estão em noite de grande mau humor. Em cima delas, o céu brumoso, o céu industrial de São Paulo, sujo e frio, céu em que ninguém se deve fiar muito, a que ninguém deve pedir nada. Um bêbedo vem andar na calçada e, brincando de batalhão, tenta acertar o passo, cantando: um, dois, um, dois. Depois, começa uma conversa de pedir, mas não pode dizer coisa com coisa. Seria demagógico abraçá-lo e desejar-lhe boas festas.

● O homem chega, afinal, à casa de onde o chamaram para comer. As flores compradas de tarde estão em todos os cantos. A mesa está coberta de toalha branca e, no centro, sem mais nada, foi jogado um cravo vermelho, num gesto de bom gôsto. O rádio canta, sem parar, que a noite é azul, feliz, é de luz, é silenciosa, é a mais linda do ano. O homem já teve noites muito mais bonitas, num **tudo azul** que não acabava mais. Daí a pouco, todos começam a comer e, pela ordem, sentem gôsto de nozes, de castanha, de rabanada, de abandono.

Chegam visitas. Um homem rico vem dar sintomas de ser boa pessoa, traz uma garrafa de «champagne» e conversa 10 minutos. Se pudesse, ficava. Mas, tem ceia em casa. Elogia-se-lhe o gesto. Chega, depois, um casal alto e magro. Ambos bebem muito e êle comunica suas novas inclinações. Em volta, pôde-se dizer, com absoluta segurança, que não foi o Natal que mudou. Foi êle. Mudou para mais brando. Ninguém acha nada demais e, de copos erguidos, brindam o novo anjo. A moça alta e magra, apesar de noiva do neo-recuperado, participa, com igual entusiasmo, do brinde pela transmutação. Para mais brando.

● É tarde. O que tinha de haver, já houve. Os olhos ardendo. As vidas estão com sono. O homem, se bem que disfarce, não pode negar que já teve Natais mais engraçados. Se lhe perguntassem o que queria ser (em vez de si): José Sans? Terezinha Solbiati? O próprio Rubens do Flamengo? Não. Deixa assim. Ganhou um telegrama e um isqueiro. O que é que êle quer mais? E sai andando em cima do chão mercantil de São Paulo

ANTONIO MARIA



AINDA SE ESCONDEM DOS HOMENS OS MISTÉRIOS DO OCEANO

NESTE VERÃO, OS «BATISCAFOS» NÃO VIRAM MUITO; E SÒMENTE NO CORRER DE 54 ÊLES DESCOBRIRÃO O QUE SE OCULTA A 6000 METROS SOB AS ÁGUAS ★ MAS GRAÇAS AO ESTÔMAGO DAS FOCAS PODEMOS CONHECER ALGUMA COISA JÁ.

Reportagem de SIM REGOR

(Da AFP, exclusivo para REVISTA DA SEMANA)

E'preciso reconhecer que nada viram no fundo do mar, os sábios que desceram nas profundezas do Mediterrâneo no interior de um «bathyscaphe», ou melhor dito, — quase não viram nada — do que se passa no reino de Netuno.

Acreditou-se que, ao retornarem à tona fizessem descrições sensacionais do que viram no fundo do mar. Em vão. Tanto no mergulho de Houot e Willm a 2.100 metros, a 14 de agôsto de 1953 diante da barra de Toulon, como nas duas descidas de Piccard em Capri (1080 metros) e em Ponza, 3.150 metros de profundidade, os resultados têm sido nulos.

Apenas apuramos que a quarenta metros de profundidade, a visibilidade não é mais que na média de 15 a 20 metros. A 300 metros, um vago reflexo de luz passa através das vigias. A partir dos quatrocentos metros, é total a escuridão. A maior parte dêsses mergulhos se tem efetuado dentro da mais espessa noite, que os refletores mal podem perscrutar. E' de todo justo que tenha sido possível a Piccard filmar um fragmento de sua descida.

Os «Bathyscaphes» nada viram ainda — Em uma palavra, os «bathyscaphes» não resolveram o mistério das grandes profundezas do mar.

O Comandante Hout, ao voltar à superfície, declarou-me: «Quando apagamos nossos projetores e tôda esécie de luz no interior de nossa esfera, percebemos centenas de pontos fosforescentes a zig-zaguear, enqüanto outros se apagavam e tornavam a reacender-se.

E' pouco, confessamos. Vejamos agora o que diz Piccard:

— O fundo, a 3 mil metros é formado de saibro argiloso tão sútil, que, apesar de nosso «guide-ispe», nossa cabine se atolou ligeiramente. O Mediterrâneo é muito pobre em vida submarina. Nos cones luminosos dos faróis, vimos passar, de quando em quando, pequenos corpúsculos brilhantes impossíveis de identificar. Quando os projetores foram apagados, pequenos pontos fosforescentes apareceram diante da cabina. Muito raramente se fazia notar um peixe mais volumoso. Nenhum veio até próximo das vigias».

A fim de prosseguir-se em tais pesquisas, se possível, novos mergulhos serão realizados no verão próximo. Da parte da França, as pesquisas serão efetuadas ao largo de Dacar, ou talvez, no cabo Matapan, ao sul da Grécia, Hout e Willm querem mergulhar com o «F.N.R.S.-3» a mais de 4 mil metros.

Da parte da Itália, Piccard, com o «Trieste», quer ir às grandes profundidades do golfo de Guiné, no Atlântico. Tem desejo de ser o primeiro a atingir a profundidade de 6 mil metros. Para pesquisar os mistérios das grandes profundezas, seu «bathyscaphe» será equipado de mais possantes projetores, capazes de permitir melhor observação, fotografia e filmagem.

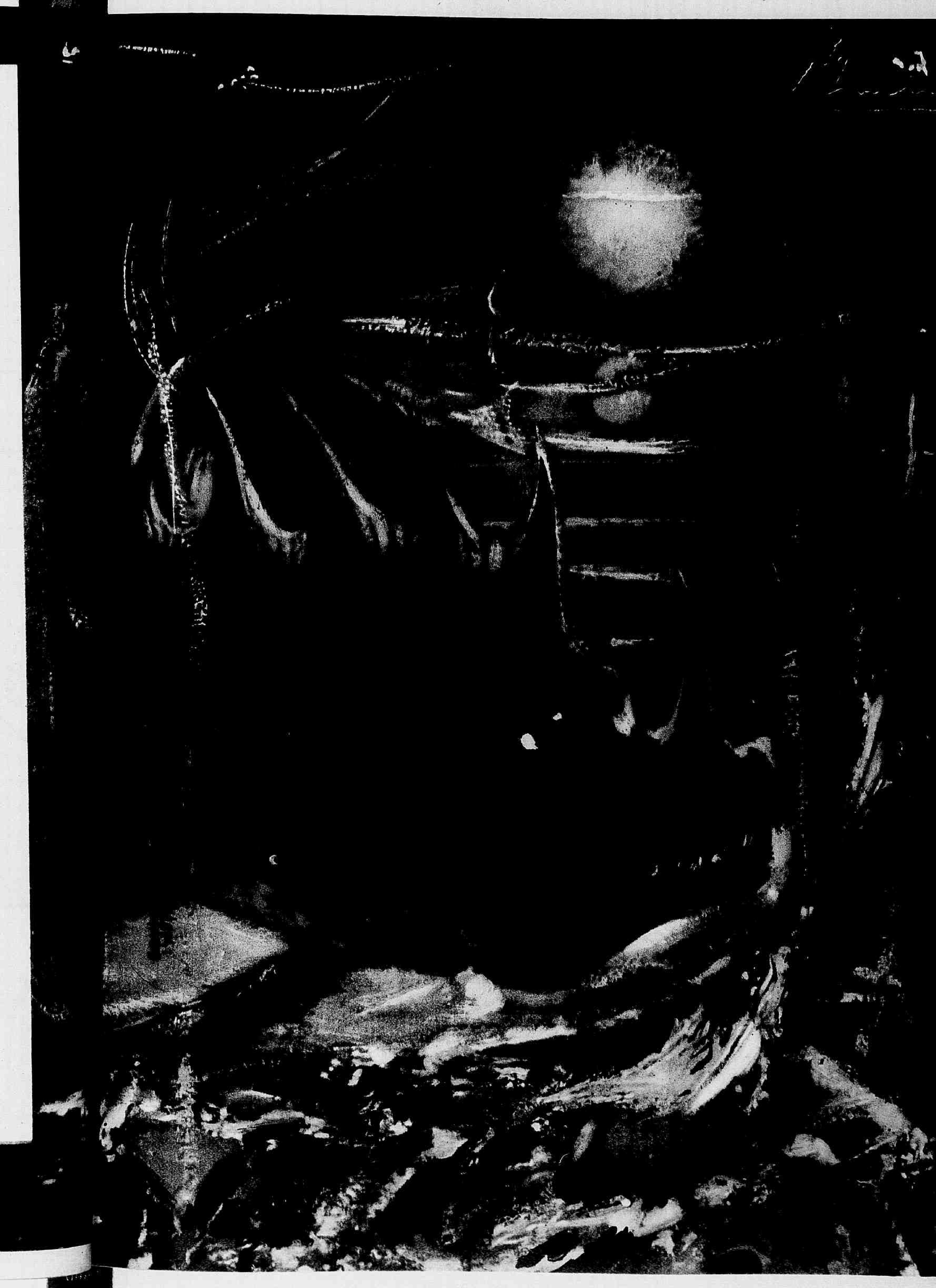
Eis o que está à espera dos pesquisadores — O fundo dos mares em noite eterna e recoberta de uma camada móvel, de espessura variada e que, segundo alguns, é formada de animálculos de variadíssimas formas, conhecidos cientìficamente como «planctons», ou, segundo alguns, por imensas acumulações de moluscos.

Os sêres vivos nas grandes profundidades não são raros, como se acreditou durante muito tempo. Pelo contrário, são bastante numerosos e têm estranhas formas. Em virtude de serem ùnicamente carnívoros, têm cabeças enormes. Mas, como seus órgãos de visão se tornariam inúteis, são desprovidos dos mesmos.

Alguns têm talhes fantásticos. Há arraias e moluscos gigantescos. Têm-se encontrado fragmentos dêles nos estômagos de tubarões, focas e outros peixes.

A partir de mil metros os hóspedes dos oceanos têm escamas de côr negra, violeta ou castanha. Suas formas são inesperadas. Alguns dêsses animais se assemelham a serpentes gigantescas, enquanto outros têm uma multidão de tentáculos. Ainda outros têm nas pontas de suas longas antenas, uma espécie de faróis, que se acendem e apagam sem cessar.

Todo êste mundo extraordinário faz um barulho infernal. Os microfones revelaram que o fundo dos mares era sede de alaridos ensurdecedores. Ouve-se ali tôda sorte de ruídos, desde o assobio dos golfinhos, até ao crepitar dos camarões.





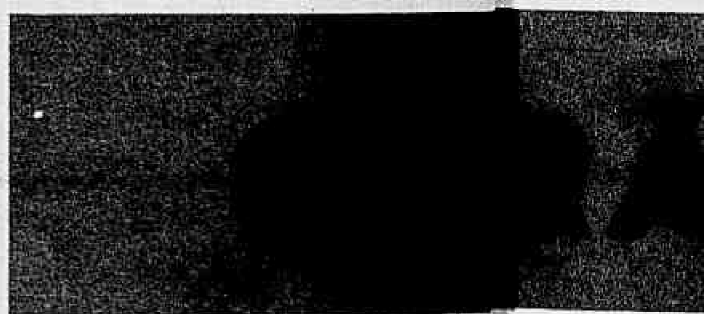


O VERDADEIRO «BALLET» exige um pedaço de mar, um pedaço de céu e vários pedaços de pequenas. O resto é entusiasmo, movimento, harmonia, ritmo, calor.

SOL, muito sol, muita mocidade, muito frescobol, muita peteca, muita areia suja, muito esgôto. A água vem e vai, os brotos vêm e vão, as barracas se abrem e fecham, os sorrisos se espalham no vento quente. Os atletas da areia exibem seus músculos, os raquíticos são verdadeiras radiografias ambulantes, as adolescentes trocam os livros do ginásio pelos romances de amor. E se deitam na praia, se envolvem em óleo. Copacabana, Praia Vermelha, Urca, Arpoador, Ipanema e Leblon se transformam em palcos por onde desfilam



O VERÃO surpreende os ban... costas. A
invadida por uma enxurrada... de todos



APROXIMA-SE ...CA DOS 4
CRESCE ASSUS...AMENTE A

as futuras misse... qualquer cois
biquinis, surburb... helicópteros,
tudo se paralisa... um grito: a
Agora o oceano... lugar para
lanchas, pranchas... e papo, ca
O verão é uma ... esgotável d
da beleza. Tudo ... va, tudo é
sem o uso de ócu... Como se vê.



le os banhas costas. A cidade é
enxurradas de todos os feitios.



O REFRIGERANTE passa a ser ornamento indispensável. E, muitas vêzes, com a falta dágua, substitui perfeitamente o chuveiro.



A SINFONIA do calor: areia, arranha-céus barracas multicoloridas. E sereias também

...ÃO DA T...

MA-SE CA DOS 40 GRAUS À SOMBRA. E ASSUSTAMENTE A SAFRA DE ASSOVIOS.

s misses ualquer coisa. Sorvetes, refrigerantes,
surburb helicópteros, cachorros de estimação,
paralisa um grito: a ambulância chega e vai.
oceano lugar para mais um. Jacarés, balsas,
pranchas e papo, castelos de areia, "pif-paf".
é uma inesgotável de indústrias, especialmente
. Tudo va, tudo é terceira dimensão. Mesmo
o de óculos Como se vê.





Por MI

AS blusi
ostent
gem, fica
nadas que
Nossos ca
esquisita
depois da
empalhado
anos no
sacudir a
dinhas qu
era um e
talar refrig
Enfim nos
carvoeiros
mos que p
diferente.

Rab apa
nalado p
suas quat
Montene
— Agora

E abre a
E tem a
adeus à
cadafalso.
metendo e
A julgar
vou passa
semana d
vinte e qu
nas, por
tôda espé

— É um
que semp
certa melo
tenegro d
Se os su
que me
agência
pondência

— Eu a
geiros (di
volta as
inverno.
— Assin
— Sim
E com
caderno
escrever
esfôrço lé
— Rafn
Kobenhav
Eu fech
basta en
ruas de
abertas.

Abro os
ilhas de
comprime
animais
lhado pe
que ocup
nos apa
uma men
— Ah!
se vê u
que dent

Volto-m
versos d
isso junt
tura folg
quanto f
Segurou-

— Você
dade?
E sem
entusiasm
— Ah!
é que es
E em
contou q

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIM

Tradução de SILVIA JAMBEIRO

AS blusinhas brancas, que as meninas ostentavam orgulhosas naquela viagem, ficaram ràpidamente mais patinadas que os velhos sobrados franceses. Nossos cabelos tinham uma contestura esquisita que lembrava um matagal depois da queimada ou então um animal empalhado e esquecido durante vinte anos no sotão. Cada um tratava de sacudir a poeira do outro com palmadinhas que levantavam mais poeira e era um esfôrço inútil como o de instalar refrigeração numa floresta tropical. Enfim nos resignamos com o papel de carvoeiros mas prometemos a nós mesmos que passando Rab tudo seria muito diferente.

Rab aparece enfim no horizonte, assinalado pelos quatro campanários de suas quatro igrejas iguais.

Montenegro se volta para nós e diz:

— Agora, vou deixá-los para sempre!

E abre os braços num gesto patriarcal. E tem a atitude do condenado que diz adeus à família antes de ir para o cadafalso. Pede o meu enderêço prometendo escrever-me breve. Eu o atendo. A julgar pelo entusiasmo do momento vou passar a receber uma carta por semana daquele amigo que conheço há vinte e quatro horas apenas. As pequenas, por sua vez, fazem promessas de tôda espécie.

— É um velho hábito; uma galanteria que sempre agrada (diz Andrea com certa melancolia, quando perdemos Montenegro de vista).

Se os suecos cumprissem as promessas que me fizeram eu precisaria de uma agência postal só para minha correspondência.

— Eu coleciono endereços de estrangeiros (diz uma outra) isto nos traz de volta as férias do verão em pleno inverno.

— Assim como uma fotografia?

— Sim como uma fotografia.

E com o caderno na mão, o mesmo caderno onde Montenegro acabou de escrever o seu enderêço, ela com certo esfôrço lê:

— Rain Torstein. Thorballtsensvej 7 — Kobenhavn!

Eu fecho os olhos. Sim, ela tem razão; basta entender aquilo para sentir as ruas de Copenhague com suas janelas abertas.

Abro os olhos e vejo então que várias ilhas de contornos os mais variados se comprimem em redor do vapor como animais curiosos; o mar está avermelhado pelo sol. E os versos de Homero que ocuparam nossas cabeças escolares nos aparecem então claramente como uma mensagem secreta que foi decifrada.

— Ah! Logo vi! De longe . . . Quando se vê uma camisa escura já se sabe que dentro está um francês!

Volto-me sobressaltado. Esqueço os versos de Homero. A voz que berrou isso junto de nós pertence a uma criatura folgazã e de cabelos brancos. Enquanto falava veio para o nosso grupo. Segurou-me pelo ombro:

— Vocês são franceses, não é verdade?

E sem esperar resposta continuou entusiasmada:

— Ah! Que viagem! Que país! O que é que estou fazendo aqui?

E em menos de três minutos ela nos contou que era guia duma viagem organizada, de uma grande companhia de turismo. Sua especialidade era a Holanda — passou vinte anos naquela bela terra — mas o guia iugoslavo caiu doente de repente e ela teve de substituí-lo junto a um grupo de viajantes.

— Podem estar certos de uma coisa (disse ela de mãos na cintura).

Fizemos um círculo em sua volta, fascinados pela conversa.

— Não sei uma só palavra desta língua de selvagens, nem também dos tais de Putnik. Ah! Meus florins, minhas flores, o canal . . .

— A paisagem aqui é muito bela (arrisquei).

— Sim é muito bela . . . também é a única beleza que se encontra nesta tal de viagem, uma bela paisagem. Porque a alimentação, por exemplo . . . vocês tomaram a primeira refeição?

Fizemos que não com a cabeça.

— É uma vergonha chamar de refeição o que nos serviram. Imaginem, convidar uma pessoa para jantar e oferecer-lhe café, leite e um pedaço de queijo. E o tal do embarque . . . vocês viram o embarque. Me empurraram de todos os lados aquêles selvagens, é . . . mas eu empurrei com mais violência ainda, sim, porque eu não sou mulher que se deixe intimidar assim não!

— Sim, o embarque foi um tanto difícil (replica Léna que acaba de surgir por trás do grupo com um sorriso meio sem jeito).

E também nós chegamos um tanto atrasados, em cima da hora, digo. Léna falara forçando bem a pronúncia para mostrar que era iugoslava.

— Ah! Esta não é francesa (diz a matrona mostrando perspicácia).

Nós explicamos então que Léna é a nossa guia oficial.

— É . . . estão vendo? Uma acompanhante, natural do país e chega ao cais com atraso. Vocês devem ter sofrido na multidão!

E a velhota falava sem notar o rubor que cobria as faces de Léna.

Os franceses que estavam sob a sua vigorosa autoridade não tinham fisionomia simpática. Havia, por exemplo, um gordo industrial, suando e respirando forte, e jurando que se soubesse que a Iugoslávia era assim jamais teria empreendido a viagem.

— Viajamos como animais (queixava-se êle). A primeira travessia foi num barco de transportar galinhas!

E o industrial se lamentava de haver apanhado pulgas e bicho de galinhas e outros «animaisinhos insuportáveis»! Nós fomos saindo de perto dêle sem dar a parceber e deixando-o a acusar o govêrno como único responsável por estas calamidades. De certo modo aquêles franceses estavam felizes por achar quem entendesse as queixas e lamúrias que faziam na língua-pátria. Ficamos sabendo, por exemplo, que em Opatija êles se haviam hospedado num hotel onde as bicas não funcionavam de maneira alguma!

— E os chuveiros!!! (falou exaltado o industrial). Por acaso vocês encontraram aqui algum chuveiro que funcionasse? Não! não . . . chuveiros em greve! O govêrno francês devia ter feito uma enquete a respeito a fim de poder avisar os seus compatriotas para que se acautelassem contra estas calamidades!

E de longe ouvindo a voz tonitroante eu compreendia que no final a culpa de tudo era do govêrno francês, sim, e o industrial continuava enumerando uma série de leis sociais que ainda acabariam por levá-lo à falência.

E nós experimentávamos diante dêles o prazer sádico daquele que tem um calo doendo enquanto escuta um infeliz que quebrou a perna contar detalhadamente o seu martírio. É verdade que nós não estávamos em situação de sair pulando de alegria mas mesmo assim estávamos gratos à velhota que dissera diante de Léna tudo o que nós havíamos tido vontade de desabafar. Parecia-nos que nos havíamos livrado de um grande pêso, assim como a doce espôsa que após desabafar tôdas as máguas que tinha contra o doce espôso recolhe a louça espedaçada durante o acôrdo.

Agora o que nos pôs exultantes e felizes foi saber que aquêles turistas franceses haviam pago três vêzes mais do que nós e estavam alojados exatamente nas mesmas condições.

Colette agora explicava a Catherine o modêlo de uma blusinha cujo segrêdo só ela sabia. Colette é dêste tipo de pessoas que têm o enderêço de tudo e que conhecem pequenos truques e fórmulas simples do gênero: como receber em casa trinta pessoas sem se fatigar e sem despesa.

Como ninguém me dava atenção saí devagar pelo tombadilho levando meu saco de viagem debaixo do braço, aquêle saco de lona americano que eu tratava de esconder à avidez da turma. Senti vontade de estendê-lo e deitar um pouco para descansar, mas o tal tombadilho não oferecia para isso mais oportunidade do que a mesa de laboratório de um cientista celibatário — isto é: de todo canto surgiam peças esquisitas e enexplicáveis mas que, com ou sem motivo, largavam uma fumaceira espêssa. E eu me pus a estudar aquilo com a mesma ingênua perplexidade da motorista novata que abre o motor do seu automóvel e procura o carburador que parou de funcionar. Depois de persistentes tentativas resolvi desistir.

De cabeça baixa volto para junto das meninas. Mas levanto logo a cabeça ao ouvir vozes altercadas numa discussão franco-servocroática.

— Êste lugar estava livre e portanto é meu (grita Françoise).

Uma mulher iugoslava parece não compartilhar desta convicção. Explicam-me então, que Françoise e Colette haviam conseguido depois de certo tempo encontrar lugar num banco de madeira, duro como banco de convento, e que os iugoslavos viram o achado com ôlho grande e resolveram tomar posse do mesmo para seus compatriotas. Françoise se levantara no auge da discussão tentando barrar a passagem do inimigo.

E foi então que um jovem iugoslavo se esgueirou como um peixe e passando por trás de Françoise sentou-se tranqüilamente no dito lugar, e ficou apreciando o debate.

— Isto é demais (diz Françoise meio sufocada de raiva). Ei! Você aí, rapaz! Vá saindo.

Então ela tenta por meio de gestos frenéticos chamar a atenção do rapaz, bate o pé no chão, bate palmas, grita, pula mas tudo em vão.

O jovem parece embevecido, com ar sonhador, perdido na contemplação da paisagem que o crepúsculo enfeita com novas côres.

— É isso mesmo. Bem que me avisaram antes de eu vir e eu não acreditei! (lamenta-se Françoise em voz alta).

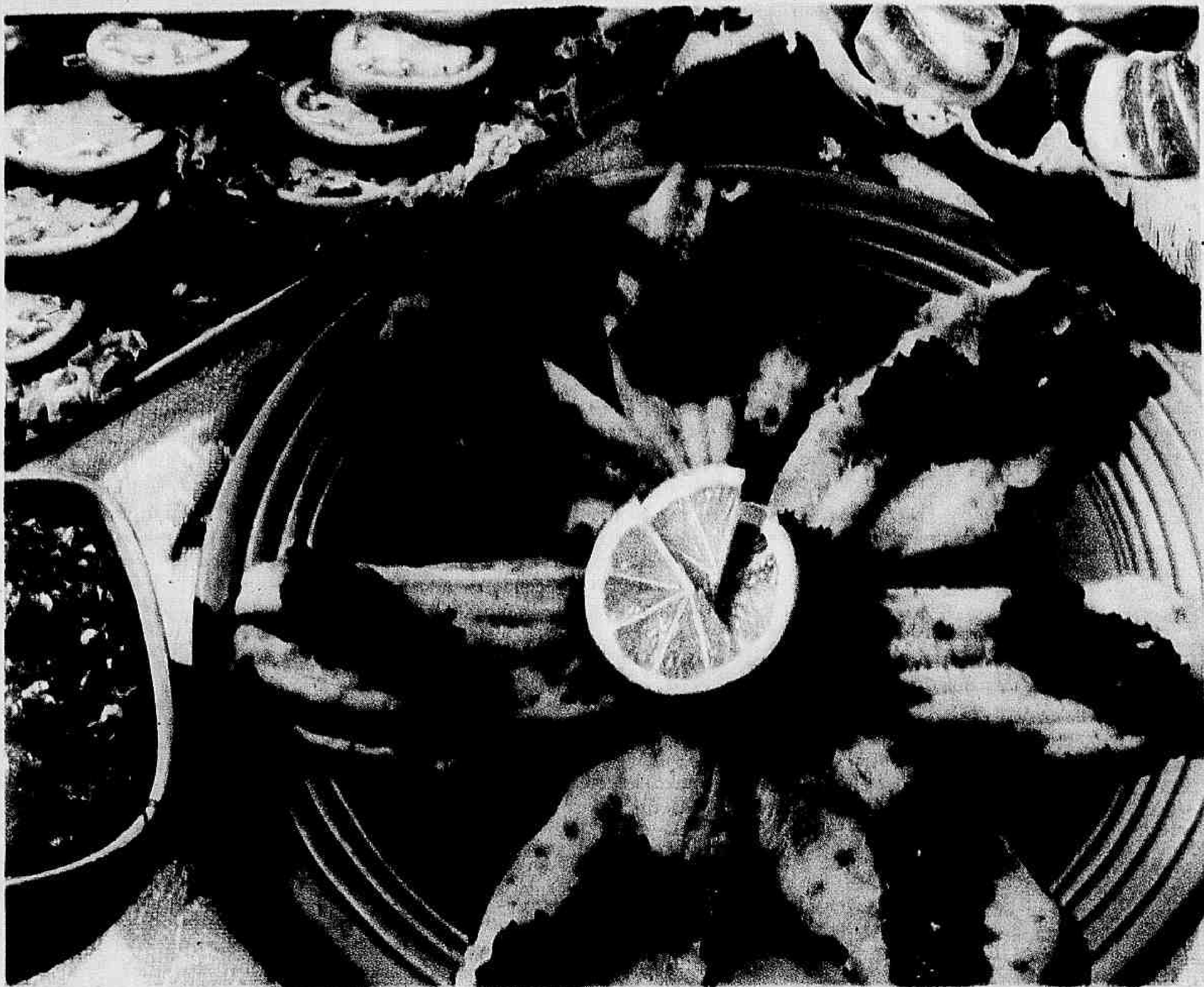
— Se não está satisfeita por que não vai para sua terra? Os incomodados que se mudem.

Quem assim falou foi uma senhora de aspeto distinto e olhar cansado e que o disse em um francês claro e puro. Resolvo tomar as dores:

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem arquiteto Michel resolve gozar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida descobre que viajará em companhia de nove moças. Partem e êle se vê às voltas com Catherine, Denise, Nicole, Andrea, Colette . . . outras embarcam nas estações seguintes e surgem apuros com as baldeações e as bagagens. Em Rijeka o guia que os espera é também uma moça. Ficam hospedados numa Casa de Estudantes. Antes do almôço vão à praia e depois vão comer num restaurante socialista e voltam de trem subterrâneo para a Casa de Estudantes onde Michel pensa dormir um pouco mas não consegue pois está alojado no quarto de uma rapaziada barulhenta e brincalhona. Êle resolve então sair um pouco. No corredor encontra Andrea que também não pode dormir com a algazarra das companheiras e saem os dois para uma volta a pé pela cidade. Quando voltam horas depois pensando em dormir encontram a turma pronta para jantar numa «boite». Michel protesta mas acaba cedendo e chegando lá se anima dançando com as pequenas e executando com Colette um «swing» alucinante. Na manhã seguinte embarcam num vaporzinho superlotado e coberto de fuligem, comprimidos pela multidão descortez assaim pelo pôrto próximo, temendo um naufrágio. Aí vários passageiros desembarcam e os pobres turistas podem respirar um pouco e trocar comentários. Surge então violenta discussão entre Françoise e um iugoslavo por causa de um lugar que vagou num banco e as pequenas protestam, os passageiros intervêm e assim chegam ao «fjord» de Sibenik.

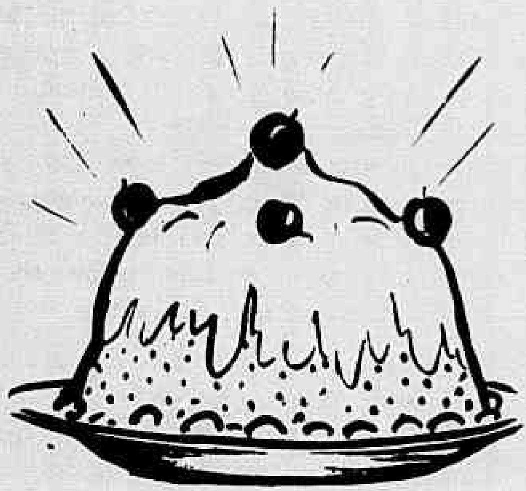


WEEK-END NA COZINHA

FILÉ DE PEIXE ★ MINESTRONE ★ CARNEIRO E OSTRAS...

Existe, por exemplo, uma receita de filé de peixe que leva espinafre.

TIA DULCE



MUITOS homens levam um choque, começam a suar frio e têm tremedeira à simples menção das palavras «filé de peixe».

Isso não quer dizer que êles sejam alérgicos ao filé de peixe. Não podem nem pensar é na maneira pela qual as mulheres o preparam. Costumam mergulhá-lo numa massa qualquer e fritá-lo de modo que fica parecendo pedaço de mata borrão frito. Algumas vêzes, então, elas resolvem assá-lo, o que oferece uma variação bastante interessante, pois fica parecendo papelão amassado.

A única esperança para os homens que sofrem dêsse mal é pegar essa receita de **peixe com espinafre** e deixar num lugar que a mulher possa ver. No caso dela não saber, uma boa idéia é êle mesmo experimentar a receita:

Cozinhe uma boa quantidade de espinafre e escorra bem. Refogue uma colher, das de sopa, de cebola picadinha num têrço de xícara de manteiga, até ficar bem tostadinha. Junte, então, na mesma panela, um têrço de xícara de farinha de trigo, meia xícara de leite, meia xícara de caldo de galinha e meia xícara de vinho branco.

Cozinhe, mexendo o tempo todo, até o môlho engrossar.

Adicione o espinafre juntamente com duas gemas de ôvo ligeiramente batidas e tempere com uma pitada de noz-moscada, sal e pimenta a gôsto.

Arrume os pedaços de filé de peixe numa fôrma ou numa assadeira untada, formando uma única camada, e regue com o môlho. Salpique por cima queijo ralado e um pouquinho de pimenta. Asse em forno moderado, cêrca de 25 minutos, até o peixe ficar bem macio.

● Aqui vai uma receita mais simples do que a anterior, **filé de peixe com môlho de tomate**:

Pique bem miudinho, uma cebola e um pimentão verde. Cozinhe-os num pouquinho de manteiga até ficarem bem macios. Corte, então, seis tomates, também em pedaços miúdos, e junte com as cebolas e os pimentões. Deixe ferver mais 10 minutos.

Separadamente, misture duas colheres, das de sopa, de farinha de trigo com três colheres, das de sopa, de creme de leite, fazendo, assim, uma pasta. Adicione essa pasta ao môlho e deixe cozinhar mais um pouco. Se estiver muito sêco, ponha um pouco de suco de tomate. Levante o fogo e quando começar a ferver ponha os pedaços de filé (a receita dá para quatro) e deixe ferver cêrca de 10 minutos.

● Poucas sopas são tão famosas como o **Minestrone** e muito menos foram tão deturpadas como ela.

Entremos diretamente no assunto, dando a receita de acôrdo com as autoridades italianas em culinária. Ponha seis xícaras de caldo de carne dentro do caldeirão. Junte uma xícara de vinho clarete ou Borgonha, e, logo em seguida: 10 gramas de bacom ou presunto picado; uma xícara de feijão, cozido e bem escorrido; duas xícaras de repolho cru, picado; uma xícara de batatas cruas, picadas; uma xícara de cenouras em rodelas; uma xícara de aipo picado; meia xícara de cebola picada; uma xícara de massa de tomate; meia colher, das de chá, de mangericão; sal e pimenta a gôsto.

Não falta nada? Então levante uma fervura, cubra e deixe cozinhar em fogo brando, cêrca de hora e meia. Adicione, depois, 100 gramas de macarrão e deixe cozinhar mais meia hora. Logo antes de servir, misture um quarto de xícara de salsa picada e um quarto de xícara de queijo Parmezão ralado.

Aliás, por falar em queijo Parmezão, você sabe porque é que êle se chama assim? É do nome do lugar de onde veio, Parma, uma província da Itália.

● Continuando com o nosso jantar, você vai experimentar fazer **costeletas de carneiro com vinho**? É apenas mais um exemplo do que se pode obter com a mágica do vinho:

Escolha o número desejado de costeletas de carneiro. Ponha um pouco de manteiga ou azeite de oliva numa frigideira e junte uma cebola bem picadinha. Quando esta começar a ficar dourada frite ligeiramente as costeletas de carneiro, virando dos dois lados. Adicione uma xícara de vinho branco, cubra, e deixe ferver em fogo brando, até as costeletas estarem bem macias; uns 20 minutos mais ou menos.

Engrosse o môlho com uma colher, das de sopa, de manteiga e outra de farinha de trigo, misturadas e bem temperadas com sal e pimenta. Para dar um aspecto mais refinado, junte alguns cogumelos picados ou um pouquinho de azeitonas, sejam elas pretas, verdes ou recheadas.

Sirva com batatas refogadas, ervilhas, palmito, ou vagens e você terá uma refeição completa.



Terminaremos hoje o assunto, com algumas **ostras assadas**, ótima maneira de comê-las, caso você ainda não tenha provado:

Pique uma cebola de bom tamanho e um talo de aipo, bem miudinhos; refogue uma colher, das de sopa, de manteiga, até que as cebolas estejam . . . por essas alturas você já deve saber como.

Pique meio litro de ostras cruas e junte-lhes uma fôrma de pão pequena que já deve ter sido bem esfarelada, mergulhada dentro dágua por algum tempo e depois espremida.

Junte dois ovos bem batidos e temperados com uma colher de chá de môlho inglês, um pouquinho de sal, e pimenta. Adicione essa mistura de ostras à cebola e ao aipo. Se você tem as conchas das ostras, encha-as bem, cubra com farinha de rosca e manteiga derretida. Caso contrário, asse-as numa fôrma de vidro que possa ir ao forno até ficarem bem tostadinhas. **(APLA)**

UM POUCO DE Beleza

SENTE-SE COMO UMA PRINCESA

Procure sentar-se com pose, como se fôsse uma princesa... apoie os pés no chão, e conserve suas costas junto ao espaldar da cadeira. A cabeça deverá ser erguida graciosa e altivamente. Para isso imagine que suas orelhas estão suspensas por dois barbantes presos ao teto, como as partes móveis de marionetes. Depois de ter acostumado a uma posição correta no sentar-se, você a conservará sem sentir, e nem precisará mais se lembrar das orelhas e dos barbantes imaginários.

QUEIXO, PESCOÇO, COLO E OMBROS...

Não adianta você perder horas e horas com o tratamento de seu rosto, se também não cuidar das partes que lhe ficam logo abaixo, até a linha dos ombros, que, principalmente no verão, mostram-se desnudas, com a moda dos vestidos sem alças.

Procure dar a essas partes de seu corpo um tratamento tão minucioso como para o rosto. Use sempre um creme de limpeza, e uma loção suavizante, ou outro preparado requerido por seu tipo especial de pele.

TRATAMENTO COM LEITE

O leite é considerado um bom produto para o tratamento da pele. Existe, mesmo, uma espécie de máscara de leite, que tem a propriedade de fechar os poros e branquear a epiderme. Marilyn Erskine — estrêla da Warner — ensina que procede assim para aplicar a máscara de leite:

Tome meia xícara de leite fresco, junte 1 colher das de sopa de leite em pó e misture até formar um líquido mais grosso. Passe no rosto embebendo o líquido num algodão. Deixe ficar, pelo menos, durante umas duas horas.

PELE LIMPA, PELE FRESCA...

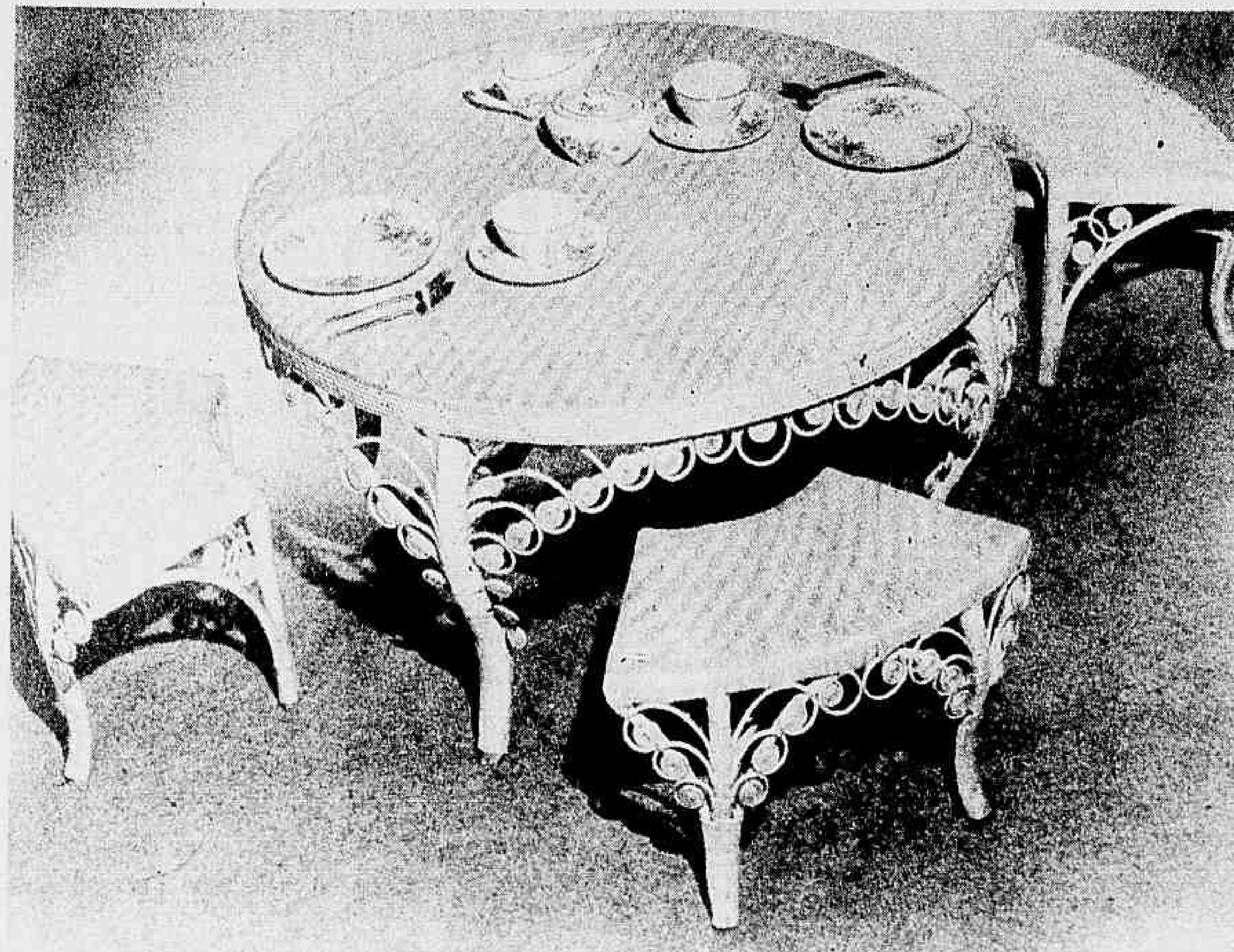
Chegue-se ao espelho e olhe sua pele. Se achá-la com aspecto não muito fresco, pense que talvez esteja um pouco suja. Mesmo que você tenha lavado o rosto com água e sabão, isso não é tudo. A poeira de todos os dias, o rouge e o pó de arroz, sujam a pele, obstruindo-lhe os poros... O melhor que você tem a fazer, é, naturalmente, limpá-la, mas limpá-la profundamente.

Um bom sistema para limpar a pele normal é o sabão e uma escôva macia, de cerda bem flexível. Molhe o rosto, passe o sabão, e, em seguida esfregue a escôva, de forma que faça bastante espuma. A escôva deve ser passada levemente, em movimentos circulares, sem repuxar a pele, e sem sem irritá-la. Não esfregue com fôrça. Procure repetir com a escôva os movimentos de massagem do rosto, sempre de baixo para cima.

Depois enxague. Olhe-se agora outra vez, ao espelho. Você terá a impressão de ter ganho uma pele nova, mais bela e mais sadia.

Depois dessa limpeza, se tem tendência para pele sêca, espalhe sôbre o rosto uma camada de um creme nutritivo, principalmente nos lugares onde mais fàcilmente se formam rugas, isto é: em tôrno dos olhos, na testa, e junto aos cantos da bôca. — JÚLIA DE MILO.





Sugestão para o lar

Temos mostrado nesta secção as transformações porque têm passado os móveis de vime, de palha, óu de cana da Índia, fugindo muito das concepções tradicionais que até agora norteavam sua confecção.

Hoje, mostramos um grupo de vime totalmente diferente de tudo quanto se vê em geral, pois é em estilo Vitoriano.

O tampo da mesa não é de vidro, como se usa geralmente, mas do próprio vime traçado, repetindo o acabamento dos assentos e dos banquinhos.

O que, porém, maior atenção chama sôbre o grupo, é o delicado trabalho de caracóis que como que prolonga os pés da mesa e dos bancos em originais e graciosos capitéis estilizados.

Para uma sala de estar, um terraço, ou mesmo uma copa onde se faz refeições leves, o conjunto resultará encantador. — NIKE.

30 MIL EMPREGADOS E NENHUM TRATOR

OS HOMENS QUE CONSTRUÍRAM S. PAULO

GEREMIA LUNARDELLI (REI DO CAFÉ E DO ALGODÃO), O COLONO QUE CHEGOU A MILIONÁRIO (MUITAS VEZES) SEM SABER LER. 90 DIAS DE ESCOLA QUE VALERAM POR UM CURSO COMPLETO. A TERRA VERMELHA DE S. PAULO CIRCULA NAS VEIAS DE MANSUÉ.



Na foto acima, tomada na fazenda Boa Vista, aparece o comendador Geremia Lunardelli examinando atenciosamente o cafèzal de sua propriedade. O rei vê de perto o seu reino.

Entrevista de HÉLIO ABREU

Fotos de RUY COUTO

NA série de entrevistas que ora iniciamos (sôbre os homens a quem São Paulo deve parte de seu assombroso progresso), ouvimos o sr. Geremia Lunardelli, conhecido homem de negócio e um dos maiores agricultores de nossa terra. E' êle o mais importante cultivador de duas das nossas principais fontes de divisas no exterior: café e algodão. Geremia Lunardelli (é êle quem nos conta) estudou (durante 90 dias) numa escola primária de São Paulo, de onde saiu para o rude trabalho do campo. Dono de uma inteligência previlegiada, Lunardelli conquistou para si o título, que há muito tempo detém, de Rei do Café e do Algodão. E' um exemplar chefe de família e um marido que sabe apreciar as grandes qualidades da espôsa (que, segundo êle, é também uma colona).

P. Onde nasceu?

R. Nasci na aldeia de Mansué, província de Treviso, na Itália.

P. Quando chegou ao Brasil?

R. Com um ano de idade, chegou, trazido por minha família, em 1886. Devo lembrar que nesta época ainda existia a escravidão. Fomos residir em Corumbataí, no município de Rio Claro.

P. Aos vinte anos de idade, qual a sua ocupação?

R. Era colono e carroceiro da fazenda Dumont.

P. Qual foi o primeiro negócio que realizou?

R. Foi a compra de uma vara de porcos, pequenos leitões que, mais tarde vendidos, me deram um pequeno lucro.

P. E o segundo negócio de sua vida?

R. Foi a compra de uma novilha. Era um animal perfeito e nunca tive outra igual.

P. São Paulo deve o seu progresso ao braço estrangeiro?

R. Deve, em parte. Porém, quando aqui chegamos, eu e os meus, já encontramos uma extensa lavoura cafeeira. O Brasil, na minha opinião, deve muito ao braço escravo. São Paulo é o retrato do país e, mesmo sem a imigração, progrediria.

P. Acredita que a terra paulista esteja cansada para o cultivo do café?

R. Não. Não temos, no Brasil, terras inúteis. O que temos são terras mal cuidadas. Descobri há tempos, que o capim do tipo colonião além de constituir um poderoso alimento para o gado é também um grande fertilizante. O capim colonião liquida as formigas. Já fizemos expe-



Comendador Geremia Lunardelli e sua espôsa d. Albina Furlanetto Lunardelli. — Somos colonos, e nada mais — diz o Rei do Café e do Algodão ao repórter.

riências e tôdas foram coroadas de sucesso. Como forragem é o melhor e o mais nutritivo alimento, levando em conta o seu custo. E' um capim liso, não tem pêlo e é fàcilmente mastigado e ruminado pelo gado.

P. E' verdade que o senhor não emprega o trator em suas plantações?

R. Sim. Tenho 30 mil homens sob minhas ordens e nenhum trator. Não que eu seja contra a mecanização da lavoura. Adotei esta medida como recurso econômico. Na agricultura a economia do tostão pode ser transformar em milhões com grande facilidade. Por exemplo: nunca permiti a aragem de terras de florestas. Sabe por quê? E' que essas terras são, geralmente, cheia de raízes e o seu aproveitamento seria relativo.

P. O que entende o senhor por terra de floresta?

R. — Terra de floresta — o nome já diz tudo — é aquela que se aproveita depois da derrubada das árvores. Na maioria das vêzes se trata de terra granulada e esponjosa que, em hipótese alguma, nem aqui nem na China deve ser arada.

P. E' feliz no casamento?

R. Sim e muito. Minha espôsa é também uma colona, como eu, e quando nada tínhamos eu lhe prometia um palácio. Há muito tempo concretizei minha promessa e, ao invés da modesta casinha de sertãozinho (no interior paulista) possuímos a residência que o senhor conhece e onde eu e minha espôsa, d. Albina Furlanetto Lunardelli, vivemos tranqüilos e felizes.

(Nota do repórter: A residência de Geremia Lunardelli é uma das mais imponentes e confortáveis da capital paulista.)

P. Possui o senhor fazendas sòmente no Estado de São Paulo?

R. Não. Tenho muitas fazendas no Paraná, em Mato Grosso e Goiás.

P. Gosta de política?

R. Gosto do trabalho.

P. A agricultura européia é mais adiantada que a nossa?

R. Não. Estamos muito na frente. Estive por diversas vêzes na Europa e tenho técnicos que lá estiveram. Êles, quando querem aprender alguma coisa, vêm ao Brasil. Pelo menos tenho ensinado há muitos...



Além de Rei do Café e do Algodão, Lunardelli é grande pecuarista. Aqui o vemos ao lado de um troféu conquistado por um touro de uma de suas propriedades.

CONVERSA DE MULHER

L. JUNQUEIRA



A MÃE MAIS RAPIDA DO MUNDO

Com 24 anos de idade, Corinne Mock, de Chicago, detém o recorde de velocidade em dar a luz. Casada aos 19 anos, já tem 7 filhos. O fato não seria extraordinário se Corinne tivesse gêmeos. Mas não, os seus filhos ela os teve um a um... sendo que os 3 primeiros nasceram num espaço de 21 meses. Todos os sete nasceram em 5 anos, 10 meses e 88 dias... Faça a conta, não é de admirar? Corinne é, assim, a mãe mais rápida dos Estados Unidos e talvez do mundo.

A JOVEM MAIS FORTE DO MUNDO

Já que estamos falando de recordes, existe uma jovem, Alice Penfold, (esta é inglêsa) cuja fôrça faria inveja a muito marmanjo atleta de praia. Alice é capaz de sustentar, pendurados nas tranças, 2 pesos de 25 quilos (um de cada lado, para manter o equilíbrio). Com os dentes, ela é capaz de levantar um saco de cimento de 60 quilos e sustentá-lo assim, durante bastante tempo. Por essas horas estará trabalhando no lugar do guindaste, nalguma firma de construção...

QUE SERA DOS DENTISTAS?

Os dentistas constituem um dos maiores sofrimentos da humanidade. Por isso mesmo, merece uma estátua colossal o cientista que acaba de descobrir um método para acabar com a cárie. Êle é o dr. Fosdick, de Chicago. Chegou à conclusão de que 99% das cáries dentárias são produzidas pela enzima — substância que se forma na saliva da bôca e ataca o esmalte dos dentes, produzindo o ácido lático. O dr. Fosdick comprovou que existem produtos — como a penicilina, por exemplo — que impedem a formação de enzimas, quando em contacto com a saliva. Inventou, então, um dentifrício que fixa essas substâncias anti-enzímicas no esmalte dos dentes, por bastante tempo, impedindo a formação da cárie. O dentifrício está sendo vendido, já, nos Estados Unidos. Quando se espalhar pelo mundo todo, o que será dos dentistas? Para os outros, os pacientes, será uma bemaventurança!



FALANDO EM ESTÁTUAS...

A estátua a Eva Peron, em Buenos Aires, será muito mais alta do que a estátua da Liberdade — que guarda a entrada do pôrto de Nova York. Terá 137 metros de altura, enquanto a outra tem sòmente 100 metros (como têrmo de comparação, o nosso Cristo Redentor tem apenas 30 metros, com o pedestal). A escultura de um trabalhador argentino encimará o gigantesco monumento, que receberá na sua base a salma de «Evita».

MAIS FRUTAS...

Depois de ter lido a história das limas da Pérsia, publicada nesta coluna na semana passada, uma dona de casa minha amiga comentou...

— E não são só as limas. Hoje vi caju a 4 cruzeiros cada um e melancia... Nem é bom falar nessas coisas. Mas, você não acha que, se o govêrno deixasse a venda das frutas livre, permitindo que quem as produzisse as vendesse



na rua, em casa, ou onde bem entendesse, o carioca teria frutas a um preço accessível? e teria boas frutas para sua mesa? e seria um meio de se começar a combater os tubarões do mercado?

Realmente, a nós mulheres, que estamos fora das intrincadas maquinações a que podem levar os interêsses financeiros... parece que ela tem razão.

O DIVÓRCIO NA FRANÇA

O Instituto de Estatística Francês (uma espécie do nosso IBGE) divulgou recentemente um interessante estudo sôbre o divórcio na França. Mostra, por exemplo, que, o número de divórcios diminuiu nesses 5 anos. Em 1947 foram realizados cêrca de 57.000 e em 1952, cêrca de 33.000 (as estatísticas de 1953 ainda não foram divulgadas).

Em geral, continua a informação, o divórcio é pedido depois de 6 a 7 anos de matrimônio, e é mais frequente nas cidades, do que nos campos. Até 1941, a maioria dos divórcios apresentavam o marido como o culpado da separação; de 1942 a 1949, o panorama mudou, as infidelidades das espôsas eram em maior número, as causas de pedidos de divórcio; depois de 1949 voltou a ser como nos anos antes da guerra... o infiel passou a ser outra vez o homem.

Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 30 DE JANEIRO E 5 DE FEVEREIRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Infelizmente os astros não lhe vão oferecer um bom comêço de semana. As desfavorabilidades culminarão no dia 4 de fevereiro. O dia 2 será o único aproveitável, no seu caso. Há perigo de excessos em todos os sentidos.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O leitor ocupará uma posição incerta, nos próximos sete dias, notadamente a 3 de fevereiro. Não terá segurança nas atitudes, não se definirá e por vêzes não encontrará o seu próprio pensamento. Em tais condições não poderá pensar em êxito, em sucesso do que empreender.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O que começa bem não pode findar desastradamente. O comêço da próxima semana será propício aos seus negócios e às suas iniciativas e por isso lhe prevemos, também, um excelente «week-end», por sinal bem merecido.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Também no seu caso, o início do novo período será favorável, especialmente nas ocupações profissionais e na vida doméstica. Haverá uniformidade no seu trabalho e o melhor entendimento no lar. Tudo conforme.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Os influxos favoráveis da semana estarão bem atenuados. Contudo, o leitor conseguirá lucros apreciáveis nos seus negócios e terá a satisfação de ver atendidos os pedidos que fizer. Poderá tentar empréstimos, em havendo necessidade.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O ambiente dos astros será propício aos seus negócios e às suas atividades. Se surgir a oportunidade de uma viagem, não deixe de fazê-la, pois os resultados da mesma serão os melhores possíveis.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não damos grande coisa por sua posição diante do Céu emissor, na vigência da semana entrante. O astro que lhe comanda o destino sofrerá uma série de maus aspectos, turvando-lhe os horizontes e lhe perturbando o ambiente.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Um exagerado inconformismo o dominará. O leitor formará na primeira linha dos amigos do contra, passando a ver as coisas como se usando estivesse, uns óculos muito escuros e de grau muito elevado. Seu pessimismo poderá estragar-lhe uma boa situação.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O leitor terá inteira liberdade de movimento e de ação na próxima semana. Os astros o deixarão liberado, na posse de um mandado de segurança e de um salvo conduto. Faça o que bem entender, guardando, porém, os limites do rasoável.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Saturno, que é o seu astro, estará em posição inferior, na próxima semana, a caminho do exílio. Sua posição, portanto, não lhe oferecerá nem seguaranca nem oportunidade para auferir vantagens no que fizer.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — O leitor terá um período de muita atividade e de oportunidades excelentes para agir com acêrto. Os negócios serão feitos sem delongas e dentro do plano que estabelecer. Os lucros serão reais.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Os negócios prosperarão na semana vindoura. Sua vida tomará um ritmo mais acelerado. Os projetos já amadurecidos começarão a ter realidade. Apenas um certo pessimismo, uma injustificável desconfiança, poderá empanar o brilho da sua posição nos próximos sete dias.

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro,	30	—	Julião	—	Juliana
"	31	—	Fábio	—	Eitel
Fevereiro,	1	—	Cecílio	—	Brígida
"	2	—	Feliciano	—	Gervásia
"	3	—	Odorico	—	Olívia
"	4	—	Henrique	—	Joana
"	5	—	Afonso	—	Eva

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

				(SIGNO DO:)
Janeiro,	30	—	10º - 4' - 19''	(Aquário)
"	31	—	11º - 5' - 15''	(")
Fevereiro,.	1	—	12º - 6 - 10''	(")
"	2	—	13º - 7' - 4''	(")
"	3	—	14º - 7' - 57''	(")
"	4	—	15º - 8' - 49''	(")
"	5	—	16º - 9' - 40''	( )



KRAMER, N. York — Conjunto em branco e prata, formado por grupos de contas alongadas, presos por contas de metal.

"BIJOUTERIE" DE VERÃO

O papel da «bijouterie» nas tualetes de verão é dar-lhes uma aparência ainda mais leve, mais tênue, de forma a contrabalançar a sensação pesada de calor que domina tudo e todos nos dias estivais.

Recentemente, foi realizado um desfile de jóias, nos Estados Unidos, criadas especialmente para a estação praiana de inverno da costa da Flórida e da Califórnia. Os modelos, a maioria fantasias, são muito apropriados para o nosso verão, pois, conquanto lá seja inverno a finalidade foi a de se conseguir enfeites adequados àquelas praias, onde o frio não é nada rigoroso. Ao contrário, no inverno é que se desenvolve a mais chique temporada praiana nos Estados Unidos.

Dentre as centenas de modelos que foram apresentados nesse desfile, escolhemos aquêles que melhor se adaptavam ao bom gôsto da mulher brasileira, pela delicadeza de composição e arte de inspiração. — FLAMA.



SUTAIN — Uma rêde de miçangas [illegible] coisa entre colar e golinha. Brincos muito originais, em [illegible] as duas tonalidades da rêde.

CORO — Ouro, esmalte e pedras, num sugestivo jôgo de bracelete, colar e brincos, concepção muito artística.



LA TAUSCA — Ainda prefere as tradicionais e sempre belas pérolas [illegible] conjunto em várias tonalidades.



CICCILLO MATARAZZO

O FESTEIRO DO

OFICIAL e protocolarmente, seu nome é Francisco Matarazzo Sobrinho. Para os artistas de todo o Brasil e para os paulistas em geral, porém, é apenas e familiarmente Ciccillo. Sôbre os seus ombros pesa, no momento, a responsabilidade de dar, em 1954, não só a maior festa da história de São Paulo, como presidente da Comissão de festejos comemorativos do 4º centenário da cidade, como a esperança da pátria amada de que êle embasbaque o mundo inteiro. O govêrno confiou-lhe para isso 641 milhões de cruzeiros e espera (tranqüilamente) que Ciccillo não desaponte ninguém. Há dois anos vem êle se aplicando (24 horas por dia) no sentido de gastar, parcimoniosamente e com o máximo rendimento, êsse dinheiro. Com o auxílio de uma equipe de 80 (dedicados) especialistas em todos os setores de atividade humana, elaborou um programa (agora já definitivo) de festividades, que compreende: 49 congressos culturais e científicos; 9 exposições de caráter cultural; 13 certames esportivos; festival internacional de cinema; espetáculos de teatro, balé, música, etc., etc.

Êsses técnicos estão acionando ainda um mecanismo complexíssimo de mais de 30 mil pessoas, que urbanizaram o Parque Ibirapuera (onde se concentram os festejos) e a construção de 9 colossais edifícios, destinados à instalação: do Planetário, do Palácio dos Estados, do Palácio das Nações, do Ginásio (para 20 mil assistentes), do Teatro (para 3 mil pessoas), do Pavilhão de Exposições, do Palácio da Indústria e Comércio, do Palácio da Agricultura, além da Entrada monumental e da Tôrre, mausoléu dos soldados constitucionalistas de 32.



Os paulistas confiam cegamente em Ciccillo. Êle já mostrou o que é capaz de fazer, como industrial (presidente da Metalúrgica Matarazzo e de mais 5 (prósperas) emprêsas associadas; e como homem de iniciativa: fundador do T.B.C., da Cia. Cinematográfica Vera Cruz, do Museu de Arte Moderna (que nasceu numa dependência da Metalúrgica e por onde se vê que a arte e a indústria em São Paulo caminham juntas) e principalmente como realizador da famosa I Bienal de Arte Moderna, que alcançou repercussão internacional.

UM HOMEM APARENTEMENTE ENCABULADO

À primeira vista, Ciccillo dá a impressão de um homem encabulado. Que não encontra posição para a cabeça (raspada) e lugar onde posar os olhos (míopes). Depois a gente verifica que é jeito dêle. À medida que a conversa pega fogo, Ciccillo vai se firmando nos arreios, encontra cômodo para os órgãos e fica veemente.

Nasceu (há 53 anos) em São Paulo (rua Major Quedinho). Foi educado na Itália e na Bélgica e estava estudando engenharia quando decidiu trabalhar. Regressou ao Brasil e trabalhou (sem parar). Faz isso 30 anos. Apaixonado por arte moderna («sou um homem do meu tempo»), detesta qualquer academicismo. Mas nunca sequer tentou pintar ou esculpir. Com relação à política, sempre passou ao largo. Lê muito, de preferência história. Gosta de futebol... na televisão. Por uma questão de tradição familiar, porém, torce pelo Palmeiras (que foi fundado por funcionários das indústrias Matarazzo). Nunca praticou esporte algum. Nem automóvel dirige. Acha

O IV Centenário encontrou São Paulo transformada num fenômeno internacional, como a cidade de crescimento mais vertiginoso do século vinte.

IV CENTENÁRIO

Dispõe de 641 milhões para dar a maior festa da história de S. Paulo e espera-se que embasbaque o mundo e assombre todo o país ★ 54 o ano de S. Paulo ★ Jânio, Ademar e Garcez (3 prováveis e possíveis inimigos) trabalhando (cada qual a seu modo) pelo êxito da festa ★ Gente de tôdas as partes do mundo quer conhecer S. Paulo ★ Uma cidade que cresce vertiginosamente, festeja o seu 4º Centenário ★ "S. Paulo não pode parar", "slogan" superado por um homem que já nasceu dinâmico.

Reportagem de HÉLIO FERNANDES

que dá trabalho e êle se julga preguiçoso. Bebe vinho (Chianti, às refeições e adora os vinhos feitos na quinta do seu pai, na Itália). Casado, sem filhos, com dona Iolanda Penteado, uma paulista de 400 anos, grande batalhadora também em favor das artes. E espera morrer aos 90 anos.

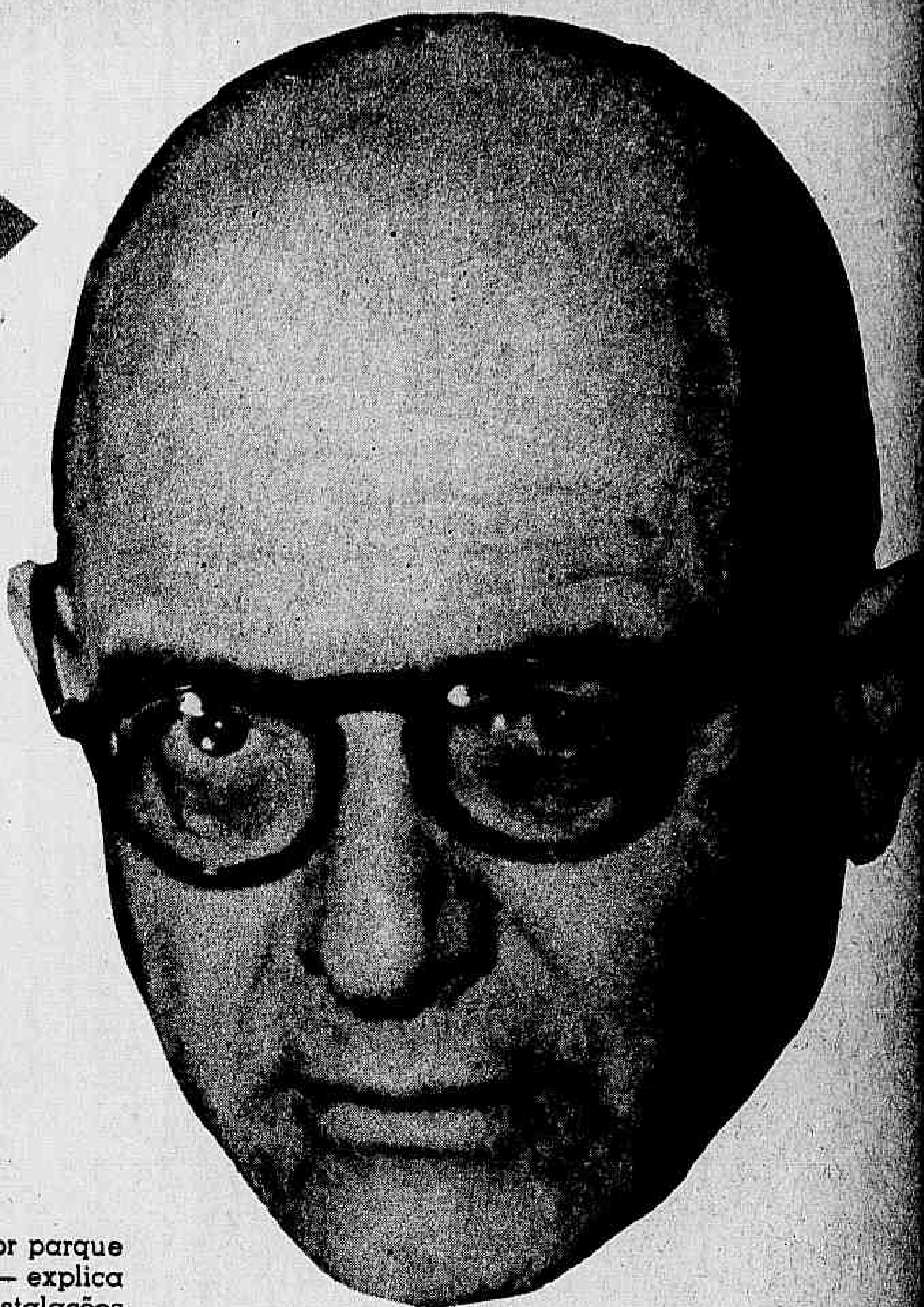
GOSTA ATÉ DAS FEIÚRAS DA CIDADE

Ciccillo é um dêsses raros brasileiros homens de negócio profundamente integrado na vida nacional, estudioso de todos os seus problemas, sejam de caráter industrial ou cultural. Tem estado presente e atuante em todos os movimentos artísticos de São Paulo. Mas não perde o pé no sumidouro metafísico das «igrejinhas». Talvez seja esta a razão da sua escolha para a presidência da Comissão de festejos.

Apesar da sua formação européia, confessa-se apaixonado por São Paulo.

— Venho acompanhando a cidade crescer — diz êle — e verifico emocionado que gosto até das suas feiúras.

Seu sonho é transformar a Feira Industrial de 1954 num certame de caráter permanente e São Paulo numa cidade líder nesse setor no continente, como Leipzig e Milão na Europa.

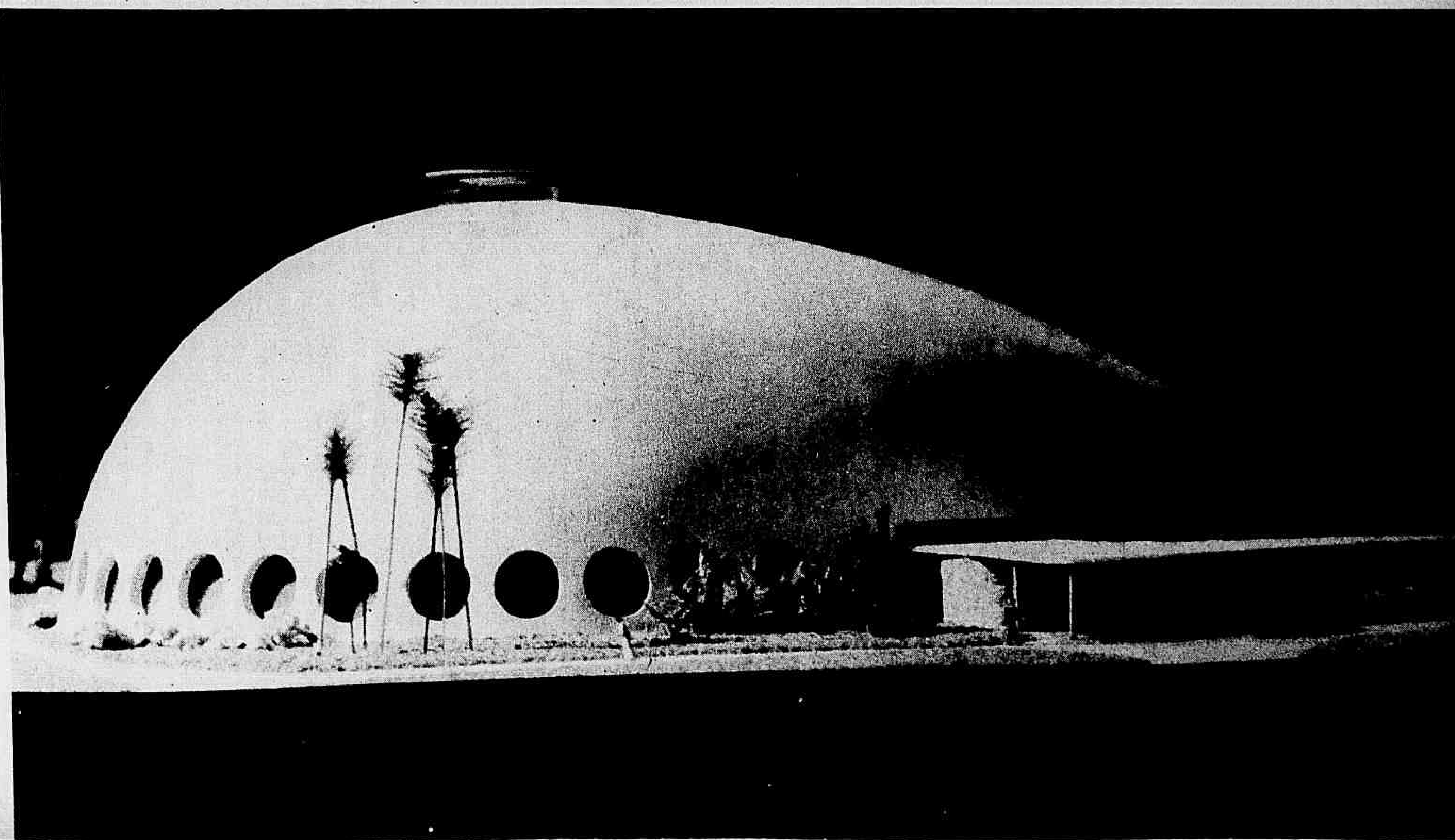


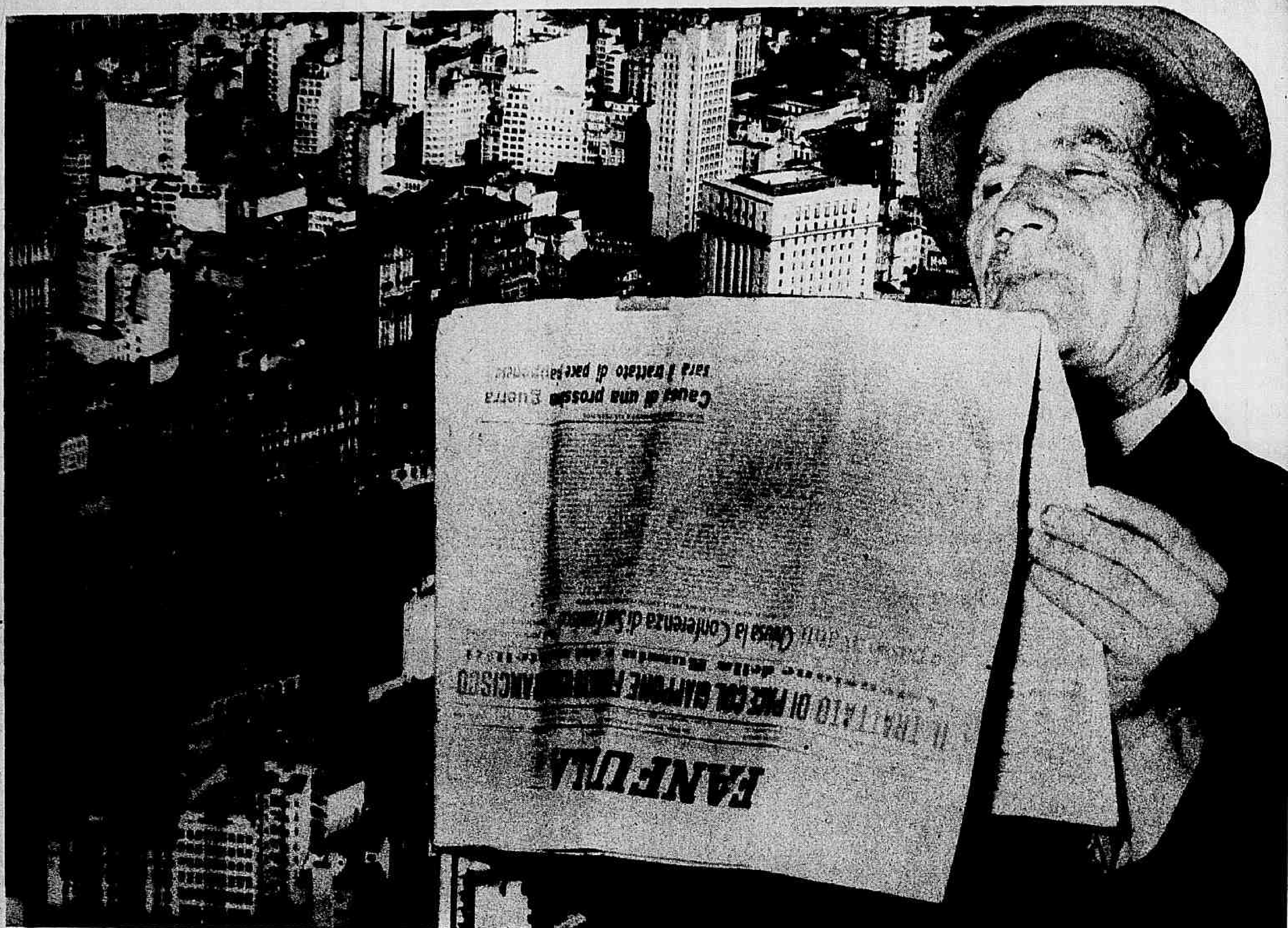
— São Paulo, além de possuir o maior parque industrial do continente sul-americano — explica Ciccillo — está aprimorando as suas instalações industriais, cujo ritmo de produção é crescente em todos os setores. São Paulo encontra-se, podemos dizer, no centro do continente, sendo hoje a cidade de maior população do país e se não me engano, a segunda da América do Sul. Pois bem, levando tudo isto em consideração, e mais ainda, que tôdas as nações nossas vizinhas, tais como Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Bolívia, etc., estão se industrializando e trilhando o mesmo caminho, dentro de um futuro muito próximo São Paulo poderia vir a ser um dos maiores centros exportadores tanto de produtos como de matérias-primas, assim como poderia ser o intermediário entre as outras nações se se concretizasse a realização de uma Feira Internacional anual aqui.

E prossegue (eu não disse que êle fica veemente?):

— Hoje em dia, pràticamente, vamos em 4 horas a Buenos Aires, em 9 horas a Lima, e assim por diante, e sabemos já que daqui a três ou quatro anos essas distâncias serão reduzidas pelo menos à metade, sem fazer previsões para daqui a 10 ou 15 anos. Ora, pois, com uma Feira Internacional anual (algumas nações logo que souberem da possibilidade de uma feira anual hão de se interessar por construir os seus próprios pavilhões definitivos para os seus mostruários), com uma Bienal de Arte Plástica e de Arquitetura, São Paulo alcançaria uma posição de privilégio que se projetaria pelo mundo todo. É por isso

O «Planetarium» de São Paulo desvendará aos paulistas, já no próximo ano, os mistérios do céu, estrêlas e dos planêtas.





que estamos trabalhando para chegar a bom têrmo, tendo em vista sempre o futuro mais longínquo, e não um futuro imediato.

ESPÍRITO DE EQUIPE

Dizem que o êxito de Ciccillo êle o deve ao seu espírito de equipe. Costuma cercar-se de elementos idôneos e competentes. De fato, até para esta entrevista êle convocou os demais membros da diretoria da Comissão. E fazia cada um dêles completar a sua resposta às perguntas do repórter, com dados precisos e minuciosos. Sôbre a sua mesa de trabalho não há papelório aguardando despacho, nem confusão. Apenas um ou outro prospecto das festividades programadas para 1954 e um cinzeiro, embora êle não fume (mas vamos que o interlocutor fume e sacuda a cinza por tôda a parte?).

Informa que a sua preocupação tem sido a de construir no Parque Ibirapuera obras de caráter permanente, de maneira que uma vez terminadas as comemorações, essas obras sejam incorporadas ao patrimônio do Estado. Assim é que da verba de 641 milhões, destinada aos festejos, está aplicando 500 milhões na construção de edifícios que em 1955 serão entregues ao govêrno para utilizações várias. Tem-se esforçado, também, no sentido de recuperar o dinheiro empregado, seja indiretamente através da renda a ser produzida pelos turistas e congressistas, ou diretamente, pela venda de espaços destinados a «stands» de expositores e aluguéis de espaços a concessionários de divertimentos, restaurantes, etc. Com a venda de espaços para «stand», já recuperou, no primeiro mês em que inicou a chamada de interessados, 25 milhões de cruzeiros.

PONTOS CULMINANTES DA FESTA

Os festejos tiveram início no dia 12 de dezembro de 1953 e terminarão a 25 de janeiro de 1955. Acredita Ciccillo que os pontos culminantes das celebrações serão os seguintes:

1) — 12 de dezembro de 53: abertura da II Bienal de Arte Moderna, com a participação de 36 nações. Os trabalhos de seleção foram realizados por uma equipe de técnicos e a exposição ocupa uma área de 24 mil metros quadrados. (A I Bienal ocupou 5 mil metros quadrados). Uma das atrações é as retrospectivas de Picasso.

2) — 25 de janeiro de 54: início espetacular das comemorações de caráter popular e cívico, com a maior parada militar da história do Brasil; inauguração da Catedral de São Paulo, cujas obras tiveram início há 50 anos (a Comissão contribuiu com 30 milhões); além de grandes bailes de gala e popular, concertos, etc.

3) — Fevereiro de 54: Festival Internacional de Cinema, coincidindo com o Carnaval, para favorecer a curiosidade dos artistas visitantes.

Enquanto o «carcamano» do Braz e da Mooca lê o «Fanfulla», no intervalo da luta quotidiana, São Paulo se agiganta e se afirma no 400º ano de sua vida, como a cidade de maior futuro do mundo.

4) — Julho de 54: Exposição Industrial e Feira Internacional. Trinta nações já estão inscritas.

5) — Julho de 54: Exposição de história, iconografia e cartografia, organizada pelo prof. Jaime Cortesão.

6) — 25 de janeiro de 55: encerramento apoteótico.

E Ciccillo conclui convicto:

— Só um cataclisma nos impedirá de ter tudo pronto na data marcada!

LE CORBUSIER REVELOU AOS JOVENS ARQUITETOS BRASILEIROS

O NOVO MUNDO DO ESPAÇO

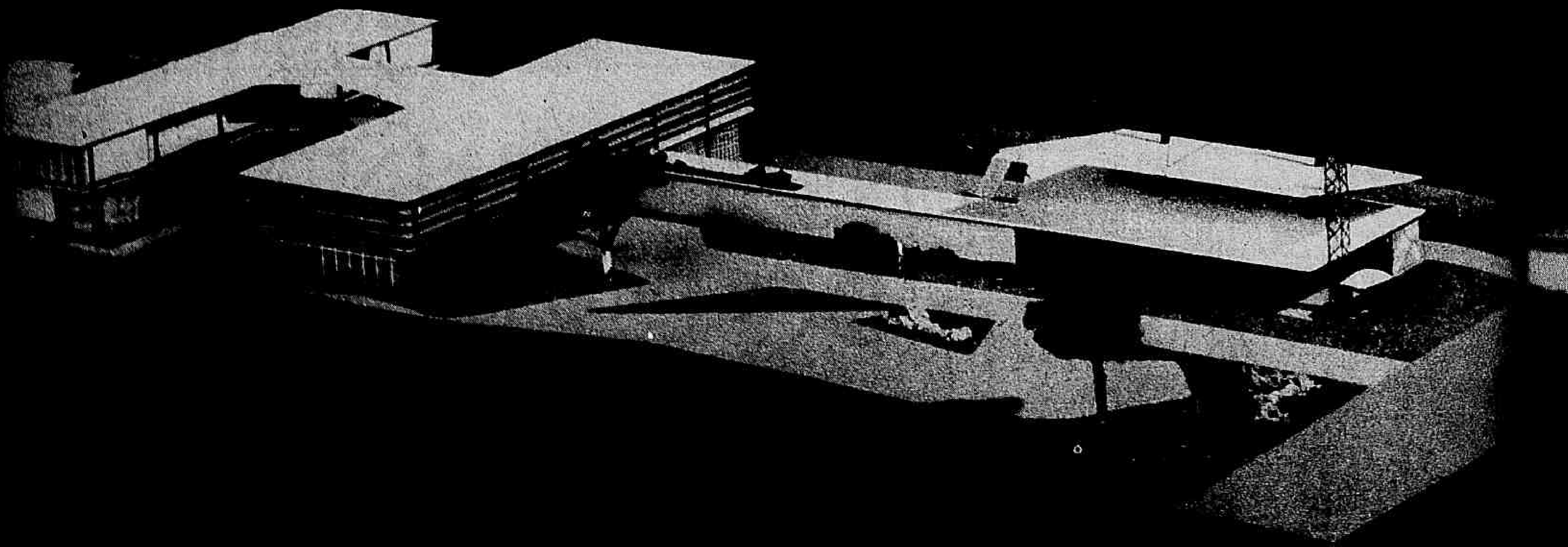
Reportagem de **MARINA SALLES**

O MESTRE ENCONTROU NA INDISCIPLINA NACIONAL UM FATOR FAVORAVEL A VITÓRIA DE SUA REVOLUÇÃO ARQUITETÔNICA

É a batalha do urbanismo, na qual os jovens arquitetos brasileiros estão agora empenhados. Foi Corbusier quem lhes ensinou que "A arquitetura deve ser a manifestação do espírito de uma época". E o século XX é o século das grandes perspectivas, do aproveitamento funcional do espaço — e sòmente a arquitetura pode, amoldando-se ao estilo da época, favorecer a sua perenidade e o seu sucesso.

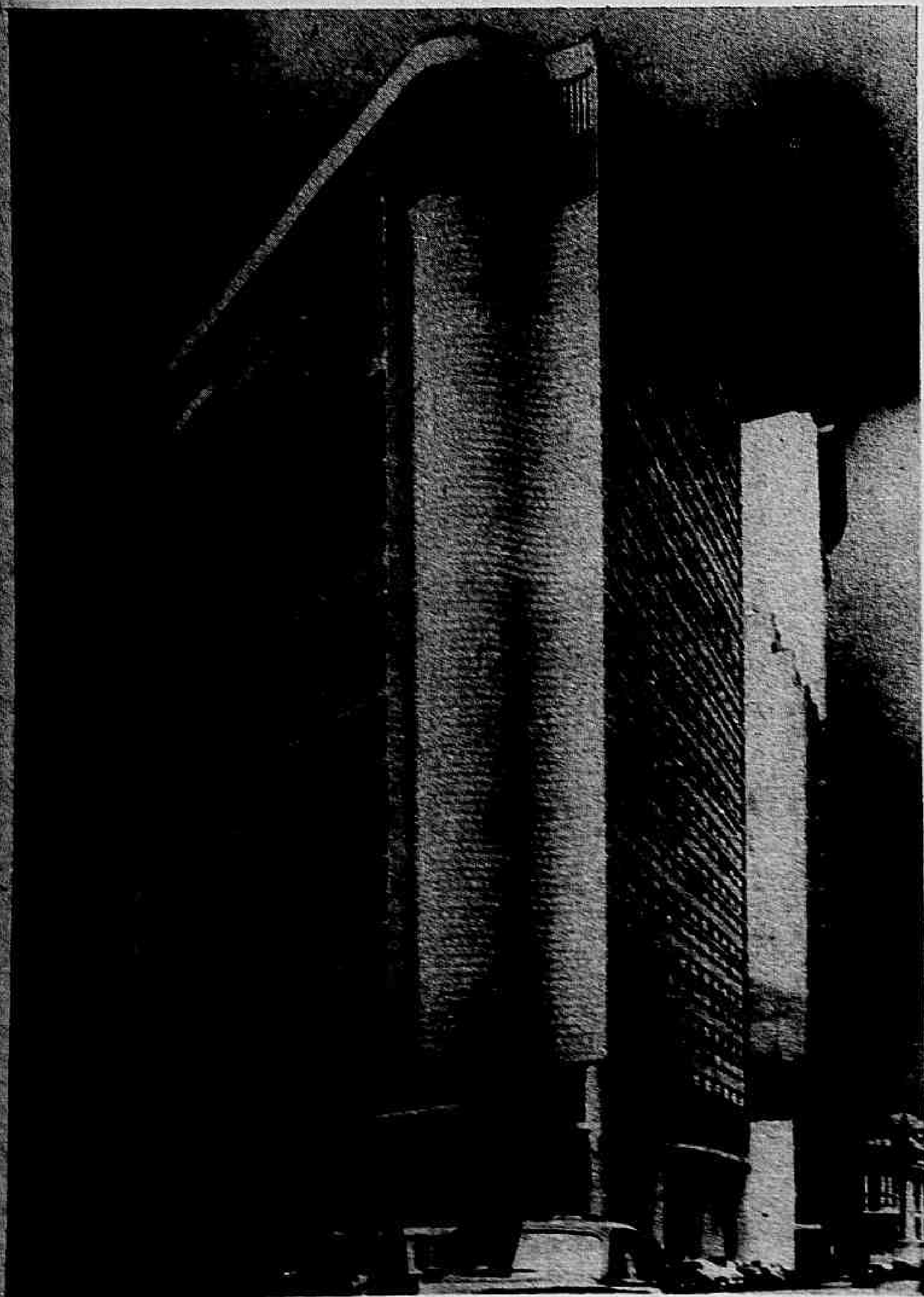


Maurício e Marcelo Roberto com a repórter da «Revista da Semana». Com Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e outros, os irmãos Roberto formam a equipe dos melhores arquitetos da moderna engenharia do Brasil.

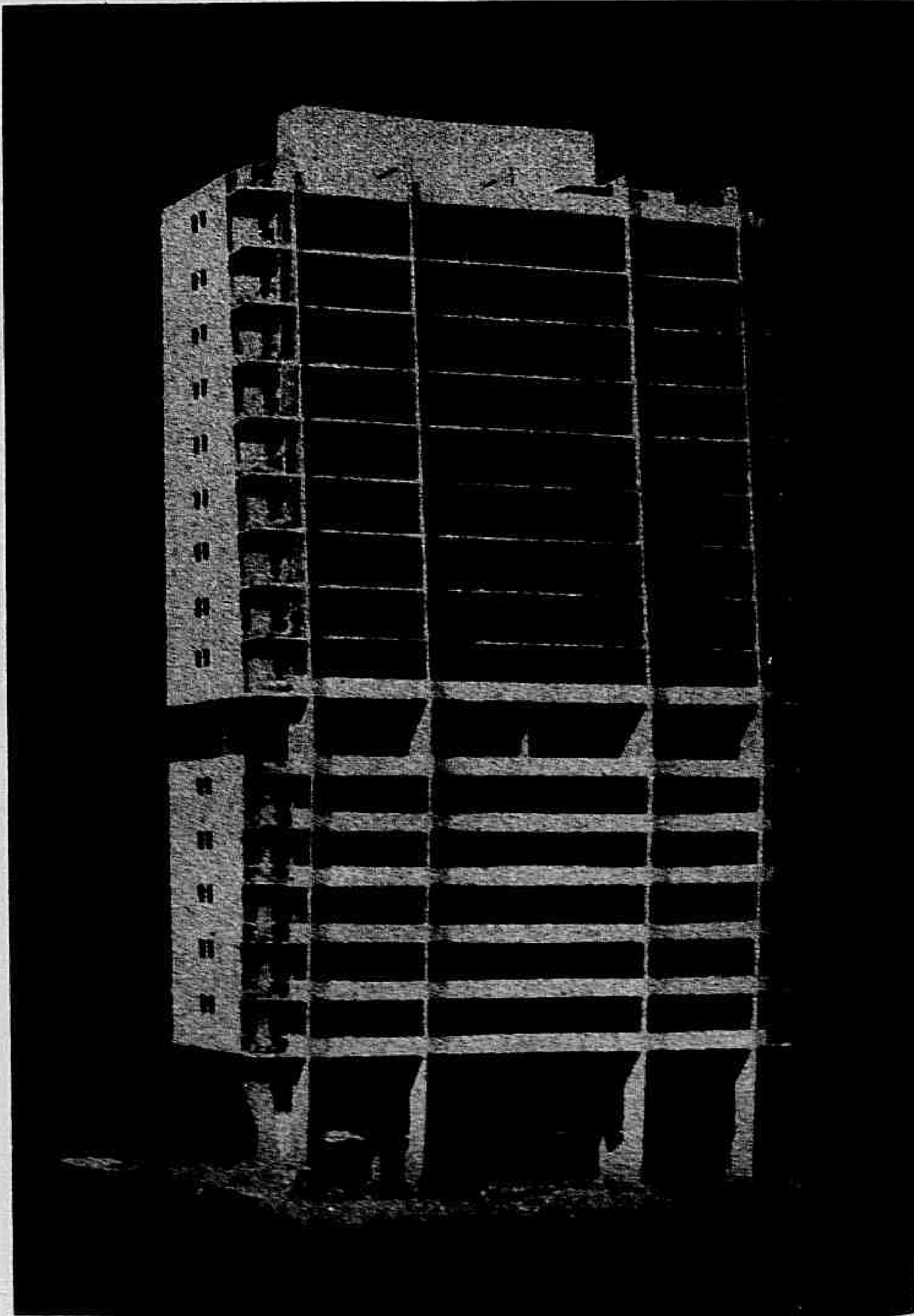


Edifício do «Senai», no Rio de Janeiro. A arquitetura moderna chegou, no Brasil, às fábricas e às escolas.

[illegible]TETURA BRASILEIRA JÁ É FAMOSA NO MUNDO INTEIRO



O «Edifício Seguradores», na rua Senador Dantas, esquina de Evaristo da Veiga, projeto de MMM Roberto, é um dos mais belos imóveis da cidade do Rio de Janeiro. O painel do mosaico é de Paulo Werneck.



Êste é um dos mais ousados edifícios do São Paulo Novo. Está em vias de acabamento, com suas linhas moderníssimas e o seu acabamento todo êle adaptado às condições atmosféricas da capital paulista.



A Cidade Balneária de Grumarim resume, no seu traçado moderno e funcional, a cidade do futuro.

EM 1929, quando estêve pela primeira vez no Brasil, a fama de Le Corbusier ainda não era internacional. Mas êle já lançara, lá na França, os primeiros pilares (retos e funcionais) sôbre o qual levantaria o seu fabuloso mundo arquitetônico, revolucionário e lírico ao mesmo tempo, um mundo que, conforme a sua própria expressão, descobrira novas perspectivas e ângulos no espaço. Suas conferências no Rio, naquele ano, passaram quase despercebidas; e pela maioria dos que o ouviram, suas lições ousadas certamente foram tomadas como excentricidade de estrangeiro maluco, de «futurista» a la Marinetti, extravagante e insano. O Rio, então, ainda era, totalmente, a velha e compacta cidade, pesada de pardieiros e imóveis imitando o gôsto parisiense da Segunda República e da «Belle Époque».

Em 1936, no entanto, data da sua segunda visita ao Brasil, Corbusier nos chega como um vitorioso. E' êle, agora, um nome mundial, formando no rol dos arquitetos, como Gropps, Myes Van der Hohe, Frank Lloyd Wright, que estava dando nova fisionomia e novo estilo aos centros urbanos, às residências e fábricas, às cidades e aos parques. E já em 1936 mesmo surgia, no coração do Rio, o primeiro marco da nova arquitetura que encontraria no Brasil um campo de experimentação tão dúctil e favorável: a sede do novo Ministério da Educação, projeto original de Corbusier e complementa-

OPINAM DOIS MESTRES





LÚCIO COSTA: «Quando se considera, no seu conjunto, o desenvolvimento atual da arquitetura moderna, a contribuição dos arquitetos brasileiros surpreende por seu imprevisto e sua importância. Imprevisto porque, de todos os países, o Brasil sempre parecera, a êste respeito, dos menos predispostos; importância porque veio pôr na ordem do dia com a devida ênfase, o problema da qualidade plástica e do conteúdo lírico e passional da obra arquitetônica, aquilo porque haverá de sobreviver no tempo, quando **funcionalmente** já não fôr mais útil.»

OSCAR NIEMEYER: «Nada de cortes ou aterros desnecessários, nada de soluções apressadas ou importadas, como «subways», etc.; avenidas perimetrais que servem apenas para cortar ainda mais a estreita faixa de terra entre as montanhas e o mar. Na minha opinião, tudo devia, ao contrário, decorrer da nossa conformação geográfica, cujas características saberíamos defender e valorizar».

O NOVO MUNDO DO ESPAÇO (conclusão)

ção dos arquitetos brasileiros Lúcio Costa e Oscar Niemyer.

O BRASIL CONQUISTADO PELA NOVA LINHA

MMM Roberto são agora apenas dois: Marcelo e Maurício. O outro componente do famoso trio, Milton Roberto faleceu recentemente, e ainda hoje os irmãos se ressentem de sua falta: êle era como o provedor da firma, diligente, atento, o equilíbrio em pessoa.

Estamos no escritório dos irmãos Roberto, e quando citamos o nome de Corbusier, é Marcelo Roberto que nos declara:

— A popularidade de Le Corbusier vem do fato de êle ter sido a grande antena dos tempos modernos. Êle conseguiu por em ordem o que os outros sentiam. Capitalizou os anseios dos arquitetos do mundo inteiro. Êle sentiu êsses anseios, lhes deu forma, foi o grande tribuno dos arquitetos modernos, encontrou ressonância em tôda uma legião de jovens artistas que já sentiam dentro de si a insatisfação do momento e não sabiam dar forma a êsse sentimento.

Quando rebenta a Segunda Guerra Mundial, o Brasil já possuía a sua grande equipe de arquitetos modernos: Lúcio Costa, Niemeyer, os Roberto (que vieram depois), uma porção de outros. Por outro lado, Portinari revolucionava a pintura e Burle Max arrumava os jardins brasileiros num jeito primitivo de selva disciplinada.

A INDISCIPLINA, FATOR DO ÊXITO

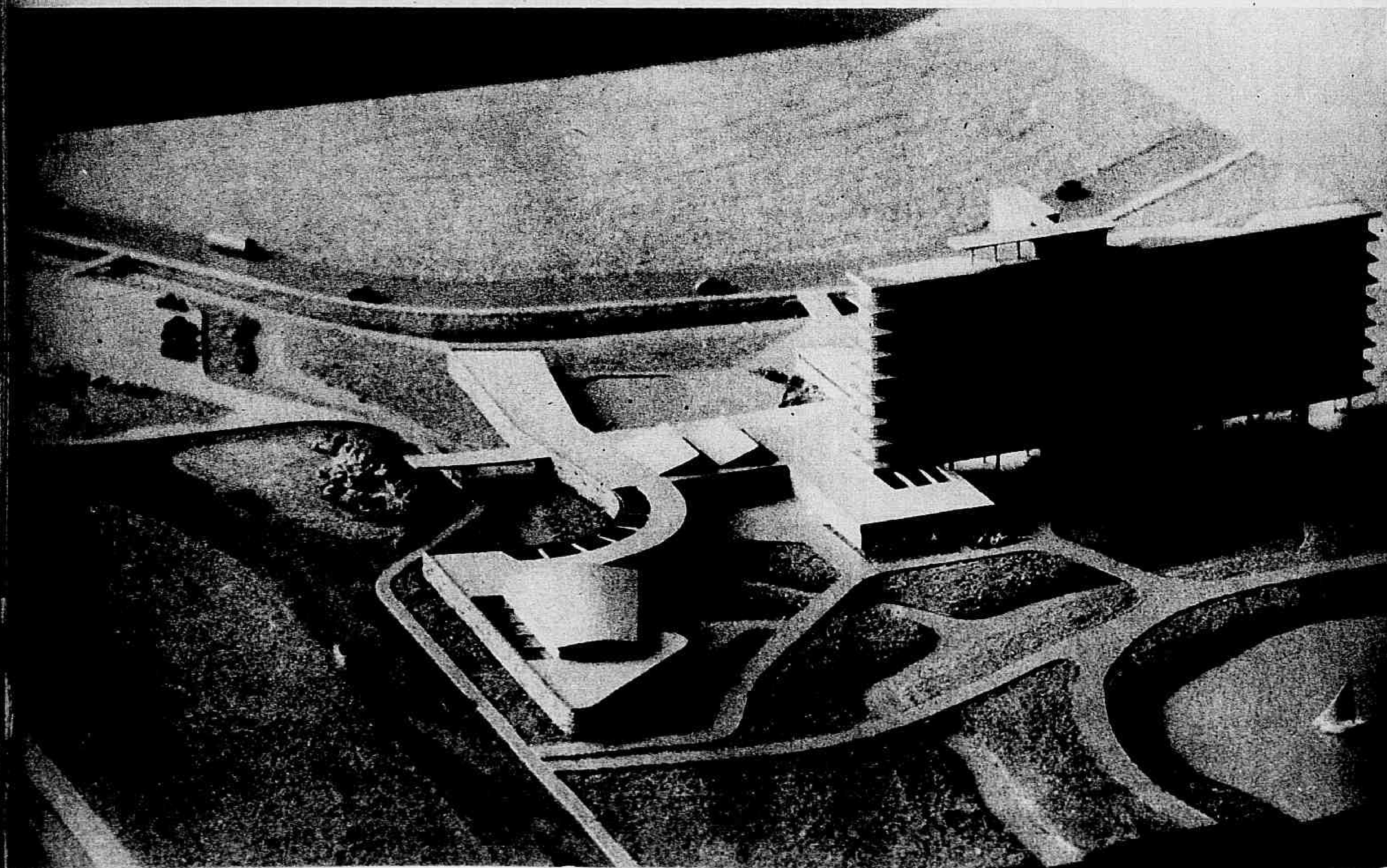
Quando indagamos de Maurício e Marcelo Roberto qual o fator que mais contribuiu para o pleno desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil (ao contrário do que sucede em outros países adiantadas, onde a revolução arquitetônica vem encontrando resistência e dificuldade sem conta), os dois jovens arquitetos brasileiros respondem quase ao mesmo tempo: «A indisciplina que, a respeito, reina em nosso país. Indisciplina arquitetônica que cria, para o artista, um clima de verdadeira liberdade».

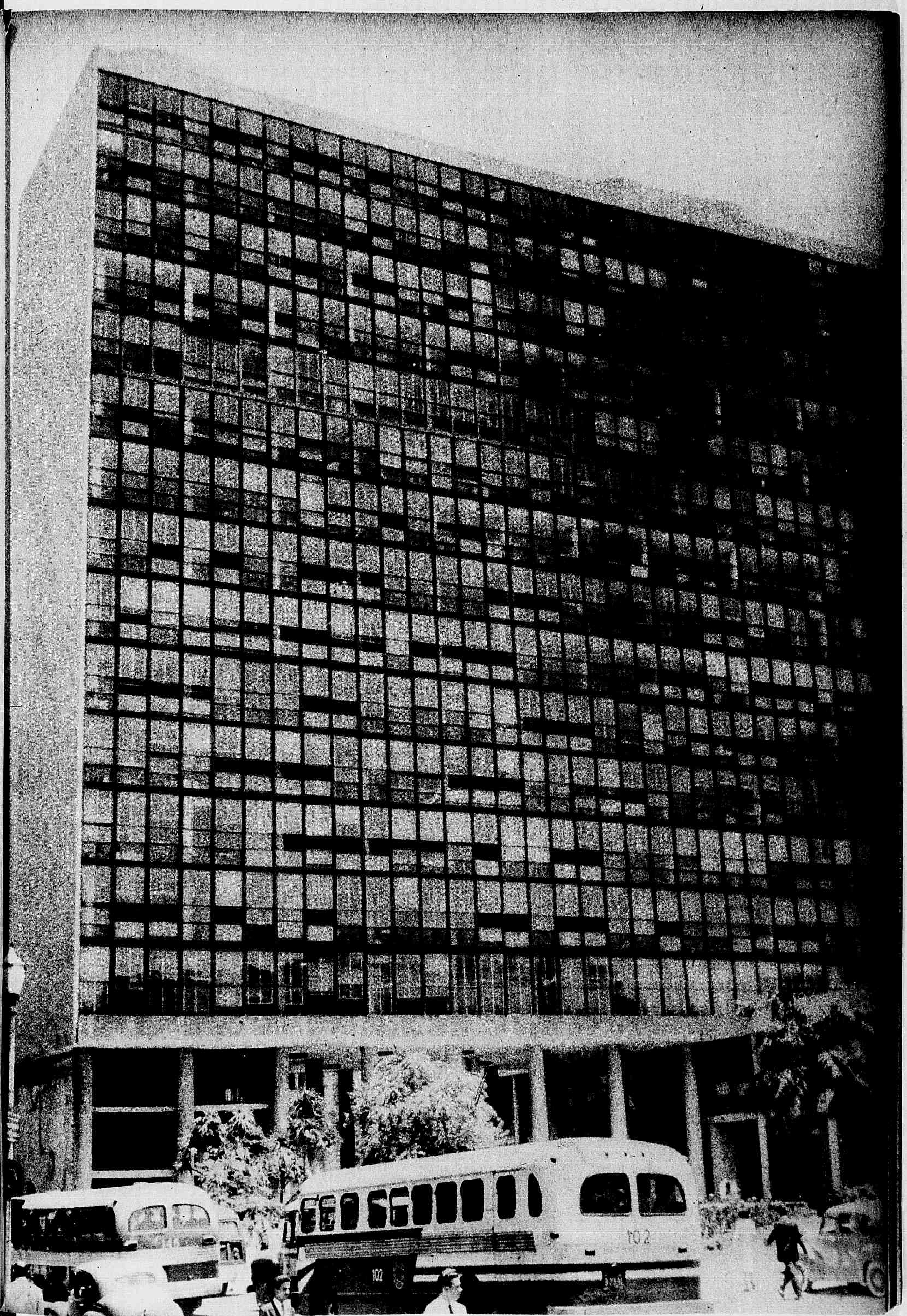
E cita-se o exemplo dos Estados Unidos: nos EE.UU. um arquiteto não tem independência para apresentar um projeto se se ater a tôdas as condições impostas pelas autoridades. Lá existem os diversos trustes que obrigam ao gasto do cimento, do aço, etc. de modo que um determinado projeto já deve prever êsses gastos, sem o que o projeto não será aprovado. Para atender a essas imposições, o arquiteto, muitas vêzes, tem que pôr de lado sua imaginação de artista e usar mais o cérebro mecânico se não quiser ver seu projeto recusado pelos compradores e pelas autoridades. Felizmente, isso nós não temos no Brasil. As exigências da Prefeitura são mínimas. O que facilita o gênio criativo dos arquitetos.

Mas a expressão «funcional» para a arquitetura moderna não é certo. O que está certo hoje não pode estar amanhã. Os arquitetos trabalham visando, naturalmente, o maior confôrto, tirando tôda a vantagem do terreno, da iluminação, mas o fito é deixar algo para o futuro.

Quanto às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, tudo está errado. Sem um plano urbanístico não interessa construir-se um belo edifício. E' preciso frisar êste ponto: precisamos de urbanismo, depois de belos edifícios. Marcelo Roberto já não sente o mesmo prazer quando vai para a prancheta desenhar um novo edifício. Agora êle sente necessidade de mais. Êle quer espaço, para que o edifício disponha de ar, de luz, de visibilidade.

Êste hotel de Nova Friburgo, em construção, espantou a pachorra do homem do interior.




102
102

Depois de ser campeão sul-americano

SOLICH, herói do campeonato carioca

O TÉCNICO QUE VEIO PARA MAIS UMA EXPERIÊNCIA ACABOU DANDO O TÍTULO ESPERADO HÁ NOVE ANOS PELA TORCIDA DO FLAMENGO — DONO DE UMA PADARIA EM BUENOS AIRES, ORIENTAVA UM TIME EM ASSUNÇÃO — PSICOLOGIA APLICADA AO FUTEBOL — O MÁGICO DAS ESPETACULARES «VIRADAS» — OS RUBRO-NEGROS ACABARAM COM O COMPLEXO «F. C.»

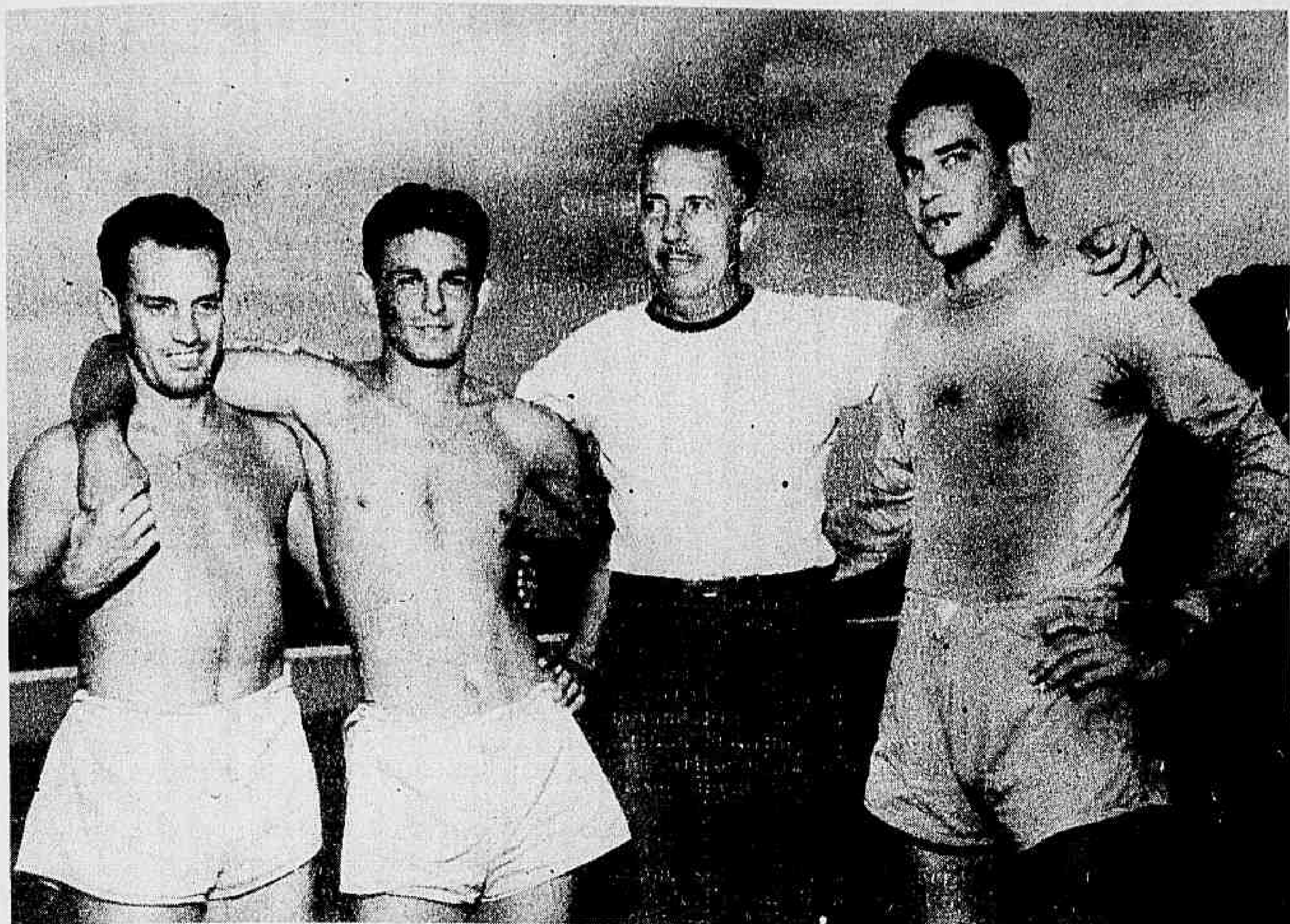
Escreveu LEVY KLEIMAN



FINAL DE CAMPANHA — Solich, carregado em triunfo pelo zagueiro Pavão, sorri satisfeito com o seu trabalho.

NOVE anos depois da célebre cabeçada de Valido contra o Vasco, na Gávea, conquistou o Flamengo novamente a hegemonia do futebol carioca.

Desde 1944 o rubro-negro experimentou uma série de técnicos, vários nacionais e um português, até acertar com um preparador vindo do Paraguai. Flávio Costa foi o técnico do tri-campeonato e depois com a sua saída para o Vasco os rubro-negros ficaram com o complexo "F. C." ou seja que sòmente com o re-



Solich quando chegou à Gávea encontrou uma verdadeira colônia de jogadores guaranis: Bria, Benitez e Garcia.

tôrno de "Alicate" seria possível a conquista do mais almejado troféu do futebol, o título de campeão.

Flávio saiu do Vasco, voltou para o Flamengo. Houve festa na Gávea em 51. O campeão foi o Fluminense. Também não era possível pedir muito no primeiro ano. Em 1952 o Vasco foi o campeão, com Gentil Cardoso. Antes da conquista do título pelos cruzmaltinos, os "donos" do clube da Cruz de Malta, que desde a saída de Flávio passaram a sofrer do complexo "F. C.", pois achavam que sem êle seria humanamente impossível a liderança do futebol metropolitano, promoveram o seu retôrno a São Januário.

Em 1953 Flávio transferiu-se com armas e bagagens para o clube de Ademir, alegando que assim o fazia, porque o Flamengo não poderia cobrir a proposta cruzmaltina e que êle afinal de contas era um profissional. O preparador, que ostenta o maior número de campeonatos, tinha um plano qüinqüenal para o clube da Gávea, e abandonou o clube no meio da campanha, sem ter dado um título principal, conseguindo no máximo um vice-campeonato dividido com o Fluminense, em 1952.

Com a saída de Flávio, vários nomes Viera, o técnico uruguaio que conquis- Vieira, o técnico uruguaio que conquistara o campeonato de 45 para o Vasco; lembrou-se Zoulo Rabelo, técnico campeão de vôli que fêz bela campanha no São Cristóvão; e por último surgiu o nome de Fleitas Solich, preparador do selecionado paraguaio há muitos anos.

Depois dos primeiros entendimentos ficou estabelecido que o técnico guarani sòmente viria após o sul-americano de Lima, no Peru. O Paraguai foi o campeão com Solich no comando. Mal o certame continental terminou e êle veio para o Rio a fim de assinar contrato por uma temporada com o Flamengo, com 25 mil cruzeiros mensais, terminando o compromisso no dia do último jôgo. Era uma experiência a mais no Flamengo.

Interessante é que Solich tem uma padaria em Buenos Aires e no fim de cada semana tomava um avião para Assunção, onde ia dirigir o seu time, o Olímpia, retornando após a partida à capital argentina.

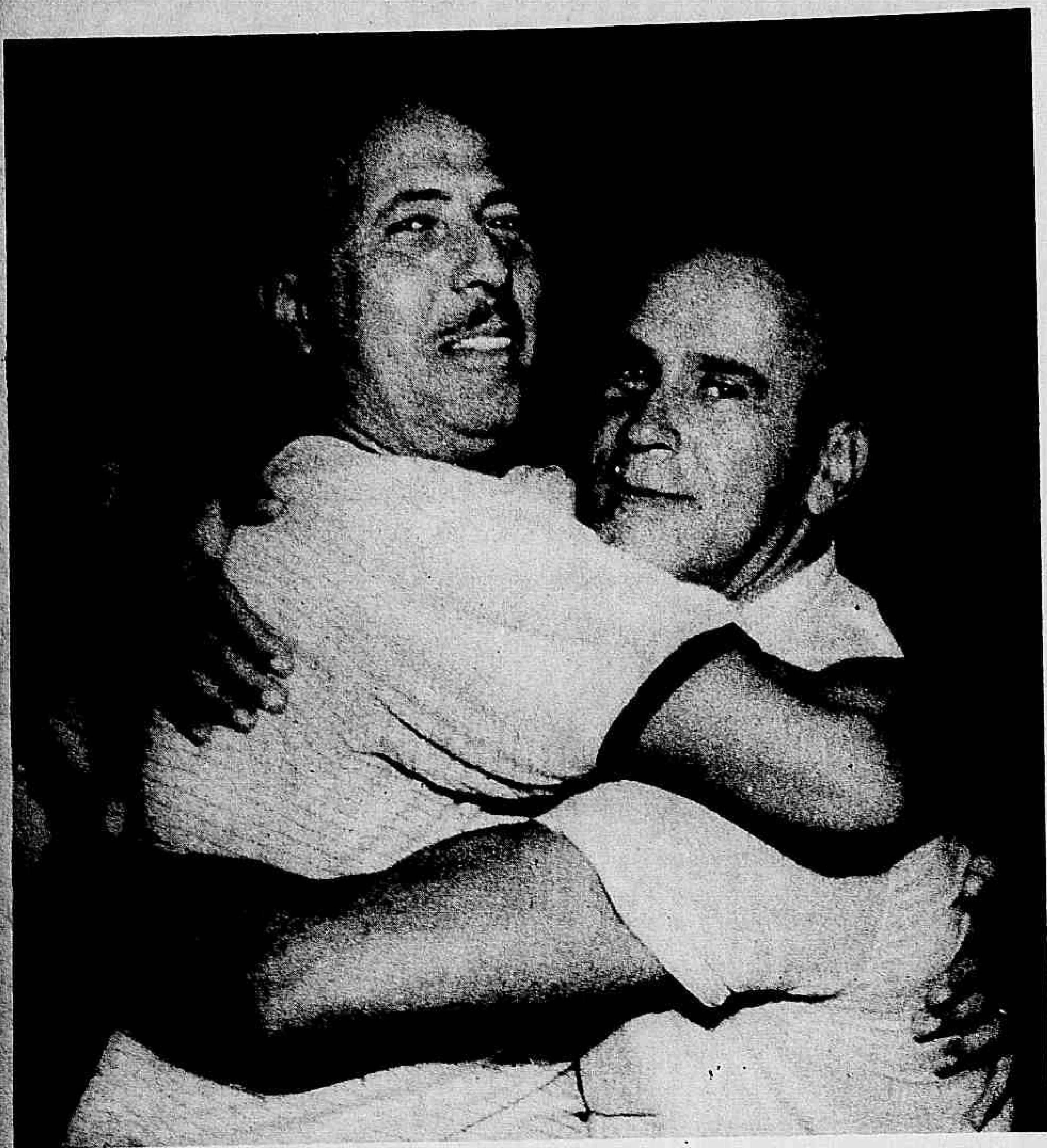
O seu primeiro trabalho foi impor disciplina entre os jogadores. Proibiu terminantemente o fumo nas concentrações. Resultado: numa excursão do Flamengo ao sul, desligou do time o seu melhor jogador, Rubens. Afastou a principal "estrêla" do quadro, o meia pediu rescisão do contrato. A ordem porém foi



Dario de Melo Pinto, presidente do tri-campeonato, esperou nove anos pelo sorriso da vitória. Ei-lo abraçado por Fadel Fadel, o técnico Solich e o presidente Gilberto Cardoso.

preservada e Rubens enquadrou-se no novo regime.

No último Fla-Flu o "goal" de honra do tricolor resultou numa briga entre o goleiro Garcia e o zagueiro Marinho, cada qual responsabilizando o outro pelo tento. Chegaram às vias de fato no vestiário. Solich obrigou-os a viajar para a concentração na mesma caminhoneta, e deixou-os perceberem sòzinhos o ridículo da atitude que assumiram. Acabaram-se abraçando. Não gritou, nem ameaçou fisicamente, agiu como um psicólogo. Deu uma lição em muito técnico nacional.



Depois de conquistar o título de campeão sul-ame ricano, Solich é abraçado pelo juiz Mário Viana.

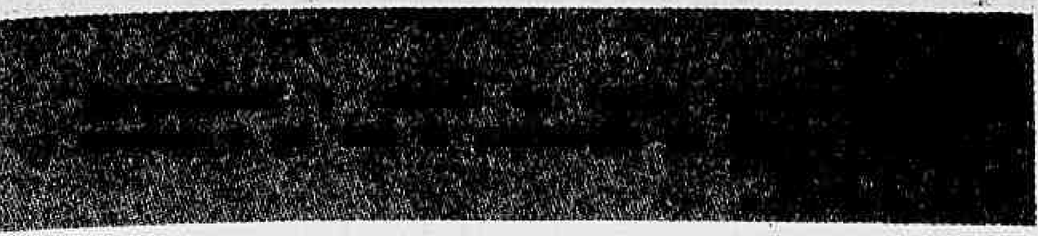
O veterano preparador paraguaio, contando com quase todos os elementos das temporadas anteriores, exceção de Servílio, contratado para o claro aberto pela contusão de Jadir, e Marinho, que estava em experiência na Gávea, deu personalidade ao conjunto, aboliu os dribles e passes desnecessários, fazendo com que o time realizasse o jôgo de primeira, com mais tiros aos arcos adversários.

Depois que conseguiu transformar o time numa verdadeira família simplificou o jôgo e partiu modestamente em busca da vitória. Venceu os dois turnos na reta final derrubando o Fluminense, e na etapa decisiva ratificou a façanha anterior ao triunfar sôbre o Vasco por 4 x 1.

Inúmeras pelejas em que o Flamengo estêve a beira da derrota até os últimos minutos, Solich conseguiu transformar os revezes em vitórias e empates espetaculares, como por exemplo o jôgo em que o Olaria estêve vencendo até os 36 minutos e o rubro-negro, com as modificações táticas introduzidas, con-



Solich, com diplomacia, soube dar um final feliz ao incidente entre Marinho e Garcia. Ei-lo em companhia do zagueiro.





seguiu em espetacular "virada" triunfar por 3 x 1.

Após a batalha com o Vasco foi cumprimentado pelo técnico Flávio Costa, que considerou o seu time como o melhor do campeonato.

O Flamengo, satisfeito com o trabalho do seu técnico, decidiu melhorar o seu contrato, passando o seu salário de 25 para 40 mil cruzeiros mensais, fora prêmios e gratificações por empate e vitória.





CAPANEMA

CASTELLO



GUSTAVO CAPANEMA: Honesto, por vêzes ingênuo, tem muitas vêzes sido surpreendido no exercício da liderança pelas armadilhas da política.

Nenhum deputado exerce o mandato com mais convicção do que Gustavo Capanema. Convicção não pròpriamente das excelências do mandato, nem da sua utilidade para o país, mas convicção da vida pública. Com a mesma convicção êle foi ministro, interventor. Com idêntica consciência de prestar serviço seria coletor municipal, ditador, Presidente da República ou presidente da Assembléia da ONU. Em outras palavras, Gustavo Capanema é a vocação mais ajustada que conheço. Na vida pública, êle se encontra, se realiza, sem margem de frustrações. E' um político de vocação.

E é precisamente isso que explica o fato de entregar-se êle, inteiro, à tarefa do dia, com apetite, sem reservas, como se fôsse precisamente para aquêle dia e para aquêle trabalho. «Não penso no dia seguinte — disse-me êle uma vez. — Sou a imprevidência em pessoa. Almoço com voracidade, sem pensar no jantar».

Sempre que pode, Capanema dedica suas manhãs a exercícios espirituais, à leitura e à meditação. Mas o faz sem intenções. Sem outro intuito que não seja o de atender a uma necessidade íntima de poesia e contemplação. Não é um literato que não se realizou. E' um homem que acredita no pão do espírito. Que precisa dêsse alimento prévio à provação de cada dia.

Poucas pessoas na Câmara dos Deputados terão maior convivência com as artes do que o líder da maioria, um espírito requintado, que aprecia Goethe e Rilke e lê os jovens poetas brasileiros na esperança de identificar nêles algo da essência eterna...

Essas manhãs meditativas é que certamente lhe emprestam um certo ar distraído e o levam a generalizações que algumas vêzes criam um fosso entre o que está pensando e o que ocorre em tôrno.

Isso e uma certa ausência de malícia congênita faz com que lhe chamem de vago.

Entretanto, está longe de ser um político vago. Atua com intensidade e o raciocínio largo e pronto supre as reações iniciais. Essas são sempre no sentido da entrega total, da revelação integral, da inconveniência mesmo, do que em política poderia ser uma gafe.

O convívio do repórter com o líder me ensinou que as primeiras declarações que êle nos faz não são para publicar, embora não esconda êle reservas. Se a retificação, se a interpretação restritiva não vem na mes-

O casal Capanema numa noite de gala, no Teatro Municipal. A senhora Capanema é considerada uma das mulheres mais belas do país.



um varão integral de proporções descomunais.

Aconteceu-lhe muitas vêzes nomear pessoas para cargos que não existiam e colaborou durante o Estado Novo em exibições algo grotescas de nacionalismo. Entretanto, sem seu entusiasmo e sem sua visão não teríamos o edifício do Ministério da Educação (arquitetura, escultura e pintura). E a literatura nacional encontrou na sua administração um grande estímulo.

Foi alvo durante muitos anos de uma campanha virulenta de estudantes e ainda hoje muitos moços daquele tempo se assustam quando verificam que o antigo ministro não é o que êles pensavam, ou seja, um retardado mental. Criou-se essa incrível impressão entre os estudantes do Estado Novo, principalmente porque era o ministro uma das pessoas liberadas pelo DIP em matéria de crítica. Podia-se meter o pau nêle à vontade. E não se ia perder uma oportunidade.



ma hora, porém, dentro em pouco seremos ansiosamente procurados. Algumas vêzes, no próprio ato de falar, êle se assusta e a frase começada vacila no ar e se completa de maneira imprevisível. O que êle ia dizendo se dissolve num sorriso e as palavras exprimem algo de inofensivo.

Com essas qualidades, Gustavo Capanema seria uma figura exemplar se o relativismo das suas convicções políticas e um indisfarçável encanto do Poder não fizesse dêle antes de tudo uma espécie de filósofo do Rei.

Sua carreira pública tem sido, aliás, uma espécie de jôgo florentino, inclusive pela natureza do adversário que tem-se atravessado no seu caminho. Benedito Valadares, que lhe roubou em 1933 a interventoria e a chefia política de Minas, conserva-o desde então ao seu lado, marcando-lhe, porém, a ascenção de emboscada e dificuldades. Como ministro de Minas, no Estado Novo, tinha que encontrar na esfera federal o prestígio que lhe faltava no Estado. Como líder do govêrno, já estêve durante dois anos sob ameaça de deposição que teria-se concretizado se dependesse o caso apenas da vontade dos dirigentes do PSD de Minas.

Se é um homem ajustado à sua vocação, tem entretanto desajustamentos com o meio ambiente, alguns dos quais já se tornaram evidentes no correr dessas impressões. Há os que chegam quase ao cômico, como o que se traduz no episódio em que êle manifestou a colaboradores seus no Ministério da Educação o desejo de mudar o nome da sua pasta para Ministério do Homem. Chegou mesmo a mandar esboçar uma estátua do Homem em tamanho gigantesco, coisa que não pôde ir avante pelo escândalo evidente que resultaria da exibição em praça pública de

Uma sinceridade veemente e brilhante a serviço de um mau govêrno — assim se pode definir a atuação política de Capanema de ontem e de hoje.

TEATRO

RETROSPECTO

A Semana em Revista



Marlene

TERIA sido um ano pródigo em espetáculos teatrais êsse que se foi? Queremos crer que não.

Mas houve um fato auspicioso, que não pode passar desapercebido, qual seja o da formação de diversos grupos teatrais, quase todos amadores e que, dessa ou daquela forma, serviram para movimentar o ambiente teatral.

O «Grupo dos Corujas», os «Quixotes» e outros, andaram brilhando em espetáculos despretenciosos e, por isso mesmo, dignos de elogios.

No Teatro de Bôlso, o «Studio 53» revelava uma equipe de gente nova, onde sobressaía a desembaraçada jovem Rosamaria Murtinho que, ao que parece, será uma das aquisições de Silveira Sampaio para o seu elenco neste nascente 1954. O «Studio» mostrou-se mesmo mais forte no naipe feminino, com Liliane Menezes, Leila e Telcy, embora as aptidões demonstradas por José Estelita e Ronaldo Melo Pinto.

O «Tablado», outro grupo amador, maravilhou a todos, grandes e pequenos, com seus espetáculos infantis. «A sapateira prodigiosa» foi um sucesso com crítica e público, sucesso que, se não chegou a se repetir em «O Boi e o Burro», também não chegou a comprometer o esfôrço louvável da diretora Maria Clara Machado.

Entre os profissionais, os que melhor se saíram foram Silveira Sampaio, com sua temporada na Cinelândia, coisa que aconteceu pela primeira vez, tendo o autor da trilogia do herói grotesco repetido seus antigos sucessos da zona sul, inclusive, «O cavalheiro sem camélias», que lançou êste ano, e a apresentação de um seu trabalho antigo, «Reginaldo, o costureiro», que reapresentou com aplausos de seu público; Oscarito, que saindo de seus trabalhos costumeiros nos palcos de revista, lançou a peça «Cupim», no Glória, mantendo-se com ela durante tôda a sua temporada. Oscarito, aliás, trazendo sua filha Miriam para a ribalta, provou que a menina seguirá o mesmo caminho do pai, pois talento é o que não lhe falta.

Morineau e os «Artistas Unidos» sofreram um rude golpe, quando um incêndio destruiu o Teatro Copacabana, queimando seus cenários e guarda roupa. Mas a Cia. foi para o República, quase em desespêro de causa, para realizar uma surpreendente carreira no teatro da Rua Gomes Freire, donde sòmente saiu há dias, para atender compromissos nas capitais dos estados.

Alda Garrido marcou um êxito, «Dona Xepa», que levou para Portugal, onde

TEATRO

passou desapercebido. Dulcina e Odilon montaram o «Imperador Galante» duas vêzes, no Dulcina e no Carlos Gomes. Marlene e Luís Delfino, êste um bom ator, tiveram uma temporada medíocre no Rival, como medíocre foi a temporada de Eva Tudor. Jaime Costa estêve numa revista de melancólica memória — «A bomba da paz». Apesar de nomes como Joana D'Arc e Derci Gonçalves a Cia. fracassou. No setor das revistas, como sempre, aliás, houve muitos fracassos, inclusive aquêle do Carlos Gomes, em que fazia parte do elenco o ator Milton Ribeiro, o excelente intérprete de «O Cangaceiro».

E aconteceu ainda «Obrigada pelo amor de vocês», que é teatro borocochô; a estréia de atores e autores novos no Duse, com muita publicidade e algum teatro; a revista «É fogo na jaca», o maior sucesso entre os espetáculos musicados em todo o ano; as aparições esporádicas de João Vilaret e a persistência de Zilco Ribeiro, que conseguiu afugentar a «caveira de burro» do Teatro Follies.



Joana D'Arc

CARTAZES

A Corista

Apesar dos reiterados convites, nosso amigo continuava a achar que não devia assistir ao espetáculo do Beguin. Alguém havia-lhe dito que era um «show» com muitas coristas bonitas, muitas «girls» despidas, jovens, lindas e inacessíveis. Tudo isso era demasiado penoso para um homem da sua idade.

E, ante a nossa surprêsa, resolveu esclarecer o seu ponto de vista. E' que estava numa idade difícil para as mulheres, já que não era tão jovem para merecer suas graças, nem tão velho para despertar sua cobiça e assim, enquanto estivesse atravessando o que êle chamava de idade transitória, preferia evitar as coristas na medida do possível.

Foi a muito custo que conseguimos convencê-lo de que um «show» de Silveira Sampaio não poderá nunca merecer a classificação de «show de girls». E foi graças a êsse argumento que, diga-se de passagem, agiu como um amortecedor na sua consciência de «homem em fase transitória», que resolveu acompanhar-nos para assistir à revistinha «Quem roubou meu samba?».

★

Ao voltarmos para casa vínhamos eufóricos, falando na riqueza das fantasias, na graça do roteiro, nos intérpretes, nos sambas. Êle apenas acenava com a cabeça, numa aprovação muda.

— E o Silveira Sampaio — insistimos — estêve esplêndido, que versatilidade o homem tem na arte de representar. Aquela imitação do «tira» investigando o roubo do samba, era magnífica.

— Magnífica — ecoou êle.

— E o Magalhães Graça também teve um desempenho ótimo.

Nosso amigo suspirou profundo e elogiou também o Magalhães Graça. Achou o «show» uma beleza, foi dizendo: Tudo: vestiário, músicas, Sampaio, Jorge Veiga, Bola Sete. Mas o que o impressionara fôra sem dúvida uma corista.

— Uma de narizinho fino, a quem o Graça dá o prêmio naquela cena do Baile do Municipal. Já pensou na possibilidade de premiar, você mesmo, uma pequena daquelas? Até o terceiro uísque fiquei meio triste, depois comecei a achar que eu bem que podia premiá-la.

— Mas você não disse que nem ia olhar para as «girls»?

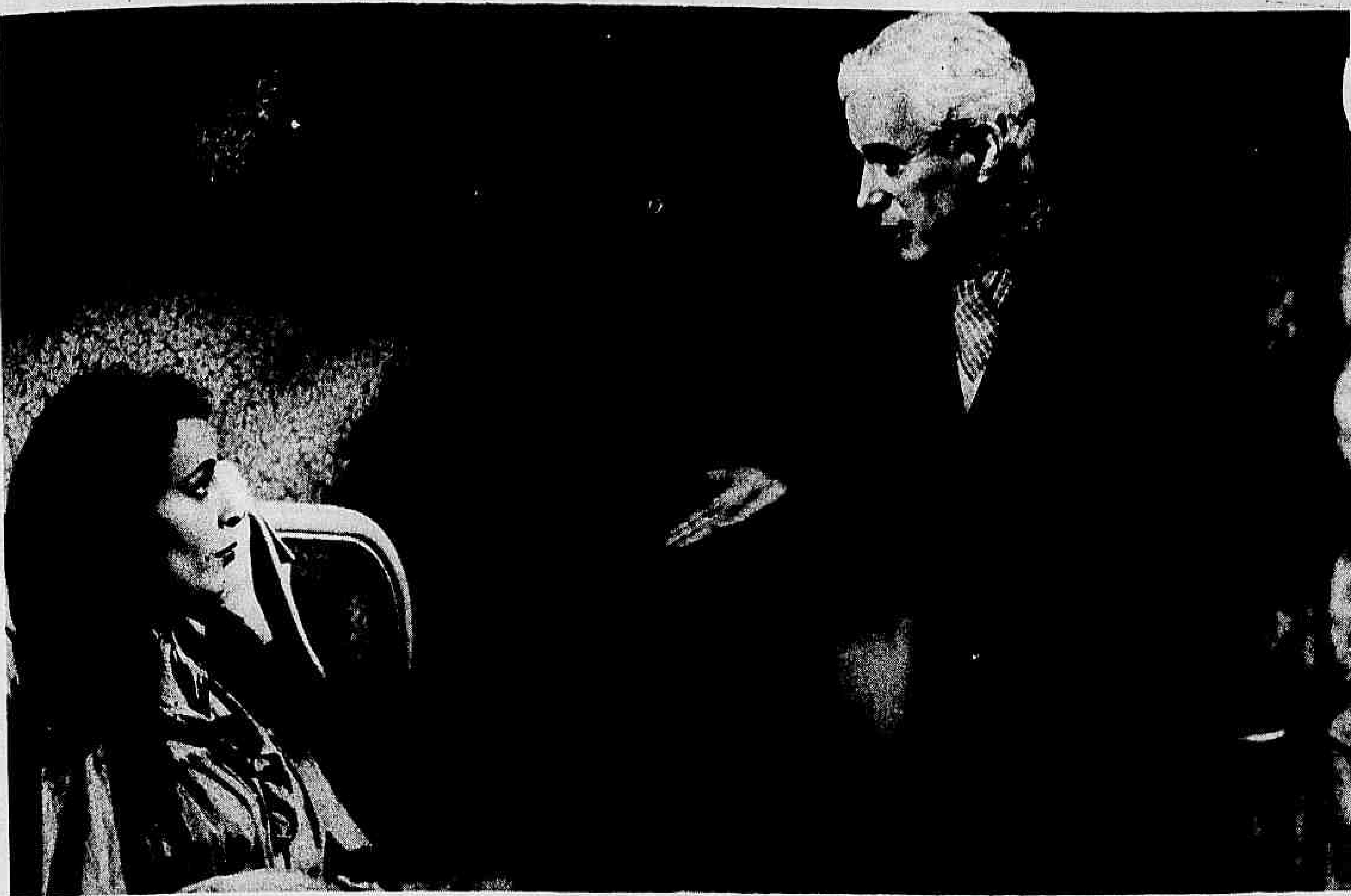
— Bem, isso foi antes de chegarmos; depois, seria impossível ignorar a presença dela. Ou, pelo menos, a presença daquela. Eu havia-me esquecido que existem «girls» com magia bastante para fazer a gente esquecer a teoria da fase transitória.

E foi ainda rindo de sua observação que chegamos à porta de casa. Despedimo-nos recusando um almôço para o dia seguinte. E já fora do táxi perguntamos:

— E amanhã depois do jantar, onde é que você pretende ir?

E êle, entre sério e surprêso:

— Ao Beguin, ver o «show» outra vez, ué!



COISAS E GRAÇAS DE SÃO PAULO

CARLOS MARIA AUGUSTO

O ano de 1953 foi muito agitado para a indústria do cinema, ameaçado que foi pelo êxito inicial dos espetáculos de cinerama e, posteriormente, pela aceitação pública do cinemascope.

Mas isso ocorreu nos Estados Unidos e êste retrospecto vai limitar-se apenas a citar as fitas exibidas no Rio durante o ano findo. Deixemos as experiências feitas no estrangeiro, as telas panorâmicas, a crise do cinema nacional ou a manutenção da inexplicável lei dos 8 por 1, e enumeremos os filmes.

Dentre os filmes estrangeiros o melhor foi mesmo «Luzes da Ribalta», que apaixonou milhões de pessoas no mundo inteiro, devido as interpretações do veteraníssimo Chaplin e da estreante Claire Bloom. Como surprêsa (agradável, aliás) nenhum outro conseguiu sobrepujar o magnífico «Rashomon», o filme japonês premiado em diversos festivais e que revelou o ator Toshiro Mifune.

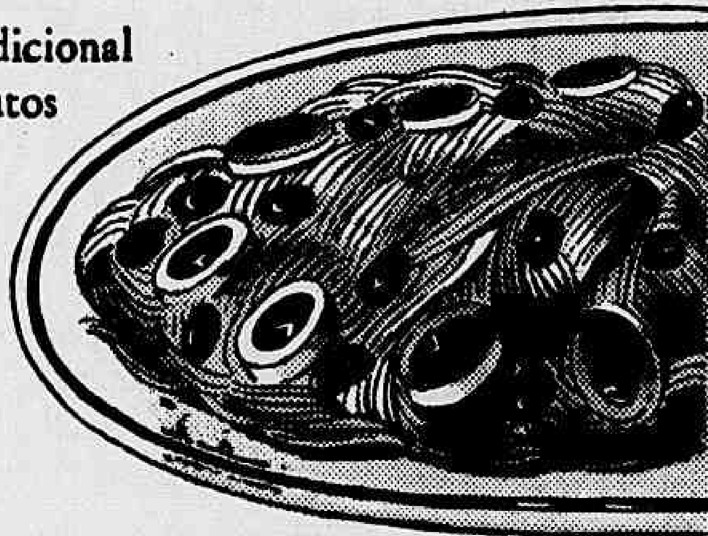
Mas a maior interpretação, queremos crer, ficou mesmo com Frederic March, com o seu impecável «Caixeiro Viajante». Enquanto que « Perdição por Amor » (Sister Carrie) veio confirmar uma porção de coisas: William Wyler é um grande diretor, Jenifer Jones uma notável atriz. Lawrence Olivier um sóbrio galã e as histórias de Theodore Dreiser, grandes argumentos cinematográficos.

Outros grandes filmes estrangeiros exibidos no Brasil foram: «Depois do Vendaval», de John Ford, com um elenco cheio de irlandeses; «Assim estava escrito», uma boa história sôbre Hollywood, com Kirk Douglas, Dick Powell, Barry Sullivan, Lana Turner e outros; «As oito vítimas», que nos revelou a versatilidade do cômico inglês Alex Guiness, ao interpretar oito papéis diferentes; «Contos de Natal», o mais belo filme de contos reunidos, contos de Dickens, aliás, tipo de fita que surgiu êste ano em grande quantidade, como o recente «Páginas da Vida», «Travessuras de casados», «Trio», Telefonema de um estranho», muito bom, «Três amôres», muito fraco, e diversos outros; «Moulin Rouge» era um filme diferente, de John Huston, com José Ferrer; «Tortura do Silêncio», com Montgomery Cliff no papel de um padre e tinha Anne Baxter num grande papel; o diretor Fred Zinemann assinou dois grandes espetáculos, como «Espíritos Indômitos» e «High Noon», aquêle uma boa surprêsa e êste trazendo de volta Gary Cooper em sua melhor forma.

Mas quase todos os filmes citados são americanos, com exceção de «Rashamon», (japonês), «Contos de Natal» e «As oito vítimas», ambos inglêses.

Citemos, portanto, os melhores de outros países, como os também inglêses «O segrêdo da tôrre» e «O beco do crime»; os italianos «O drama da linha branca», «Garôtas da Praça de Espanha», «É primavera» e «Em nome da lei»; os franceses «A... respeitosa», ótimo, mas que passou quase despercebido, e «Essas mulheres», bem mais fraco, mas de êxito estrondoso; o polonês «A verdade não tem fronteiras»; o dinamarquês «Ponto final»; o mexicano «O bruto», com o sempre eficiente Pedro Armendariz; e, finalmente, o brasileiro «O Cangaceiro», o maior sucesso de bilheteria do ano no Brasil e — inexplicàvelmente — na Alemanha.







—Macarrão qualquer um faz...

...mas você sabe que não é qualquer macarrão que proporciona uma boa macarronada. O grande segrêdo está na qualidade da massa, como a Aymoré, cuidadosamente preparada e empacotada de forma a conservar seu sabor original.

Ao adquirir massa lembre-se da tradicional qualidade dos produtos

AYMORÉ

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE

ELEIÇÕES

Por aclamação popular foi eleito rei da maconha o alagoano José Luís Carlos de Souza (quatro valises cheias da erva). O japonês príncipe Asaka enviado (falso) de Hirohito para a fundação da república japonêsa no Brasil está bebendo «saké» na Central depois de eleito rei do vigário.

POR ARES E VENTOS

Foi-se Zatopek com a taça. Chegou Ali Khan, sòzinho.

MCMXXII

O ultra-conservador René Thiollier (colarinho duro, pince-nez, luvas e guêtres) afirma: « Por mais estravagante que possa parecer, quem organizou a Semana da Arte Moderna em 1922 fui eu». Razões: alugou o Teatro Municipal para as sessões da Academia 847 mil réis); promoveu as exposições no saguão do edifício inspirado pela ópera de Paris a Ramos de Azevedo; organizou os concertos de Vila-Lôbos. Invoca o testemunho (em cartas) de Graça Aranha, Ronald de Carvalho e Paulo Prado, entre outros.

TRINDADES

No Tebecê, Tônia Carrero, Paulo Autran e Mauricinho Barroso triangulam sob as vistas de Celi. Uma trinca de cardiais (Sérgio Cardoso, Jaime Costa e Manuel Durães) ceia no Santana. Sérgio e Jaime fricoteiam no sotaque e se estatelam. A dignidade de Manuel Durães salva o agape. No final a Ceia dos Cardiais transforma-se em concêrto de música de câmara.

LIBAÇÕES

Marcelino de Carvalho, paulista de quatro mil anos, lança, profèticamente, o martini para o 5º Centenário. Eis a receita em tôda sua grandeza e majestade: ¾ de «gin» Gordon, ¼ de vermute Noilly Prat e 2 gôtas de Orange Bitter Gordon. Mexa-se com um «swizzle-stick» de madeira branca em recipiente de cristal. Depois de vasado nos cálices, queime-se, sôbre cada um, casca de pedaços de limão de modo a que as gôtas de óleo queimado façam «puff» ao caírem lá dentro. Beba-se com unção e de joelhos.

VALSAS NOBRES E SENTIMENTAIS

Raul Guastini diz que sim e diz que não a Marli Bueno.

Carmen Terezinha diz que sim a Ricardinho Fasanelo.

DESFILES

De modelos, no Guarujá. De arquitetos, com Gropius em destaque, em casa dos Warschawschik. De candidatos a governador, com o melhor Prestes Maia à frente. Também desfilam, em direções opostas, os partidários de José Anchieta e os de Manuel de Nóbrega, uns e outros jurando à fé de quem são que «o fundador da cidade foi o nosso e não o outro». Seja o que Deus quiser.



GARCEZ, SEM CRUZAR OS DEDOS:

"NÃO TENHO MÊDO DO 13 NEM DE GATO PRÊTO"

Lucas Nogueira Garcez, depois de três anos à frente do govêrno de São Paulo, melhorou em elegância. E' fato. O governador, ântes forte e mesmo quase rochunchudo, perdeu parte de seus quilos (e com êles a tranqüilidade do espírito), comandando um dos maiores caldeirões da política nacional: o Estado de São Paulo. Nascido de uma feliz temporada à frente da Secretaria de Viação da sua terra, Lucas Garcez viu seu nome elevado à categoria de primeiro mandatário de Piratininga graças às suas indiscutíveis qualidades de técnico e de homem inteligente e honesto. Há quem diga ter sido êle ingrato com o sr. Ademar de Barros, porém, seus amigos afirmam justamente ao contrário, dizendo que o seu rompimento com o chefe do PSP se deveu apenas às próprias provocações dêste último. Seja como for, o certo é que Lucas Garcez vem recebendo a solidariedade de grande parcela do povo paulista e a admiração do país inteiro.

E AFIRMA, AINDA, QUE CHEGOU MESMO A HORA DE ENFRENTAR, EM SÃO PAULO, O PROBLEMA SUCESSÓRIO ★ "SE SER GOVERNADOR É BOM? VEJA COMO EMAGRECI".

Reportagem de HÉLIO ABREU

Perguntamos e Lucas Nogueira Garcez respondeu:

P. Quais os motivos ou condições que poderiam

levar V. Excia. a concordar com a indicação de seu nome à sucessão de Getúlio?

R. Não sou candidato a Presidência da República. Em conseqüência, não discuti esquemas, possibilidades ou condições.

P. Têm v. excia. algum secretário de govêrno nomeado por indicação do Presidente da República?

R. Não abro mão do direito de escolher exclusiva e pessoalmente meus secretários de administração.

P. Mas, neste caso, não seria muita coincidência o fato de determinada escolha, neste ou naquele caso, buscar atender partidos ou facções?

R. A verdade é que o fato só existe quando os candidatos, da escolha do governador, correspondam as exigências do cargo. Desta forma, sim, é possível uma composição visando entendimentos mais estreitos com agremiações e seus dirigentes.

P. Como recebe os ataques do sr. Ademar de Barros a sua administração?

R. Como os demais ataques, isto é, democràticamente. Respondo-os, quando se trata de ponto concreto.

P. Quando se empossou, como encontrou as finanças do Estado?

R. A resposta pode ser encontrada nas mensagens enviadas a Assembléia, das quais várias se destinam a regularizar as finanças públicas.

P. Pensa ter chegado o momento de se cuidar do problema sucessório?

R. Em São Paulo, sim.

P. O governador, há dias, discursando em Tupã, dirigiu um apêlo às populações e aos responsáveis da capital e do interior, no sentido de que haja uma ampla consulta para a escolha de um candidato que exprima o desejo da maioria. Como, então, deverão se manifestar êsses responsáveis, ou melhor, como se deverá processar a consulta?

R. Através da direção dos partidos. No interior os diretórios deverão consultar os seus núcleos e encaminhar o resultado da consulta aos diretórios regionais ou estaduais. De duas uma: ou haverá concordância entre agremiações em tôrno de alguns nomes e então será possível uma aglutinação de fôrças para a escolha do candidato ou candidatos, ou não haverá essa concordância e cada um dos candidatos caminhará apenas com os grupos ou facções que os acompanhem.



Lucas Nogueira Garcez deixará de ser governador dentro de alguns meses. Mas até lá o seu trunfo político será decisivo.

P. Pensa v. excia. contar com a solidariedade dos paulistas nas próximas eleições?

R. A solidariedade não será dada ao governador. Cabe ao governante exprimir os anseios populares. E, assim, tem sido efetivamente em todos os instantes, no que me diz respeito.

P. Ao término de seu mandato pensa abandonar a vida política?

R. E' meu desejo sincero voltar à minha cátedra, na Escola Politécnica. O que acontecerá, porém, ninguém sabe prever.

P. Que acha do cargo que exerce?

R. Posso dar-lhe o meu depoimento: Estafante e, de certa forma, aniquilante. Confronte a fotografia do governador, ao ser eleito, com aquela a ser tirada na data em que terminar seu mandato.

P. V. excia. tem alguma superstição?

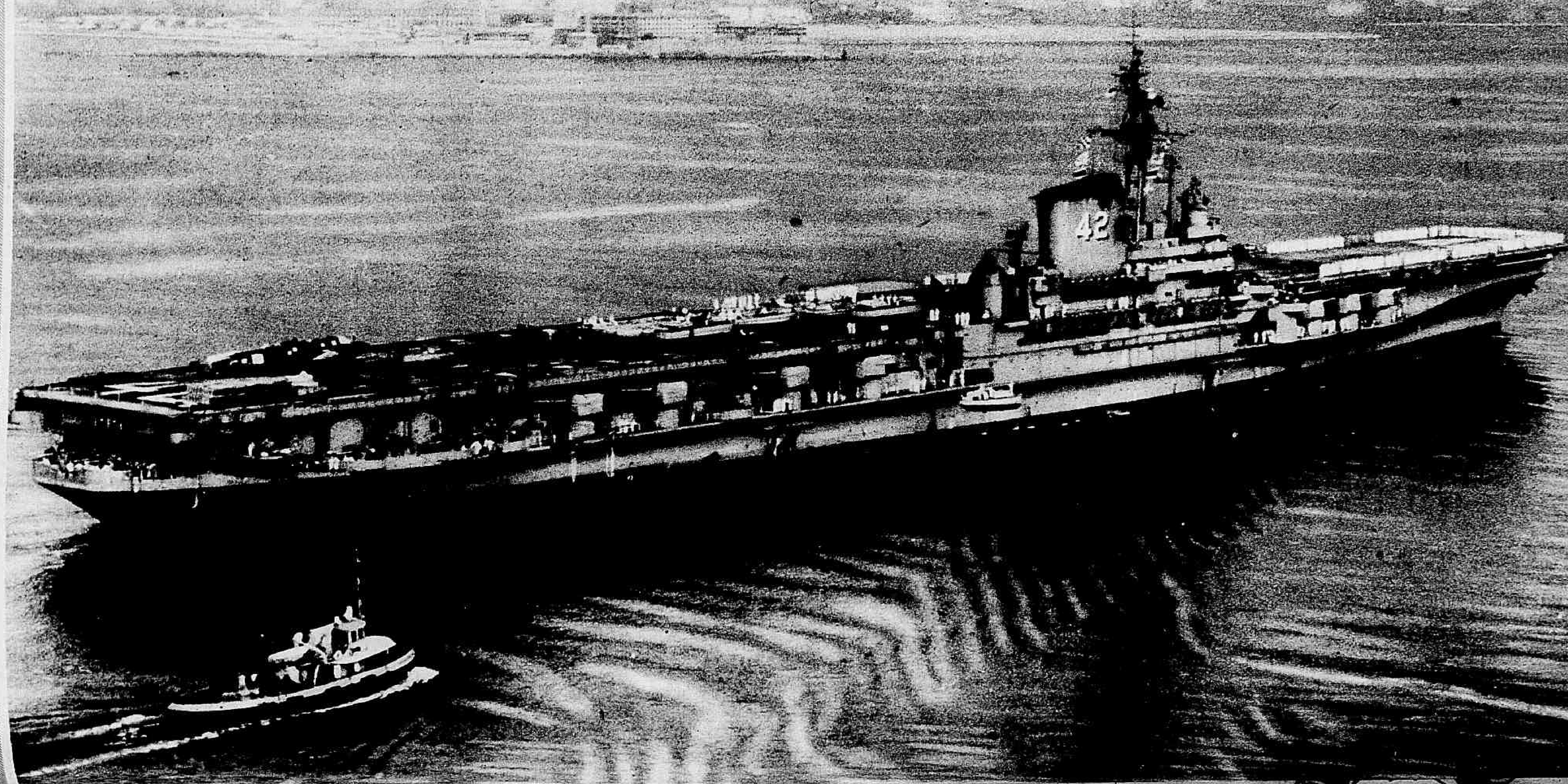
R. Não sou supersticioso. Não tenho nada contra o nº 13, por exemplo, passo por baixo de pontes e escadas e não me impressionam os gatos pretos.



Amigo de Dutra e da UND, com poderosas infiltrações no PSD Garcez é uma fôrça que não pode ser subestimada. O flagrante acima é do famoso e comentado encontro do «Galo Branco».

ÚLTIMO "FLASH"

NA GUANABARA O «SENHOR DOS OCEANOS» — Em visita não oficial, encontra-se na Guanabara o porta-aviões «Franklin Delano Roosevelt», da marinha norte-americana. O «Roosevelt», que é irmão gêmeo do «Midway», pode ser considerado, juntamente com êste último, o maior de sua classe. Desloca 45 mil toneladas e, em tempo de guerra, tem uma tripulação de 200 oficiais e 3 mil marinheiros, entre êles o pessoal de aeronáutica da marinha. Apesar de construído para pelejar contra o Japão, não chegou, entretanto, a participar do conflito, uma vez que o término das hostilidades foi encontrá-lo ainda na fase de armamento. Foi o navio capitânea das manobras que as fôrças da NATO levaram a efeito recentemente no Mediterrâneo e no mar do norte. É dotado de forte poder ofensivo, que reside na potência de seus 9 canhões de 15 polegadas e nas muitas metralhadoras antiaéreas, além da eficiência dos aviões que transporta. Seus elevadores hidráulicos têm capacidade para colocar em pista cêrca de 10 aviões por minuto, do tipo reação. Navega, a tôda fôrça, cêrca de 700 milhas diárias, e vem comandado pelo capitão de mar e guerra John S. Thach.



HÁ SEMPRE UM MINUTO DE HESITAÇÃO

- Antes de entrarmos no chuveiro
- Antes de dizermos «sim» ao padre
- Antes de comermos um pastel no botequim
- Antes de mergulharmos do trampolim
- Antes de nos declararmos a uma pequena
- Antes de perguntarmos onde é a «toilette»
- Antes de pararmos diante de uma vitrina com a noiva.
- Antes de conferirmos a nota numa «boite»
- Antes de assinarmos uma promissória
- Antes de oferecermos o último cigarro
- Antes de irmos ver um filme nacional
- Antes de avançarmos o sinal amarelo
- Antes de virarmos a cachaça
- Antes de dizermos definitivamente adeus.

Dizem que os galãs do cinema brasileiro não têm nada na cabeça, mas, por favor, reparem a sua cabeleira!

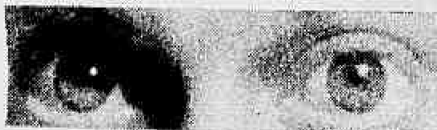


Flagrante de Zatopek, em 1/10.000, com flash eletrônico. Nem assim.



Ilustrado por PIQUÍ

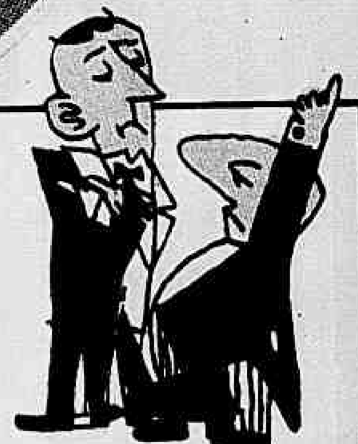
PONTOS DE VISTA



CARANGUEIJO é um animal que para ir pra frente tem de andar pra trás.

PULE é um papèlzinho que a gente sempre rasga depois de correr o páreo.

BALIZA é uma rêde com um quíper na frente e um fotógrafo atrás.



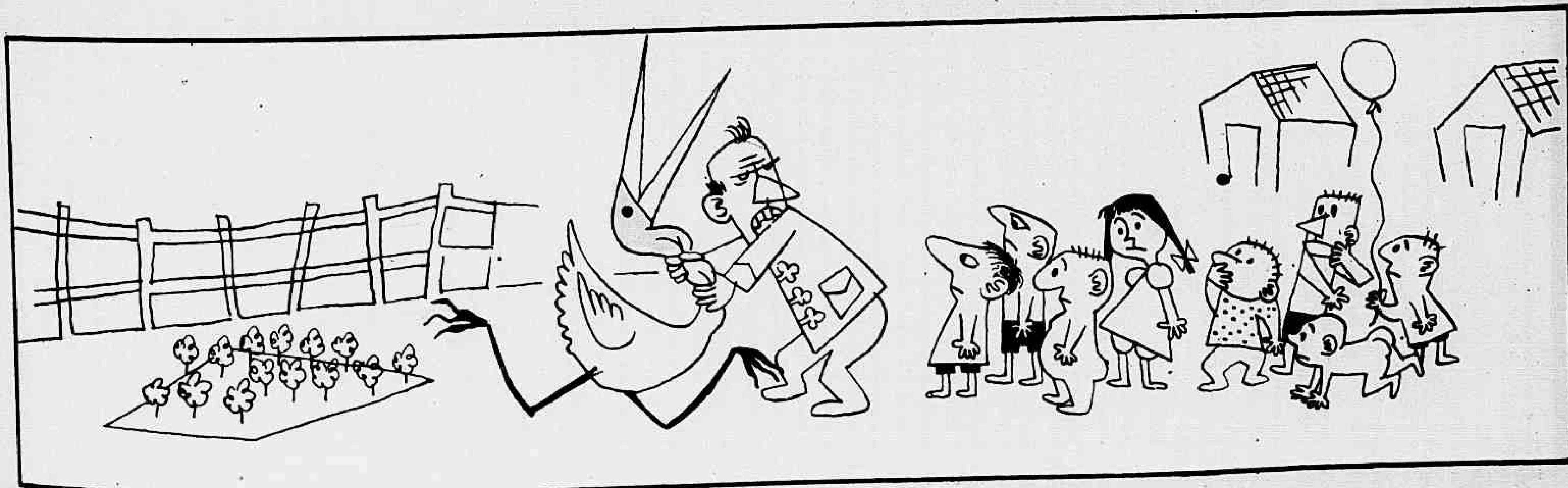
— Bote um anúncio no jornal procurando outro mordomo. Acabei de despedir o Mário.
— Agora estou com preguiça.
— Então bote dois anúncios. O outro é para substituir você.



POSITIVAMENTE ERA UM BOXEUR AS AVESSAS: AO INVÉS DE DESCANSAR E DORMIR ANTES DAS LUTAS, PASSAVA O DIA INTEIRO TREINANDO E DORMIA NA LONA.



SEMPRE QUE SE CANDIDATAVA A UM EMPRÊGO IA DE BIQUINI. NÃO ARRANJAVA O EMPRÊGO MAS SEMPRE GANHAVA UM VESTIDO.



— Pronto, acabei de matar a cegonha. Agora quero ver a desculpa que sua mãe vai dar!



★ MEDICINA ★ MECÂNICA ★ AVIAÇÃO ★ ARQUITETURA ★ TESTES ★
O MAIS COMPLETO
E EXATO
RETRATO do MUNDO
ALMANAQUE
34.º ANO
1954
HISTÓRIA ★ LITERATURA ★ POLITICA ★ RELIGIÃO ★ CIÊNCIA ★ ASTROLOGIA
ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES
★ AVENTURAS ★ EX-LIBRIS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ ESTATÍSTICAS ★